This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

~~ARA 68 A. 1~~
~~327 K 16~~

REP. P. 564

MONUMENTOS

DAS

ORDENS MILITARES

DO

TEMPLO E DE CHRISTO

EM

THOMAR

Memoria historico-descriptiva, seguida de uma noticia sobre alguns artistas das respectivas obras

POR

José Antonio dos Santos

LISBOA
TYP. DA BIBLIOTHECA UNIVERSAL
Rua dos Calafates, 93
1879

327 K. 5

Ninguem decerto ignora que nos annaes das nossas glorias figuram singularmente os illustres e valorosos cavalleiros das ordens militares do Templo e de Christo. Os primeiros, verdadeiros heroes da edade-media, ajudaram, em guerra sem tregoas, o fundador da monarchia e seus quatro immediatos successores a libertar esta parte da peninsula do jugo sarraceno. Seus representantes os segundos, sustentaram dignamente a fama e gloria que herdaram, illustrando-se por suas acções nos campos de batalha, e adquirindo depois outro genero de gloria, ainda mais invejavel, quando ao aceno de seu mestre, o immortal infante D. Henrique, se lançaram ousados a affrontar as iras do Oceano e a desvendar seus

mysterios, em demanda de terras até então desconhecidas.

Estas instituições, a quem Portugal e até a sciencia tanto devem, obedecendo á fatal eterna lei da evolução social, decaíram e morreram, ao desapparecerem as ideas e as necessidades que as crearam. Ficaram-lhes porem esses venerandos padrões, que, campeando altivos, tem visto desfilar os seculos e parecem dizer a quem os contempla: — nós somos a luz que impede a escuridade e o olvido de encobrir uma longa serie de memorias gloriosas, uma extensa lista de nomes illustres!

E não é somente sob o ponto de vista historico que se admiram e veneram os monumentos de Thomar. A grandeza e magestade da construcção, a variedade, riqueza e magnificencia da architectura e da esculptura que ostentam os edificios, contribuem não menos poderosamente para attrahir um grande numero de visitantes de todos os pontos do paiz.

Para estes, para os que apreciam as glo-

rias patrias, ha muito se sente a falta d'um livro que exponha o que as paredes não dizem e recorde o que n'uma simples visita ou exame a memoria não pode fixar.

Foi este trabalho que nos propozemos desempenhar. Não o fizemos conforme o assumpto merecia e requeria, mas como foi compativel com a exiguidade das nossas forças e recursos.

J. A. Santos.

PARTE HISTORICA

I

Fundação da ordem do Templo

Na edade media o sentimento religioso, embora mal comprehendido pela ignorancia ou transtornado pela superstição, era o que predominava. A religião assumira a tarefa sagrada de refrear a barbaridade dos povos, e estes não conheciam outro guia mais poderoso na sua conducta privada e publica.

Os christãos, qualquer que fosse o paiz em que nascessem, olhavam como sua patria commum Jerusalem, logar sanctificado pela realisação dos grandes mysterios da redempção. As creanças começavam a ouvir falar d'ella sobre os joelhos das mães; os mysticos viam n'ella a imagem da cidade celeste; por toda a parte os fieis repetiam os canticos de saudade que lhe dirigiam os hebreus exilados, ou que faziam retumbar no seu recinto por occasião das solemnidades religiosas e nacionaes. As rosas de Engaddi, os cedros do Libano, os orvalhos do Germon, as aguas do Jordão e as tranquillas ondas do Thabor, as oliveiras de Gethsemani, não

lhes eram menos familiares que o campo natal, a collina e o rio, testemunhas dos seus brinquedos da infancia.

Não é pois para admirar que desde os primeiros tempos do christianismo se dirigisse para aquelles paizes grande numero de peregrinos. Entretanto este numero augmentava ou diminuia conforme as epocas e o grau de segurança que offereciam os paizes que tinham de percorrer. Nas proximidades do anno 1000, quando se julgava imminente o fim do mundo, todos á porfia davam ou vendiam bens, que em breve tinham de perder, para irem morrer nos logares onde morrera Christo, na visinhança do valle onde depois devia ser julgada a humanidade reunida. A partir d'este instante o numero dos peregrinos augmentava.

Por esta epoca estava a Palestina sob o dominio dos arabes, que, se umas vezes pareciam tolerantes para com os christãos, outras vezes o menor incidente lhes servia de pretexto para os perseguir e matar; de maneira que n'esta situação não podiam os peregrinos viver tranquillos entre elles.

Aggravou-se ainda o perigo pela invasão dos seldjucidas, cuja energia septentrional veio retemperar o zelo relativamente intibiado dos arabes do meio-dia. Avidos e ferozes, não poupavam nenhum genero de oppressão aos christãos que habitavam

a Palestina ou ahi se dirigiam por devoção. A Europa inteira repercutia os lamentos pela sorte dos padres e do patriarcha, arrancados ao altar para serem lançados na prisão; das mulheres sujeitas á violencia brutal; das creanças, circumcidadas aos milhares e educadas na crença de Mahomet.

Então o imperador de Constantinopla reclamou auxilio do Occidente contra os inimigos do christianismo; o papa Gregorio VII juntou a sua voz á d'elle, exhortando os christãos a reunir-se sob o estandarte da cruz; parece que tencionava pôr-se elle mesmo á testa dos *cruzados*. Cincoenta mil guerreiros comprometteram-se a seguil-o; porém outros interesses o detiveram e a empreza ficou sem effeito. Este pensamento foi proseguido pelo seu successor Victor III, mas parece que estava reservado a um homem obscuro fazer saltar a primeira faisca, que devia incendiar os materiaes já preparados.

Pedro, cognominado o *Eremita*, tendo feito tambem a peregrinação a Jerusalem, o aspecto dos santos logares commoveu-o vivamente e tanto mais, quanto a sua devoção e imaginação era das mais ardentes. Regressa á Europa decidido a incitar os bravos do Occidente a vir libertar a Terra Santa. Dirige-se a Roma e vae beijar os pés a Urbano II; o papa, determinado pela linguagem inspirada do Eremita a realisar o designio dos seus predeces-

sores, dá-lhe a benção e encarrega-o de ir prégar a guerra santa.

O Eremita percorre a Italia, a França, a Europa, e o poder da sua voz faz reunir um numeroso exercito de fieis oriundos de diversos paizes, que, apezar da falta de disciplina, dos males que os opprimiram e das perdas que soffreram em tão longa e difficil jornada, conseguiram assenhorear-se de Jerusalem e da Palestina (1099).

Vencedora esta primeira cruzada e reconhecendo a necessidade de consolidar o seu dominio, resolveram restaurar o throno de David e n'elle collocar um rei. A escolha unanime recaiu sobre Godofredo de Bouillon, que, no decurso da expedição, se abalisára por um valor prodigioso. Jurou sobre o santo sepulchro respeitar a honra e a justiça; mas recusou cingir a corôa real onde Jesus Christo tivera uma de espinhos. Este monarcha, unanimemente qualificado como um perfeito senhor, reunindo a prudencia, a doçura, a coragem, a magnanimidade e essa humilde devoção que destingue os cruzados dos outros heroes, teve infelizmente um curto reinado, pois que apenas durou um anno. Todavia n'esse breve espaço de tempo soube assegurar a conquista estabelecendo a ordem, organisando a administração do paiz por meio de leis sabias e obtendo successivos triumphos sobre os mussulmanos, que elle desapossara

da Palestina. Os devotos que, depois de visitar a Terra Santa, regressavam á patria, celebravam os louvores do piedoso Godofredo, que sabia manter tranquilla e respeitada a singular colonia de christãos, que lhe obedecia. Voltava de uma expedição, quando o emir de Cesarea lhe offereceu fructos para se refrescar; acceitou uma cidra e poucos momentos depois rendeu o ultimo suspiro.

Succedeu-lhe seu irmão Balduino. O segundo rei de Jerusalem já não era um cruzado piedoso e humilde, mas um espirito ambicioso, animado pelo desejo de ultrapassar em fausto os seus compatriotas e de rivalisar com os principes do Oriente. Entretanto soube manter-se durante dezoito annos de reinado no meio de muitos inimigos exteriores, que de todos os lados ameaçavam a nova monarchia, e proseguiu com feliz successo nas emprezas militares de seu antecessor, desbaratando por vezes os infieis e tomando-lhes cidades, com que dilatava a area do seu dominio. Na conquista da Ptolemaida em 1104 foi Balduino auxiliado por uma armada genoveza em que vinha tambem o conde de Portugal D. Henrique. «As acções do conde no Oriente (diz A. Herculano) encobre-as escuridade completa, e todas as conjecturas a este respeito seriam infundadas.» Balduino I, regressando d'uma expedição do Egypto, morreu, depois

de ter designado seu primo Balduino du Bourg para seu successor.

Sob o governo de Balduino II, o reino de Jerusalem tocou o apogeu. Porque, com quanto o caminho que das extremidades da Europa conduz a Jerusalem, estivesse juncado com as ossadas de grande parte dos seis milhões de europeus, que tomaram a cruz durante o periodo da primeira cruzada; comquanto se ouvisse a narração das suas miserias intercalada com a de seus feitos; tudo isto, longe de afrouxar a coragem, estimulava muitos christãos a imital-os. Diversos paizes da Europa forneciam sempre novas levas de bravos, que se dirigiam á Palestina, para auxiliar a consolidação e engrandecimento do reino christão.

Não cessava nem diminuia tambem o ardor das peregrinações de devotos não guerreiros, que pareciam não querer ceder em zelo aos mussulmanos, que para visitar Meca se expunham ás mais rudes fadigas. Milhares e milhares de peregrinos sahiam da terra natal, entoando o *Veni Creator*, só para visitar os logares santos e orar junto do santo sepulchro. Porem a maior parte dos que resistiam ás fadigas e perigos de tão longa e penosa viagem, e chegavam emfim á Terra Santa, eram atacados pelos mussulmanos, que infestavam os caminhos para roubar e maltratar, e muitas vezes fazer captivos ou assassinar, vingando

assim nos miseros peregrinos as affrontas recebidas dos guerreiros christãos.

Os illustres cavalleiros Hugo de Payens e Godofredo de Saint-Omer resolveram organisar uma associação militar e religiosa, que, á obrigação de fazer guerra sem treguas aos infieis, ajuntasse a de velar e combater pela segurança dos peregrinos.

A estes cavalleiros adheriram desde logo mais sete, todos francezes segundo pretendem os escriptores d'esta nação, mas dizem os nossos que um delles era portuguez e se chamava Arnaldo da Rocha.

Foi em 1118 que os nove cavalleiros fundaram esta ordem, jurando perante o patriarcha de Jerusalem consagrar a sua vida ao culto divino em communidade, e as suas armas á defensa da fé, e pronunciaram os tres votos — pobreza, obediencia e castidade. Balduino II, que n'esse anno subira ao throno de Jerusalem, louvou tão generosa dedicação, armou elle mesmo os novos frades-soldados e deu-lhes para habitação uma casa edificada perto do Templo de Salomão, d'onde tomaram o titulo, primeiramente de *irmãos da casa do Templo,* depois de *ordem do Templo, templarios* ou *cavalleiros do Templo,* sendo Hugo de Payens o seu primeiro grão mestre.

Eis a origem d'esta notavel milicia que tanta celebridade adquiriu por seus heroicos feitos e tam-

bem pelos excessos a que por fim a levaram as más paixões e corrupção de costumes, contribuindo poderosamente para a sua ruina.

E sendo, como vimos, uma instituição devida ás ideas e necessidades da epoca; tendo nascido da associação da Egreja e da cavallaria, da guerra com a devoção; achando-se ligada intimamente com as cruzadas; importa não a abstrahir d'este conjuncto de factos e circumstancias para que se comprehenda a sua existencia.

II

Instituto e engrandecimento progressivo da ordem

O instituto d'esta ordem era, como dissemos, servir a Deus nos campos de batalha, combatendo os infieis, e acudir aos peregrinos nas estradas, defendendo-os e perseguindo os ladrões e malfeitores.

No principio era a ordem tão pobre que um cavallo servia para dois cavalleiros, e o patriarcha e o rei de Jerusalem acudiam ás suas necessidades. Mas a valentia e generosa dedicação dos nove cavalleiros em breve echoava em toda a Europa. Todas as cidades, todos os castellos expediam dinheiro e vivêres para estes piedosos guerreiros. De diversos paizes corriam tambem numerosos mancebos, pertencentes a familias nobres, para se alistarem entre os novos campeões da fé, que constituiam uma cruzada permanente e eram um modelo de virtudes cavalheirescas.

Assim augmentou a ordem rapidamente, e adoptando os seus membros a regra que S. Bernardo

lhes redigira, tinham uma vida austera e exemplar.

A regra impunha-lhes exilio perpetuo da patria; guerra sem treguas aos infieis, com obrigação de acceitar combate ainda que fossem um contra tres; nunca pedir quartel nem dar resgate.

Deviam usar os cabellos cortados rente, a barba erriçada e empoeirada; ennegrecidos pelo sol e pelo ferro, deviam presar os cavallos fogosos, porém não ornados de jaezes bordados nem de ricas gualdrapas. Cada um dos cavalleiros podia ter tres cavallos e um escudeiro.

Vestiam habito branco com uma cruz vermelha. O branco das vestes tinha por fim, como emblema da pureza, trazer-lhes sempre presente o voto de castidade, e a cruz vermelha devia ordenar-lhes o juramento de consagrarem suas armas forças e vida á defensa da fé.

Como ordem militar tinham um estandarte a que chamavam *balsão*. Era preto e branco, symbolisando a morte e a vida: a morte dos infieis, a salvação dos christãos. No centro tinha tambem uma cruz vermelha e em volta d'ella uma letra com estas palavras de David: *Non nobis, Domine, non nobis sed nomem tuo da gloriam* (não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a gloria).

A sua habitação foi-se convertendo em fortaleza; nos sitios em que os outros monges suspen-

diam cilicios, lampadas, imagens de santos, punham elles armaduras e estandartes tomados ao inimigo; em vez do sino tocando a matinas, era a trombeta que os chamava a montar a cavallo e correr impetuosamente contra o descrente. Viam-se prevenir as invasões dos mussulmanos, fazer de tempos a tempos incursões nas suas terras; combatel-os não com uma guerra de estratagemas e emboscadas, mas ao som da trombeta e de bandeiras desenroladas; irem finalmente ao encontro das caravanas que chegavam da Europa, para escoltal-as até que chegassem em segurança ao santo fim da sua viajem. Os peregrinos, que temiam a cada passo o ataque dos turcos, ficavam animados desde que avistavam ao longe o manto branco dos templarios. Nas batalhas uns collocavam-se na vanguarda, o resto ia tomar a rectaguarda, para deixarem no centro os guerreiros recentemente desembarcados, que não estavam ainda habituados á tactica do paiz. Pouco cuidadosos com suas pessoas, muitas vezes depois da batalha e da victoria, cada um, como o samaritano do Evangelho, esquecia o sangue e o pó que o cobria, para derramar primeiro o balsamo e o vinho nas feridas que tinha feito.

E a Europa admirava com razão n'estes heroes a coragem como guerreiros e não menos a caridade como christãos. E, esforçando-se em lhes pro-

var a sua admiração, o seu respeito e o seu reconhecimento, não receava tornar-se em grande parte culpada de que o voto de pobreza, que a elles impunha o dever de despresarem os bens da terra em breve deixasse de ser cumprido. «Perguntae á Europa inteira (dizia o grão-mestre Jacques de Molay na sua defesa da ordem, dois seculos mais tarde) perguntae á Europa inteira, porque razão os principes e os povos recompensaram, voluntariamente, a coragem e dedicação dos templarios; perguntae aos christãos do Oriente, porque razão imposeram á nossa pobreza parte dos seus opimos despojos; perguntae aos infieis da Syria, porque razão deixaram ficar em nossas mãos ensanguentadas as armas mais preciosas, as joias mais valiosas, as maravilhas mais resplandecentes; *Vinde tomal-as!* gritavam elles; e nós as tomavamos combatendo!»

Poucos annos se conservou a ordem limitada á Palestina. Não obstante o fim especial do seu instituto, os templarios dividiram-se por varias provincias tanto no Oriente como na Europa, sendo n'esta a ordem confirmada em 1128 pelo concilio de Troyes. Entre os diversos paizes em que se introduziu, Portugal e Aragão foram dos primeiros que a receberam.

A lucta porfiosa, em que na peninsula hispanica andavam então empenhados christãos e mouros, of-

ferecia aos cavalleiros do Templo vasto campo para jexercerem o seu valor, cumprindo assim um dos uramentos que os ligava á ordem.

E, com effeito, a peninsula em breve foi para elles um theatro de gloria como a Palestina.

A fama dos seus heroicos feitos impelliu para o seio d'esta milicia muitos mancebos pertencentes a famlias illustres e opulentas dos diversos reinos em que se achava admittida.

D'est'arte se ramificou e engrandeceu a ordem tanto em relação á multiplicidade dos conventos a que davam o nome de templos e ao augmento das riquezas, como relativamente ao numero e illustração dos seus cavalleiros. A importancia dos seus serviços militares, a aureola da gloria e finalmente as relações de familia dos seus membros mais distinctos por nascimento deram-lhe tambem uma influencia sempre crescente nas regiões politicas dos estados.

Chegou a tão subído gráu de esplendor, opulencia e poderio, que mais se assimilhava a um estado soberano que a uma instituição religiosa. O seculo seguinte ao da fundação viu-a na posse de nove mil commendas cujo rendimento se avalia em mais de vinte mil contos de réis; viu-a senhora de muitas povoações importantes e de grande numero de castellos e praças fortes bem municiadas e guarnecidas; viu emfim os seus grão-mestres hombrean-

do com os principes em jerarchia e respeitos e excedendo-os em fausto e magnificencia.

Porém, á medida que a ordem do Templo caminhava para o apogeu da sua grandeza, ia a disciplina afrouxando e decaíndo, as virtudes degenerando em vicios. Eram passados apenas trinta annos depois que os templarios tinham recebido a regra das mãos de S. Bernardo, e já este lhes exprobrava o excessivo luxo e a ambição e avidez com que procuravam elevar-se e enriquecer-se. «Cobris os cavallos de seda e revestis as couraças com estranhas vestes fluctuantes; pintaes as lanças; ornaes de ouro, prata e pedrarias os escudos, sellas, freios e esporas; sendo necessario ao guerreiro mostrar-se valoroso, destro, circumspecto, agil na carreira, prompto nos golpes, embaraçaes a vista com a cabelleira ondeante; difficultaes os passos com as longas tunicas; sepultaes as delicadas mãos sob as largas mangas. Entre vós surge a desarrazoada colera e o vão desejo da gloria e a sêde dos bens terrestres»

Quando em 1187 perderam o templo de Jerusalem, escolheram outro menos exposto, em Paris, no bairro que ainda conserva o seu nome (*do Templo*). Os privilegios concedidos pelos papas e pelos reis e as riquezas da ordem inspiraram aos filhos segundos das familias mais distinctas da Europa o desejo de serem n'ella admittidos, não já para

defender a Terra Santa e os peregrinos, mas para levar uma existencia aprazivel e engolfarem-se nos prazeres licenciosos.

O virus que tem destruido corporações importantes, como esta, e até nacionalidades inteiras, quando chegam á maxima florescencia, inoculara-se tambem na ordem do Templo, e a corrupção, uma vez manifestada, não deixára de progredir, como acabamos de ver.

E a tal ponto ella chegou, de tal modo desvairou e cegou estes cavalleiros que até não hesitaram em levantar contra christãos as armas que tinham tomado com juramento solemne de as empregarem na defensa da fé e no exterminio dos infieis.

Vimos d'este modo os cavalleiros do Templo darem asilo a um sultão fugitivo, fazerem guerra aos reinos christãos de Chypre e de Antiochia; devastarem a Thracia e a Grecia, e, finalmente, por causa das suas rivalidades com os cavalleiros da ordem do Hospital, que mais tarde se intitulou de S. João de Jerusalem, e depois de Malta, perturbarem a Palestina e perseguirem os seus adversarios a ponto de arremessarem frechas contra a propria egreja do Santo Sepulchro que aquelles cavalleiros então guardavam e serviam.

Assim caminhava esta corporação de abuso em abuso, aberrando completamente dos fins para que

foi creada; e, seguindo rapida a marcha da decadencia, naturalmente terminaria por se esphacelar e perecer, se, antes de chegar esse momento, mão potente e ousada a não fizesse acabar subitamente, ferindo-a do golpe mortal.

Porém, antes de referirmos a catastrophe que lançou no abysmo das instituições extinctas a mais poderosa ordem de cavallaria que tem existido, fallaremos sobre a sua entrada e existencia em Portugal.

III

Os cavalleiros do Templo em Portugal. Castello e residencia capitular da ordem em Thomar.

Os annaes dos templarios em Portugal fazem parte da historia da fundação da monarchia e da libertação d'esta terra do poder dos sarracenos. Equivale isto a dizer que n'estes annaes apparecem lacunas que ainda nenhum chronista ou historiador preencheu, e logares escuros onde se tem perdido em conjecturas alguns escriptores que tem tractado d'esta celebre ordem monastico-militar, dando logar a opiniões encontradas sobre muitos factos que lhe dizem respeito.

O primeiro ponto de duvida é a epocha em que a ordem se introduziu n'este paiz. Tem sido objecto de controversia se foi sob o governo do conde D. Henrique, se no de D. Thereza, sua esposa, depois de viuva, se no de seu filho D. Affonso Henriques, antes ou depois de ser acclamado rei.

Para refutar a primeira opinião e mostrar que ella é até inadmissivel, basta a comparação da data

em que o conde D. Henrique morreu (1114), com a da fundação da ordem do Templo em Jerusalem, que é posterior; pois só teve logar em 1118, como dissemos. Da mesma forma, se os templarios tivessem entrado em Portugal depois de D. Affonso tomar as redeas do governo, não poderiam ter recebido do D. Thereza, como soberana, as primeiras doações, cujos documentos originaes se guardavam no cartorio do convento de Thomar. Entre elles citaremos a doação do castello e terra de Soure feita aos templarios por D. Thereza, com data de março de 1128.

É pois fóra de duvida que estes cavalleiros entraram em Portugal sob o governo de D. Thereza, na menoridade do infante D. Affonso. A questão limita-se agora ao anno preciso em que se realisou aquelle acontecimento. O sr. Vilhena Barbosa diz que se sabe por documento authentico que a ordem do Templo já existia no paiz em 1126; outros asseveram, com fundamento ou sem elle, ser esse o anno em que foi admittida. Entretanto é indubitavel que a ordem entrou n'este paiz antes de ser confirmado o seu instituto pelo concilio de Troyes, celebrado em 14 de janeiro de 1128.

A ordem do Templo, espalhando-se da Palestina por diversos paizes da Europa, teve necessidade de eleger um chefe ou governador da ordem em cada paiz em que ella se achava admittida.

Estes chefes tinham o titulo de mestres provinciaes ou simplesmente mestres, e estavam subjeitos á auctoridade do grão-mestre, que residia em Jerusalem.

Quem foi o primeiro mestre dos templarios em Portugal? Eis outro ponto controverso. Quasi todos os nossos escriptores nomeiam, como tal, a D. Gualdim Paes; todavia o erudito auctor do *Elucidario* cita differentes escripturas que existiam no cartorio de Thomar, e outras que se devem guardar em outros archivos do reino, d'onde este escriptor deduziu que D. Gualdim Paes fôra o sexto mestre da ordem do Templo. Nas alludidas escripturas figuram ou se assignam em differentes datas cinco cavalleiros, que Viterbo considera como mestres que antecederam D. Gualdim; mas a diversidade de titulos, como *magister, preceptor e procurator,* faz-nos entrar em duvida se todos seriam realmente mestres ou não. Viterbo pretende que estes titulos eram equivalentes; admittindo porém que *magister* e *perceptor* sejam a mesma coisa, *procurator* não pode sem hesitação considerar-se assim. Este vocabulo designa um individuo encarregado somente de procurar ou tratar quaesquer negocios e não revestido de auctoridade governativa. Alem d'isto consideramos que, enriquecendo-se a ordem por meio de numerosas e importantes doações regias e particulares, havia

de forçosamente ter necessidade de crear o cargo de procurador na accepção restricta que hoje lhe damos; cargo que devia ser incompativel com as altas e variadas funcções de mestre. Entretanto os recursos de que dispomos e as proporções que destinamos a este livro, obrigam-nos a pôr de parte esta questão, deixando a difficuldade de esclarecel-a a quem com o devido desinvolvimento se propozer escrever a historia da ordem do Templo em Portugal.

Admittindo pois como verdadeira a opinião de Viterbo, o primeiro mestre de que resta memoria nos referidos documentos é D. Guilherme Ricardo, o segundo D. Raymundo Bernardo.

Sabe-se que este em 1128 vivia com seus cavalleiros em Braga onde tinham residencia, talvez a primeira que possuiram em terra portugueza. Foi elle que acceitou de D. Thereza a doação do castello e terras de Soure, que então ficavam na fronteira do territorio dos mouros. D. Affonso Henriques renovou e ampliou esta doação. «Os monges cavalleiros (diz A. Herculano) cujo enthusiasmo e valor em parte nenhuma se desmentiam, e cujo instituto era o pelejar sem descanço contra os sectarios do islamismo, haviam em poucos annos mudado o aspecto d'aquelles arredores. Cobriam então extensos bosques e mattos o tracto de terra que hoje forma a Extremadura alta, e

Affonso Henriques devia ceder com facilidade estes desertos, que eram como uma barreira natural entre as duas raças inimigas a essa ordem composta inteiramente de esforçados homens de guerra. Com a espada n'uma das mãos e com a enxada ou alvião na outra elles foram gradualmente contendo ou castigando as correrias dos sarracenos, e desbravando ou povoando aquelles arredores.»

Foi terceiro mestre D. Pedro Froilar em 1140; e quarto D. Hugo de Martonio em 1143.

Sob o governo d'este ultimo, em 1144, o wasir ou kayid de Santarem, Abu-Zakaria invadiu as fronteiras christãs e aproximou-se de Soure. Sahiram a encontral-o os templarios, mas foram desbaratados, ficando a maior parte d'elles captivos. Em breve tiveram os cavalleiros occasião de se vingar d'esta derrota, acompanhando D. Affonso Henriques e combatendo a seu lado na expugnação da mesma Santarem, uma das mais fortes praças de guerra em que tremulava o pavilhão mussulmano. N'esta empreza ousadissima adquiriram os templarios muita gloria pela maneira como se houveram. Tomada Santarem aos 15 de março de 1147, D. Affonso Henriques, em cumprimento do voto que fizera, doou á ordem do Templo a jurisdicção ecclesiastica d'aquella povoação.

Em outubro d'este mesmo anno realisou-se a

conquista de Lisboa, na qual os templarios tambem auxiliaram o guerreiro monarcha. Investido D. Gilberto na dignidade de primeiro bispo de Lisboa, entendeu que lhe devia pertencer a jurisdicção de Santarem, que a ordem do Templo usufruia; e por isso intentou uma questão contra ella, allegando que o voto do rei era nullo. Correu grande e prolongado litigio no paiz e em Roma, até que afinal el-rei D. Affonso lhe poz termo, persuadindo os templarios a cederem aquella jurisdicção, recebendo o castello e territorio de Ceras. Os cavalleiros annuiram e lavrou-se o titulo de doação em fevereiro de 1159. Era a esse tempo mestre do Templo D. Gualdim Paes, que succedera n'esse cargo a D. Pedro Arnaldo em 1157. E foram estes os dois primeiros mestres portuguezes que teve a ordem n'este reino.

A respeito de D. Gualdim Paes não resta a menor duvida de que fosse mestre dos templarios e natural d'este paiz. A historia não se limitou a archivar somente o seu nome e titulo, escriptos em doações e outros documentos; guardou e commemorou tambem as suas acções, gravando-as no marmore.

Nasceu este valoroso mestre em uma aldeia proxima de Braga, chamada *Marecos*, hoje *Amares*, em 1118, anno em que se fundou a ordem. Em 1139 foi armado cavalleiro por D. Affonso Henri-

ques no campo d'Ourique. Partiu depois para a Palestina onde entrou na ordem do Templo, illustrando-se durante cinco annos nas guerras contra os soldões da Syria e do Egypto. Regressando a Portugal ao fim d'esse periodo, foi feito commendador da casa que os templarios tinham em Braga, provavelmente na rua que ainda hoje se chama de D. Gualdim. Em 1152 foi feito commendador de Cintra, e cinco annos depois elevado a mestre da ordem n'este reino.

E foi sob o seu longo e esclarecido governo, que a ordem teve em Portugal o maior impulso e mais rapido engrandecimento.

Em 1159 fez-lhe D. Affonso Henriques a doação do castello e territorio de Ceras, como acima dissemos. Precederam e succederam a estas muitas outras doações de terras e castellos, feitas á ordem pelo mesmo soberano em recompensa dos muitos e valiosos serviços que os cavalleiros lhe prestaram, auxiliando-o nas suas incessantes e arrojadas emprezas contra os mouros.

Entre os castellos que lhe foram doados, figura o celebre castello de Almourol, fundado pelos romanos sobre os escarpados rochedos que se erguem do meio do Tejo, quazi em frente de Tancos, e levantado das ruinas em que então se achava por D. Gualdim Paes.

Empregando toda a diligencia e actividade em

assegurar e defender contra os sarracenos os territorios doados á ordem, appressou-se D. Gualdim a edificar nas terras pertencentes ao senhorio de Soure o castello de Pombal, e nas de Cera ou Ceras, alem de uma fortaleza, a egreja que havia de servir de cabeça á ordem.

N'este territorio, n'um sitio a duas leguas ao sul do castello, se viam ainda alguns vestigios da antiga cidade de Nabancia, que florescêra no tempo da dominação dos romanos e ainda no da dos wisigodos, e que fôra incendiada e destruida pelos arabes. Aquellas ruinas, entre as quaes se distinguia ainda uma egreja e um mosteiro, jaziam em solidão sobre uma collina na margem esquerda do rio Thomar, que mais tarde trocou este nome dado pelos arabes para significar a pureza de suas aguas, pelo de Nabão, que hoje tem, como derradeira memoria da cidade, cujos restos forneceram materiaes para as construcções dos templarios.

O desejo de aproveitar o antigo castello de Ceras, apezar de arruinado; e o pensamento devoto, talvez, de fundar a séde da ordem em um logar sanctificado no seculo VII com a vida e martyrio da virgem Santa Iria ou Irene; foram naturalmente os motivos que levaram D. Gualdim Paes a reedificar o castello, apezar da impropriedade do sitio para uma fortaleza, e a reconstruir o convento e a egreja que tinham sido de monges benedicti-

nos, dando-lhe a invocação de *Santa Maria do Olival.*

Ainda n'esse mesmo anno de 1159 D. Gualdim Paes começou a reconstrucção do castello de Ceras para fortaleza principal da ordem, e ao mesmo tempo a reedificação do antigo mosteiro e egreja dos benedictinos, aquelle para habitação dos cavalleiros durante a paz e esta para os exercicios do culto divino, e tambem para jazigo dos membros da ordem.

Todavia, em quanto os trabalhos progrediam, reconheceu o mestre dos templarios que a situação do castello era pessima, tanto por se achar em meio de terras aridas e estereis, como por carecer de elevação e de outras condições naturaes, sem as quaes mal se podia defender uma fortaleza, segundo o systema de guerra d'aquelle tempo, contra um exercito forte e aguerrido. Resolveu, por conseguinte, escolher logar mais apropriado para a fundação d'uma fortaleza, que devia ser o ponto de partida das emprezas cavalleirosas de homens que faziam da guerra profissão de vida e preceito religioso.

Esse logar que elle procurava, offereceu-lh'o, tal qual o podia desejar, um monte que se ergue na margem direita do Nabão, com duas vertentes ingremes, alcantilado e cortado quazi a prumo para o lado de uma extensa planicie á qual fica sobranceiro.

Agradado do sitio pela fortaleza natural d'elle, pela fertilidade dos terrenos circumvisinhos, e por não ficar muito distante da egreja de Santa Maria do Olival, que se lhe levanta defronte e á vista na margem opposta do rio, o mestre dos templarios deu alli principio com toda a actividade á construcção do castello.

Apezar d'isso, a reedificação da egreja de Santa Maria não foi interrompida, porque D. Gualdim não quiz levantar mão d'esta obra, sem a ver concluida.

Ao mesmo tempo que iam crescendo as paredes do castello, fundava D. Gualdim Paes uma povoação por baixo da mesma fortaleza, na planicie que se estende entre a raiz do monte e o rio. Deu-lhe o nome de *Thomar,* que até então era o do rio, passando este a denominar-se Nabão, nome que tinha antes da invasão dos sarracenos, e que déra o nome á *Nabancia* ou *Cidade de Naban,* que se erguia, como dissemos, na sua margem esquerda; se é que não foi, pelo contrario, a cidade que deu o nome ao rio, por lhe passar junto.

Passados dois annos concedeu o mestre do Templo foral, com muitos privilegios e isempções, á povoação que fundara, e que já tinha bastantes casas e o competente nucleo de moradores. Este foral tem a data de novembro de 1200, que é o anno de Christo de 1162.

A nova de tal regalia, a fama guerreira dos cavalleiros do Templo, e a sombra protectora de tão forte castello, em breve attrahiram á nascente povoação muitas familias vindas de diversas partes do paiz.

A ordem do Templo já então se achava poderosa pelas doações que recebêra de D. Thereza e pelas que ia recebendo d'el rei D. Affonso Henriques. Só na provincia da Extremadura possuia os castellos e dependencias de Soure, Ega, Redinha, Pombal, Ceras, Zezere, Almourol e Thomar; de maneira que aos denodados cavalleiros como que estava confiada a guarda e defeza da Extremadura, tendo estes na mão as chaves das duas portas principaes, por onde n'ella podiam entrar os mouros: uma sobre o Zezere para os que viessem da Beira Baixa, e a do Tejo em Almourol aos que d'Andaluzia penetrassem pela provincia do Alemtejo.

Aquelle triste e sabido accidente que sobreveio a D. Affonso Henriques em uma das portas de Badajoz, quando pelejava contra os leonezes, foi causa de rapidos progressos dos templarios n'este reinado. Aquelle soberano, vendo se impossibilitado de proseguir na guerra contra os moiros, primeiramente por ter fracturado uma perna e ficado prisioneiro de seu genro, D. Fernando II, rei de Leão; e depois de recobrada a liberdade por causa do longo tractamento a que teve de sujeitar-se,

e que por fim lhe deixou a saude enfraquecida, encarregou os seus briosos templarios não só da guerra e defensa das fronteiras do sul do reino, mas tambem da continuação das suas emprezas guerreiras contra os infieis, doando-lhes, em recompensa, a terça parte de tudo que elles conquistassem além do Tejo.

Esta prova de confiança e distincção foi mais um estimulo para quem já os tinha tão fortes nas tradições gloriosas da ordem e na sua propria e natural ambição de gloria, impellindo D. Gualdim Paes e seus cavalleiros de batalha em batalha, de conquista em conquista, com tamanha insistencia e valor, que em breves annos estava quazi todo o Alemtejo expurgado de sarracenos, e o emblema do christianismo campeando triumphante sobre importantes praças.

D'est'arte dilatou a ordem do Templo as fronteiras da monarchia, adquirindo tambem para si novos e fortes castellos e opulentando-se com a posse de immensos territorios e de mui ricos despojos, por trophéus de suas victorias.

No meio d'este brilhante periodo da sua existencia, foi a ordem do Templo sobresaltada por um grande perigo, que ameaçou lançar por terra todos os louros colhidos por ella á custa do sangue de seus filhos.

O mallogro da expedição do imperador de Mar-

rocos, Yusuf, quando em 1184, transpondo o Mediterraneo com exercito numeroso e unido aos sarracenos da Hespanha, tentou amparar na peninsula o imperio mauritano, que se alluia e derrocava aos impulsos do nosso primeiro rei; o destroço das forças d'aquelle soberano diante dos muros de Santarem, onde foi vencido por um punhado de valentes, e o seu grande exercito disperso; a sua morte em Algesiras, occasionada pelas feridas que recebera naquelle memoravel combate (24 de julho de 1184); em fim todas estas perdas e desastres encheram de ira e desejos de vingança a Yacub, filho e successor d'aquelle soberano. Porem uma revolta nos seus proprios estados fez adiar o cumprimento dos seus designios. A rebellião assumiu tão grandes proporções, ameaçando substituil-o no throno por um seu irmão, que foram precisos alguns annos para a vencer e suffocar completamente.

Emquanto estas coisas se passavam, o bravo successor de D. Affonso Henriques, el-rei D. Sancho I, levando suas armas victoriosas ao coração do Algarve, ultimo refugio dos sarracenos n'esta peninsula, assaltára e fizera render a torreada e papulosa Silves, capital do Algarve.

Esta victoria do rei portuguez, coincidindo com o vencimento da revolta em Marrocos, accendeu de novo e com mais força no peito do imperador

mussulmano o seu entranhado odio contra os christãos.

Yacub, obedecendo a esse odio que já não precisava reprimir, entregou-se todo aos preparativos da guerra com um ardor inexcedivel. Era um esforço extremo e desesperado, não só para saciar no sangue dos seus inimigos a vingança de tantos aggravos, mas tambem, e principalmente, para oppor um dique aos triumphos successivos das armas christãs, para levantar o espirito dos mussulmanos do abatimento em que o tinham lançado tão continuadas desditas, para impedir, finalmente, que os crentes do alcorão perdessem para sempre territorio e riquezas da peninsula.

Toca-se pois a rebate em todas as terras de Marrocos, prégando-se a guerra santa e chamando-se a mocidade ás armas. Partem emissarios para todas as cortes mussulmanas de Hespanha para lhes fazer saber que se devem dispor para a lucta em interesse commum.

Congregaram-se alfim todos os elementos, que haviam de operar a destruição. O horisonte politico de Portugal carregou-se de negras nuvens, e o trovão, precursor da tempestade, rebombando ao longe, deu o «álerta» a todos os portuguezes.

A noticia da tremenda invasão, que estava prestes a romper as fronteiras do reino, foi correndo de bocca em bocca até aos mais reconditos loga-

res do paiz. El-rei D. Sancho recolheu-se a Santarem com os guerreiros que lhe foi possivel reunir, julgando que o inimigo se dirigia d'esta vez, como da outra, a esta forte praça de guerra. Os habitantes dos campos e das povoações indefensas, levando comsigo o mais precioso do seu movel, buscaram refugio nas fortalezas mais proximas. E os alcaides e senhores de castellos prepararam-se para uma resistencia a todo o transe.

O exercito marroquino, que passára o estreito de Gibraltar na primavera do anno de 1190, engrossando na Andaluzia com as hostes vindas de Cordova, de Granada, de Sevilha e de outras cidades do califado, tentou primeiro retomar Silves, mas não a tendo podido reduzir no primeiro impeto, marchou atravez do Alemtejo, e deixando á direita Evora, aproximou-se das margens do Tejo. Transpondo o rio acima de Santarem, o exercito mussulmano, que, pelo seu numero e pela rapidez da invasão, levava ante si o terror, accommetteu o castello de Torres Novas, que foi tomado depois de dez dias de inutil resistencia. Mortos ou prisioneiros os que o defendiam, os sarracenos dirigiram-se contra o castello de Thomar.

D. Gualdim Paes ia, pois, certificar-se em breve da resistencia que podiam offerecer os muros que elle proprio travára com os pincaros do monte despenhado e fragoso. No meio d'elles o duro ve-

lho, depois de acolher as familias da nascente povoação, esperou com os seus freires a furia dos pagãos, epitheto com que na sua singela ignorancia nossos avós costumavam designar os mussulmanos. Pouco tardaram estes; e, devastadas as cercanias do logar, o imperador poz estreito assedio ao castello, incendiando e destruindo todas as habitações já agglomeradas na raiz do monte.

A' vista da superioridade extraordinaria dos sitiantes, a victoria para os sitiados era quasi um impossivel; por maior que fosse o seu valor, mais depressa morreriam todos, do que a obteriam. Esta consideração não bastou para desanimar homens que attingiam sempre, quando não excediam, o typo de valor humano; — não, antes lhes redobrou a coragem.

Por seis dias successivos sustentou o castello o vigoroso e encarniçado accommettimento dos mussulmanos, que ainda mais se enraiveciam ao verem que lhes resistia tão estreito recinto e tão pequeno numero de defensores.

Mas tal foi a valentia e heroicidade dos templarios na resistencia que pozeram aos sarracenos, repellindo-os sempre em seus repetidos assaltos; tal a pericia do chefe em dirigir a acção, fazendo correr com presteza aos pontos onde o perigo mais urgia, que o imperador teve de desistir da expugnação e, devorando a magoa que lhe causava

esta empreza tão vergonhosamente frustrada, mandou levantar o cerco.

Em uma lapida que se acha embebida na parede da egreja, ao lado da porta principal e sobre o taboleiro das escadas, está uma inscripção em letras gothicas que commemora aquelle cerco e gloriosa defensa. Diz assim, e no latim barbaro d'aquelles tempos:

Era MCCXXVIII: III Nonas Julii
Venit Rex de Marroquis ducens CCCC
Milia equitum et quingenta milia pe-
ditum: et obsedit castrum is-
tud per sex dies: et delevit
quantum extra murum in-
venit castellum: et prefatus magis-
ter cum fratribus suis liberavit
Deus de manibus suis: ipse Rex remea-
vit in patria sua cum innumera-
bili detrimento hominum et bestiarum.

Em portuguez quer dizer:

«Na era de 1228 (que é o anno 1190 da era de Christo) aos 5 de julho, veio o rei de Marrocos, trazendo quatrocentos mil homens de cavallo e quinhentos mil de pé; poz cerco a este castello por seis dias; destruiu quanto achou fóra dos muros; e ao sobredito mestre (D. Gualdim Paes, re-

ferido na inscripção gravada na mesma pedra antes d'esta, e que n'outro logar transcreveremos) com os seus freires livrou Deus de cair nas suas mãos; e o mesmo rei voltou para a a sua patria com extraordinaria perda de homens e de cavallos.»

O numero de soldados que compunham o exercito de Yacub está extraordinariamente exagerado n'esta inscripção; e, com quanto alguns escriptores intendam que se deve reputar em quarenta mil de cavallo e cincoenta mil de pé, é natural que o exagero não deixe de existir completamente.

Todavia é innegavel, pelas razões que já expendemos, que o exercito que com Yacub se apresentou junto do castello de Thomar, era assaz consideravel sobretudo em relação á epoca.

Como se desfez o poder d'esse exercito, convertendo em uma retirada precipitada e desastrosa as arrogancias e projectos de vingança do invasor, sem experimentar a sorte das armas mussulmanas em nova empreza contra o castello de Thomar ou contra outros em que o seu pavilhão, ha pouco, tremulara, é assumpto em que os historiadores diversificam de opinião. Entretanto, a que parece mais plausivel é a que attribue aquella retirada, quasi fuga, ás febres endemicas, que no estio se costumam desenvolver nos campos banha-

dos pelo Tejo e outras localidades do paiz, febres que dizimaram as tropas sarracenas durante a invasão, e que, segundo parece, attacaram o proprio Yacub ao quinto ou sexto dia do assedio do castello de Thomar. Porque é fora de duvida que o inimigo levantou o cerco do castello no dia 11 de julho, retirando-se em direcção a Sevilha e Algesiras, e que o imperador de Marrocos morreu de doença antes de se embarcar para a Africa.

Tambem não é menos certo que aquella terrivel invasão, que enluctou, no seu começo os annaes da villa de Thomar, deu á historia do castello e da ordem do Templo em Portugal a pagina mais gloriosa.

Cinco annos depois, o venerando guerreiro que tanto se illustrára por suas façanhas no Oriente e na peninsula, e que tão valiosos serviços prestára ao fundador da monarchia e ao seu digno successor, baixava ao tumulo, onde ia alfim repousar, depois de tão cançada como gloriosa vida.

Depois da retirada de Yacub não tornou o districto de Thomar a ser invadido pelos sarracenos. Se isto era devido ao pequeno desejo que elles tinham de avistar os amplos mantos brancos dos templarios, não tardaram em reconhecer que não havia em seus adversarios vontade de os satisfazer.

De eguaes disposições estava el-rei D. Sancho,

que, sob pretexto de mostrar a sua generosidade, ia propondo aos cavalleiros a cedencia de castellos e propriedades que possuiam no norte e em outros sitios, que pelo avance das fronteiras já ficavam no interior do paiz, recebendo elles em troca outras dadivas, sem duvida mais importantes, no que havia evidentemente um fim politico da parte do monarcha. Esse fim era remover os templarios para as fronteiras, á maneira que ellas se alargavam, collocando-os assim na sua situação natural, isto é, na vanguarda da reacção christã contra os sarracenos. N'este intuito lhes doou em 1197 a Idanha e seu termo, fronteiro aos ultimos dominios leonezes para o sudoeste. Era então D. Lopo Fernandes o mestre da ordem. No anno seguinte lhes fez a avultada doação da Açafa, territorios vastissimos que se dilatavam ao longo da margem direita do Tejo, desde o districto de Idanha, para o occidente, até aos limites do castello de Belver, que pertencia aos hospitalarios de S. João de Jerusalem, e cujas extremas oppostas se avisinhavam das dependencias da preceptoria de Thomar. N'esta doação da Açafa comprehendia-se tambem uma extensa porção do alto Alemtejo, que parece ter sido aquella que os christãos iam gradualmente povoando.

Effectivamente, para a defeza de qualquer castello situado na fronteira, nenhuma outra guarni-

ção podia ser mais propria, porque, sendo-lhes doado o dominio temporal, esse castello, ou logar forte, convertia-se ordinariamente n'uma preceptoria ou commenda (*mansio*) e os freires que alli residiam, no seu duplicado caracter de monges e cavalleiros, a consideravam como uma especie de solar, de modo que, reduzidos á defensiva, o sentimento de affecto que nos costuma prender ao lar domestico, lhes redobrava esforços e brios.

Accrescia a isto que, com estas amplissimas mercês de terras, não só os chefes do Templo em Portugal, mas ainda os de Leão e Castella lhes ficariam uns gratos, outros affeiçoados.

Se D. Affonso Henriques teve sempre os cavalleiros do Templo em grande consideração e estima, sendo das ultimas provas o facto de os encarregar das conquistas em que elle já não proseguia, por se achar impossibilitado; D. Sancho não lhes deu menos provas de distincção, sendo a derradeira e talvez a mais significativa a que elle assignalou em seu testamento. Além de lhe legar duas propriedades, D. Sancho honrou a ordem do Templo com os seus despojos de guerreiro, não esquecendo a sua tenda de guerra e o melhor cavallo que então possuisse.

D. Affonso II, cujas propensões bellicosas e talentos militares estavam muito longe de egualar os de D. Affonso Henriques e ainda os de D. San-

cho I, fôra de todos os principes christãos da peninsula o adversario menos incommodo para os sarracenos.

Continuava, todavia, a multiplicar as preceptorias ou commendas das ordens militares pelas margens do Tejo, ou além d'elle. Assim o senhorio do territorio chamado a Cardosa foi concedido aos templarios. Possuia aquella vastissima herdade um certo Fernando Sanches, que, intentando ahi edificar sobre as ruinas de antiga povoação uma nova com o nome de Villa-franca, buscou o auxilio dos templarios, os quaes fez meieiros nos encargos da empreza e nos direitos que d'ella resultavam. Mas, ou porque fallecesse, ou porque os cavalleiros por qualquer outro motivo se assenhoreassem de tudo, é certo que tres annos depois a ordem do Templo recebia de D. Affonso II uma ampla mercê de todos aquelles terrenos, com a obrigação de fundarem a povoação, já antes começada e a que pozeram o nome de Castello Branco. Era D. Fernando Didaco a este tempo o mestre da ordem.

Advirta-se, porém, que esta opulencia crescente não faria perder aos templarios de Portugal o seu heroismo e dedicação, não os corrompia nem desmoralisava, como já a esse tempo succedia aos de França e d'outros paizes.

Em 1212 mandava Affonso II a seu sogro Affonso VIII de Castella tropas de soccorro contra os

mussulmanos. Visto que as ordens militares pelo seu instituto eram especialmente chamadas a intervir n'aquella facção, os homens d'armas portuguezes, professos n'essas ordens, apressaram-se tambem a partir para tomar parte n'ella, sobretudo os templarios, singulares entre os demais pelo valor, e unidos debaixo do mando de Gomes Ramires, então mestre do Templo em toda a Hespanha, o qual sellou com o seu sangue a victoria obtida n'essa gloriosa campanha.

Entretanto na extremidade occidental da peninsula, os sarracenos, depois da derrota de Silves, tendo-se recolhido a Alcacer, trataram de fortificar aquella praça para lhes servir de fronteira e baluarte contra os adversarios. Era então este o principal foco de resistencia que os sarracenos offereciam ao progresso das armas portuguezas.

Para pôr termo ás suas incessantes investidas, que os spatharios e outros homens d'armas, que habitavam áquem do Sado, a custo podiam repellir, cumpria aos portuguezes descarregar um golpe decisivo sobre Alcacer. Auxiliados pelos cruzados que então chegaram a Lisboa, os portuguezes poseram cerco e deram o primeiro assalto a 3 de agosto de 1217. Corriam os dias entre as phases de prolongado assedio, quando a 11 de setembro chegaram em soccorro dos sitiados os governadores das provincias de Badajoz e de Sevilha, e os wa-

lis de Jaen e de Xerez á frente d'um exercito de quarenta mil homens de pé e quinze mil de cavallaria. Seria, pois, inevitavel o desbarato dos christãos, se durante a noite não chegasse o mestre do Templo D. Pedro Alvitiz com os seus freires, muitos do Hospital, varios fidalgos de Portugal e de Leão, e numerosa infanteria bem armada e aguerrida. Com este auxilio cobraram animo os sitiantes e apromptaram-se para a lucta, ainda assim desigualissima. Deixando a gente dos cruzados em redor das muralhas para obstar a alguma sortida dos sitiados, D. Pedro foi com os cavalleiros occupar a vanguarda da gente portugueza, e em seguida, á sua voz, um trombeta deu o signal do combate. Os cavalleiros e homens d'armas arremessaram-se então ao inimigo, como a tempestade, envoltos n'um turbilhão de pó. A allucinação, dando-lhes a certeza da victoria, multiplicou-lhes as forças, e em breve as fileiras dos mussulmanos, já forçosamente desordenadas pela impetuosidade com que foram accommettidas, se dispersaram fugindo em completa derrota. Apoz esta brilhante victoria dos portuguezes, a fortaleza não tardou em render-se. E mais uma vez em Africa retumbaram lugubres os profundos golpes, a que ia succumbindo o imperio mussulmano na peninsula.

Reconhecido rei D. Sancho II por morte de seu pae, um dos primeiros cuidados dos ministros con-

sistiu em buscar com mercês o favor da ordem do Templo. Esta, reconhecendo os talentos militares do joven monarcha, não lhe foi menos dedicada do que tinha sido a seus antecessores.

Entre os cavalleiros que mais affeição tributavam a D. Sancho contava-se um nobre templario, D. Martim Martins, mancebo que se creára com o principe e que, tão moço ainda, a tal ponto se distinguira no meio d'uma associação de guerreiros illustres, que mereceu, poucos annos depois, ser elevado á dignidade de mestre da ordem em Portugal, Leão e Castella.

Coadjuvado pelos seus nobres templarios e muitos outros cavalleiros e barões portuguezes, D. Sancho continuou a guerra de crença e raça, do seio da qual a nação surgira, e que parecia ser para ella um dos primeiros elementos de vitalidade e robustez. Nos campos de batalha, sobresaindo entre os guerreiros mais esforçados, mostrara-se digno neto do fundador da monarchia, conquistara muitas povoações mussulmanas assaz importantes, taes como Elvas, Serpa, Juromenha, Aljustrel, Arronches, Mertola, Ayamonte e Tavira, e finalmente dera á auctoridade real o prestigio das victorias. Ao mesmo tempo D. Sancho pretendera pôr em practica as severas leis de seu pae com relação ao clero, sem ver com que inimigos ia luctar no seculo em que vivia. Os prelados por-

tuguezes, aproveitando-se do caracter tumultuario que por diversas causas ia tomando o paiz, começaram a trabalhar n'essa longa têa de enredos, de corrupção e de hypocrisia, cujo remate tinha de ser a deposição do monarcha.

No meio de tantas torpezas, se algum dos institutos religiosos mostrava sympathisar com o monarcha, era a ordem do Templo, cujo mestre D. Martim Martins conservava para com elle uma d'essas amizades de infancia, que são as mais duradouras. Ao seio d'essa amisade elle foi procurar lenitivo para os seus desgostos, partindo para Thomar no principio do anno de 1245, onde residiu algum tempo, separado da corte.

Pouco depois, este monarcha, tão sympathico como infeliz, teria de viver captivo na patria debaixo do jugo do irmão, que indignamente lhe usurpava o poder, se não preferisse o desterro.

A guerra civil deu treguas aos sarracenos, até que D. Affonso III reconheceu a conveniencia de renovar a cruzada, afim de occupar a turbulenta nobresa. Realisadas algumas conquistas no Algarve e na Andaluzia, terminou o periodo d'actividade para os templarios.

IV

Accusação e processo dos templarios; iniquidades contra estes; extincção da ordem

Dissemos aos nossos leitores que a ordem do Templo, nascida de um pensamento caridoso no seio da pobresa e da humildade, rapidamente se engrandeceu e opulentou a ponto de assumir uma influencia, poderio e esplendor quasi soberanos. A sua independencia do poder real, pois que não reconhecia outra auctoridade senão a do summo pontifice; a sua organisação militar e o respeito que por toda a parte diffundiam as proezas de seus filhos nos campos de batalha, constituiam a ordem do Templo um verdadeiro estado no estado.

Se taes condições de força e riqueza levam naturalmente os homens e as nações a abusarem d'esses dons que a fortuna lhes concedeu, tornando-se soberbos, licenciosos, e, peior do que isso, injustos e oppressores; não é menos certo que por um lado a fruição d'esses dons e por outro a practica d'estes abusos, os fazem alvo constante da

inveja dos grandes, do odio dos pequenos e das calumnias e maquinações de todos. Foi o que succedeu aos templarios de quasi todos os paizes, exceptuando porém os de Portugal, por algumas razões especiaes que ao diante exporemos.

Foi em França onde os templarios possuiram maior somma de bens, e por conseguinte onde ostentaram toda a influencia do seu poder e todo o esplendor da grandeza e fausto com que viviam; foi ahi, finalmente, onde mais excitaram as invejas e os odios, que rebentou a tormenta que lançou por terra o roble collossal, cujas raizes se estendiam a todos os paizes catholicos.

Reinava então em França Filippe IV, o Bello; era grão-mestre dos templarios Jacques de Molay, nascido em Borgonha, e tinha a ordem a séde capitular na ilha de Chypre, em consequencia de ter caido novamente em poder dos infieis a cidade de Jerusalem.

Filippe, o Bello, lidava, desde que empunhára o sceptro, por desembaraçar o poder real das pêas com que pretendia subjugal-o o feudalismo e o pontificado. Multiplicando as ordenações em detrimento da jurisdicção feudal e ecclesiastica, abrira comtudo uma excepção a favor da ordem do Templo, dizendo: *Os seus actos de devoção e de misericordia*; *a generosa liberalidade praticada em todo o mundo e em todas as epocas pela santa ordem dos*

templarios, fundada desde remotos annos pela auctoridade divina; a coragem dos seus membros, que é necessario incitar a um zelo mais activo e infatigavel para a perigosa defeza da terra santa, induzem-nos a derramar a nossa real munificencia sobre a ordem e sobre os cavalleiros, em qualquer logar do nosso reino em que se encontrem, e a distinguir, por um favor especial, esta corporação, que estimamos sinceramente.

Pois bem; veremos até que ponto chegava a *sinceridade* da sua estima.

Filippe, achando exhauridos os cofres do estado, e os rendimentos publicos muito inferiores ás despezas do governo, recorreu ao meio ruinoso de augmentar o valor da moeda. O parlamento, approvando a medida com muita repugnancia, obrigou o rei a prometter que tornaria a restituil-a ao antigo valor.

Progredindo, porém, a desordem na administração da fazenda, o rei, em vez de cumprir a promessa, elevou de novo o valor da moeda. Sublevou-se então o povo em diversas provincias. A Normandia, principalmente, tomou um aspecto tão ameaçador, que Filippe viu-se constrangido a revogar o decreto para restabelecer a tranquillidade no reino.

Continuaram, portanto, os apuros do thesouro, e os conselheiros da corôa lembraram ao soberano

um expediente já usado em casos identicos em outras côrtes da Europa, que consistia em lançar mão das propriedades e mais valores que os judeus possuiam no reino. Era uma expoliação injusta e barbara, um verdadeiro roubo, com a circumstancia aggravante de ser perpetrado pelo proprio governo; todavia, como a violencia era feita aos descendentes dos que no Golgotha tinham crucificado Jesus Christo, entendia-se que não deixaria de ser uma acção meritoria diante de Deus. Apossou-se Filippe IV de muitas riquezas, pois que sendo n'essa epoca os israelitas o povo que exercia quasi exclusivamente em todos os paizes europeus a industria commercial, era em suas mãos que se accumulavam as maiores sommas de dinheiro.

Escusado será dizer que o remedio não curou o mal, apenas o attenuou temporariamente, porque a causa estava mais na desordem da administração publica, do que na falta de meios para acudir ás necessidades do estado.

N'estas circumstancias apertadas veiu ao rei de França a tentação de se apoderar dos bens dos templarios, para os quaes a sua estima se fôra convertendo em odio. Odiava esta corporação porque fazia sombra á sua vaidade de soberano, escapava á sua acção e ostentava os esplendidos vestuarios que elle prohibira aos grandes, magnificas armaduras e corseis arabes de grande preço.

Odiava os templarios, por o haverem salvado em uma sublevação e dever-lhes por isso reconhecimento; odiava-os, porque recusaram admittil-o na ordem; e, finalmente, odiava-os agora mais do que nunca, porque cubiçava as suas riquezas de que precisava.

Filippe bem reconhecia que, não sendo possivel colher o mel sem primeiro queimar as abelhas, era empreza ousada e sobre ousada temeraria anniquillar uma associação tão poderosa, não só pelas riquezas de que dispunha e pelo numero, valor e caracter guerreiro dos seus membros, mas tambem pela força que lhe davam os vinculos de sangue, que ligavam muitos de seus filhos ás principaes familias da aristocracia franceza, que não podia ser affeiçoada ao soberano que a humilhára a ponto de até regular por meio de leis sumptuarias os actos da sua vida privada.

Mas não havia perigos nem difficuldades que esmorecessem a coragem do rei, principalmente n'uma occasião em que o odio, os desejos de vingança e a cubiça tão violentamente o incitavam.

Duas coisas concorreram tambem para armar o braço real contra os templarios. Grandes e pequenos exprobravam então aos templarios a insolencia, o orgulho, a intemperança e toda a especie de vicios; pelo mysterio que velava algumas das suas praticas, attribuiam-lhes o monstruoso crime de se

entregarem a todos os sacrilegios da magia, de seguirem ritos secretos, de fazerem sacrificios impios; finalmente, não faltava ainda quem affirmasse que os templarios aspiravam ao dominio universal, instituindo uma republica aristocratica que abrangeria toda a Europa. Filippe colleccionou preciosamente todos estes prejuizos populares, todas estas accusações, para formar o texto d'um libello religioso e politico contra o poder da ordem do Templo.

O segundo facto que tornava opportuna a occasião para vibrar o golpe, era Filippe IV, ao cabo de longas desintelligencias e graves contendas com a egreja, durante as quaes fôra excommungado pelo papa Bonifacio VIII, acabar de obter um grande triumpho na sua pretenção de elevar ao throno pontificio, pela morte de Bonifacio, a Bertrand de Got, arcebispo de Bordeos, que ao cingir a thiara trocou o nome de baptismo pelo de Clemente V. A ruina da ordem do Templo foi, portanto, ajustada entre Filippe e o novo pontifice, seu fiel *servo*.

O rei apressa-se em dar começo ao drama. Expede para todos os pontos do reino confidenciaes com prohibição, sob pena de morte, de as abrirem antes do dia marcado.

As cartas eram ordens para pegarem em armas, prenderem todos os templarios do districto e

transportarem-nos com segurança ás fortalezas. Ao mesmo tempo convida o grão-mestre Jacques de Molay, a vir da ilha de Chypre a Paris, sob pretexto de assistir ás conferencias em que se ia tratar, de accordo com o papa, da junção da ordem de S. João de Jerusalem á dos templarios. Accedendo Molay ao convite do soberano francez, em breve se apresentou em Paris acompanhado dos cavalleiros mais auctorisados da ordem, e Filippe, o Bello, recebe o grão-mestre com todas as honras e attenções devidas ao seu elevado cargo. Os cortezãos, pelas ordens expressas que tinham recebido, testemunham a elle e ao seu sequito o mais profundo respeito e as mais vivas sympathias.

Comtudo, á medida que se demorava em Paris, Jacques de Molay ia olhando com uma desconfiança instinctiva as honras apparentes que lhe faziam. No palacio começavam a correr rumores surdos, e se os templarios recebiam na côrte um acolhimento sympathico, não succedia o mesmo entre o publico. Os boatos mais medonhos eram acolhidos com favor, e aquelle povo, naturalmente sceptico e zombeteiro, esquecera já os eminentes serviços que os soldados do Templo tinham prestado á christandade.

Não viam n'aquella ordem, senão uma associação de homens ambiciosos que o zelo e a superstição dos europeus tinham enriquecido, e que se

tinham tornado soberbos, insolentes e até mesmo temiveis.

Mal de quem se serve do povo, como de uma arma!

Aquelle que mata com ferro, morrerá pelo ferro! disse o Evangelho.

Substitui o gladio pelo povo, e a palavra do grande livro tornar-se-ha mais verdadeira ainda.

Assim dispunha Filippe a execução do tenebroso plano que machinára, e com tal prudencia e segredo o fez que, no dia marcado (12 d'outubro de 1307) foram presos e lançados no fundo de escuros carceres o grão mestre e todos os cavalleiros do Templo, que se achavam tanto na capital como em diversas terras de França.

Todos os bens da ordem foram immediatamente sequestrados e o rei de França occupou a casa que a ordem tinha em Paris, a qual era mais bella e mais esplendida que o seu antigo palacio.

Apezar de Filippe IV dispor a opinião publica para não se sobresaltar com o successo, a impressão que o rigor e a iniquidade causaram quer nos fidalgos, quer nos populares, foi desfavoravel do soberano. A nobreza, sentindo-se ferida do golpe tão violentamente descarregado contra muitos dos seus membros, que vestiam o habito dos templarios, indignou-se e mostrou-se resolvida a defender as victimas. O povo, esquecendo-se depressa

de tudo quanto ouvira contra os cavalleiros, murmurou desgostoso e severo, lembrando-se novamente dos serviços feitos pela ordem do Templo na defensa dos logares santos, no exterminio dos infieis e na propagação da fé.

O rei, vendo condensarem se sobre a sua cabeça as nuvens da procella convoca o povo para lhe patentear os motivos que o levaram a proceder com tal rigor. Os populares, que não estavam acostumados a similhante attenção da parte do soberano, e que por este simples facto ficavam lisongeados e penhorados ouvindo agora da propria bocca d'el-rei que os cavalleiros do Templo eram accusados dos feios crimes de heresia, sacrilegio e idolatria, tornaram a esquecer-se do sangue dos templarios derramado nos campos de batalha em prol da religião de Jesus Christo, e applaudiram o monarcha pelo seu zelo e severidade na punição das heresias. Os fidalgos, faltando-lhes o apoio popular, resignaram-se a esperar pelo andamento do processo, confiados na justiça da causa.

Entretanto o rei já tinha ao pé de si, a prestarem-lhe apoio, os sophistas, jurisconsultos hostis por natureza aos templarios e aos nobres, e todas as ordens monasticas invejosas e rivaes. D'entre os seus valiosos adeptos Filippe IV nomeou inquiridores para procederem a uma devassa em todo o reino, e sem consultar a curia pontificia,

mandou instaurar o processo contra os cavalleiros do Templo. O papa, vendo n'esta falta postergada a sua auctoridade, irritou-se sobremaneira, e, para demonstração do seu poder, suspendeu immediatamente os inquiridores do exercicio das funcções que o monarcha lhes commettera. Não tardou porem a reconhecer Clemente V quão falsa era a sua posição e fraco o seu poder para luctar com Filippe, o Bello. A firmeza e inergia d'este soberano facilmente subjugaram a vontade do pontifice, que, alem de lhe dever a thiara, acha-se então como seu prisioneiro na cidade de Poitiers, aonde o astuto rei o atrahira para melhor o ter sob a sua sujeição.

Teve pois Clemente V de desistir da sua opposição ao proseguimento do processo, e ainda para maior humilhação, se viu obrigado a tolerar a applicação de tratos horriveis aos infelizes templarios com os quaes esperava Filippe IV arrancar-lhes confissões que servissem de provas para a sua condemnação.

Filippe, que havia reprovado o modo de proceder da inquisição, sobretudo a tortura, dizendo que a violencia da dor não pode arrancar a verdade, que o accusado devia ser preso para se guardar, e não para se suppliciar antes de julgado, n'aquella occasião esqueceu tudo, e os templarios foram torturados com o pretexto de se obter

assim a confissão dos seus crimes. Horriveis tormentos lhes infligiram. Cavalleiros houve que os supportaram com admiravel coragem, com a coragem de verdadeiros martyres, negando sempre, no meio das mais crucis torturas, os crimes que lhes imputaram. Outros expiraram entre os tormentos, proclamando até ao derradeiro suspiro a sua innocencia. Alguns porém mais fracos d'espirito, atormentados e allucinados pela vehemencia da dor, prestaram-se no auge da desesperação a confessar o que os seus verdugos exigiam. Retratavam-se estes depois com animo firme e resoluto; mas as confissões que lhes tinham extorquido lá iam servir de provas no processo.

Já muitos cavalleiros tinham perecido no carcere e nas chammas, quando o papa determinou reservar para si o julgamento do grão-mestre e dos que exerciam as dignidades da ordem.

Mas Jacques de Molay, o valente e leal soldado, que, partindo de Chypre, se confiára á honra de um successor de S. Pedro e de um successor de S. Luiz; que sendo traiçoeiramente preso com os seus freires, em vão allegára os privilegios da ordem, em vão protestára contra a iniquidade do processo, em que se tinham violado todas as formulas legaes; Jacques de Molay, repetimos, era a mais alta cabeça de quantas Filippe IV desejava decepar, e elle não era homem que assim deixasse escapar-se-lhe a sua melhor preza.

Depois de alguma contestação entre o rei e o papa, vendo aquelle a resistencia d'este em ceder do seu proposito, apresentou-se em Poitiers, e o resultado da conferencia com o pontifice foi a nomeação d'uma commissão, composta do bispo de Alba e de dois cardeaes, para o julgamento do grão-mestre e mais cavalleiros.

Passava-se isto em 1307. D'esta vez ainda não conseguiu Filippe, o Bello, a abolição da ordem, porque Clemente V, sustentado por alguns cardeaes que o cercavam, a isso se recusou tenazmente n'aquella occasião. Filippe IV julgou tambem prudente contemporisar.

Chegados a Paris os delegados do papa, constituiram-se em tribunal de justiça para julgarem o grão-mestre e as dignidades da ordem. Ao mesmo tempo se reunia tambem em Paris uma commissão nomeada pelo rei para tomar conhecimento do processo e informar do resultado. Esta commissão citou todos os templarios, que se achavam presos em França, a comparecerem na sua presença. Era um tribunal da parcialidade do soberano. Os templarios eram accusados: 1.° de renegar a religião de Christo e cuspir na cruz, por occasião da sua entrada na ordem; 2.° de se entregarem a deshonestidades abominaveis; 3.° de adorarem a Baphomet, idolo horrendo, que figurava o mau principio.

O interrogatorio de centenares de reus e o depoimento de consideravel numero de testemunhas, juntamente com as delongas motivadas pelas diligencias e esforços contrarios dos amigos e inimigos dos templarios, fizeram com que este processo, começado perante a dita commissão em 1308, passados dois annos ainda não estivesse concluido. Por este tempo 546 templarios, animados com os esforços que os seus protectores empregavam para os salvar, apresentaram ao tribunal uma representação justificativa, negando todos os crimes de que os accusavam, retratando todas as confissões que lhes extorquiram por meio de tormentos, dando por falsas, calumniosas e assalariadas as testemunhas que tinham deposto contra elles, e acabando por demonstrar as iniquidades do processo.

Em quanto estas coisas se passavam os delegados pontificios deram por findo o julgamento que lhes estava commettido, condemnando os reus a prisão perpetua.

Ficou contrariado Filippe IV com esta sentença, porque o que elle queria era que o grão-mestre fosse condemnado á morte pelos delegados do papa, para d'este modo auctorisarem egual condemnação para os mais cavalleiros do Templo. Similhante estorvo a taes designios pareceria uma difficuldade insuperavel a outro qualquer que não tivesse a resolução e vontade de ferro de Filippe, o

Bello. Auxiliado pelo seu ministro, Enguerrand de Marigny, conde de Longueville, que tambem se fez celebre na historia pela singular energia e excessiva crueldade do seu caracter, o monarcha francez zombou da decisão dos delegados pontificios e das perplexidades e opposições de Clemente v. O ministro conseguiu que o seu parente Filippe de Marigny arcebispo de Sens, convocasse em Paris um concilio provincial para julgar novamente os templarios. O concilio, declarando relapsos 54 d'estes infelizes, entregou-os á justiça secular, que os condemnou a morrerem no fogo, e, sem mais demoras foram conduzidos ao supplicio e queimados vivos.

Depois d'este acto que demonstrava que o rei de França reunira ao apoio do povo o do clero, o papa deixou de resistir ás exigencias incessantes que lhe faziam para a abolição da ordem. No concilio ecumenico, convocado por Clemente v em Vienna, foi finalmente abolida a ordem do Templo no dia 14 d'abril de 1312, e todos os seus bens cedidos aos hospitalarios de S. João de Jerusalem, com a condição de armarem cem galeras contra os turcos, mas os legistas do rei acharam tantas despezas que fazer e tantas dividas que saldar, que os hospitalarios ficaram mais pobres do que estavam.

Os principaes fins que moveram o monarcha

francez a entrar n'esta tremenda lucta estavam pois satisfeitos. O poder real triumphara dos principios theocratico, aristocratico e popular. A poderosa ordem de cavallaria, que por vezes lançára a sua espada na balança da politica, fazendo-a pender contra o rei de França, achava-se aniquilada, e os seus despojos tinham vindo acudir á penuria do thesouro real.

Mas a vingança do rei é que não estava ainda satisfeita. Um dia reune Filippe IV o seu conselho, e sem mais consulta nem reforma da sentença dada pelos commissarios do papa, condemna o grão-mestre dos templarios e Guido, Delphim do Auvergne, e Hugo de Peralde, que tinham exercido os mais elevados cargos da ordem, a serem queimados vivos. E logo em seguida foram os tres miseros padecentes conduzidos da prisão, no silencio da noite, a uma pequena ilha do Sena, que estava proxima do jardim do rei. Foi horrivel o supplicio. Queimados a fogo lento, sob pretexto de lhes darem tempo para se arrependerem, beberam o calice da agonia, trago a trago, no meio das mais crueis e dilacerantes dores. Mas com uma constancia e firmeza que surprehendia os proprios assistentes, proclamaram a sua innocencia e a da ordem, até que expiraram (18 de março de 1314). Jacques de Molay, nos paroxismos da morte, exclamou em tom prophetico: — «Clemente V, pon-

tifice de Roma, eu te cito para compareceres no tribunal de Deus dentro de quarenta dias; e tu, Filippe IV, rei de França, no mesmo tribunal te espero dentro de um anno!»

O successo justificou a predicção. Ambos lá compareceram antes de terminar o praso.

A destruição da ordem do Templo, nas condições em que se effectuou, é um dos maiores monumentos da ferocidade da justiça do seculo XIV. Se a não existencia da ordem era já uma grande necessidade politica, não só para segurança do poder real, mas tambem como meio de remediar os apuros do thesouro; ainda assim essa necessidade não pode justificar tantos actos abominaveis, tantas atrocidades inuteis, que ainda hoje nos inspiram horror.

Do proprio Jacques de Molay ouviu o barbaro monarcha esta lição de politica, de justiça e de humanidade: «Quando uma instituição religiosa, civil ou militar, deixa de ser instrumento util, indispensavel, torna-se arma perigosa; em tal caso destroe-se a instituição pelas necessidades da realeza... mas sem que a realeza seja obrigada a torturar as mãos fieis que sustentaram essa arma e esse instrumento, em interesse dos reis e dos povos! Os conventos, os mosteiros, as abbadias, que foram e são ainda uteis á causa de Deus e dos homens, desapparecerão pela sua vez: praza ao céo que uma vontade soberana, como a vossa, não erga o cada-

falso dos frades sobre as ruinas do poderio monastico! O parlamento, do qual fostes verdadeiro fundador, erigindo-o em corpo simultaneamente politico e judicial, não será uma instituição eterna: praza ao céo que uma vontade soberana como a vossa, não ensanguente jámais os despojos do poderio parlamentar! A propria nobreza, mais cedo ou mais tarde, eclipsar-se-ha aos pés da realeza: praza ao céo que uma vontade soberana como a vossa, não encarregue o carrasco de acabar com o poderio nobilitario!... Reformae, senhor... mas não queimeis:»

Poderia ter accrescentado: Porque um dia virá tambem em que a realeza será aniquilada e extincta pela soberania popular!

V

Instituição da ordem de Christo

Pouco depois de rebentar em França a perseguição contra os cavalleiros do Templo, em todos os paizes catholicos onde esta ordem existia, se instaurou processo contra os seus membros, por determinação pontificia.

Foi convocado em Salamanca um concilio de todos os bispos de Hespanha e Portugal, a que presidiu o arcebispo de Toledo, D. Gonçalo, para inquirirem da vida e costumes dos templarios da peninsula.

Emquanto funccionava este tribunal ecclesiastico D. Diniz, reconhecendo desde logo que a extincção da ordem do Templo era irremediavel, pois que á sua perspicacia não escaparam certas circumstancias que lhe revelaram ser o successo que se preparava, como negocio ajustado e resolvido entre Filippe IV de França e o papa Clemente V no momento, ou antes, da sua elevação ao pontificado, não se limitou a uma devassa sobre os usos e costumes dos templarios em todas

as terras do reino aonde tinham residencia, conforme determinava a bulla que a este respeito lhe enviara o pontifice. O monarcha portuguez, com a prudencia e bom censo que distinguiram o seu governo, ordenou que ao mesmo tempo que se inquirisse da vida dos templarios, se tirasse tambem uma larga inquirição das jurisdicções da ordem, das proveniencias dos seus bens, e das preeminencias que os reis de Portugal sempre tiveram sobre ella.

El-rei D. Diniz não tinha razões de queixa dos templarios; pelo contrario, reconhecendo os valiosos serviços que o reino lhes devia, e as constantes provas de fidelidade que sempre deram, os distinguira com a estima e munificencia regias. Porem obedecendo, como bom filho da egreja, ao vigario de Christo no que tocava aos negocios espirituaes e puramente ecclesiasticos, tratou de se premunir com os documentos necessarios para se oppor, quando se apresentasse a occasião que esperava, ás invasões da curia pontificia nos direitos da coroa de Portugal.

O resultado do inquerito foi favoravel o mais possivel aos cavalleiros do Templo portuguezes. Entre tão grande numero de testemunhas chamadas a juizo, nenhuma os accusou de corrupção de costumes, nem de heresia ou idolatria. Quanto á primeira culpa, duas circumstancias especiaes a

evitaram. A guerra sem tregoas em que andaram occupados os portuguezes e por conseguinte, os templarios, desde a fundação da monarchia e introducção da ordem no reino até á final expulsão dos mouros para alem das praias do Algarve, não era meio em que se desenvolvesse a corrupção de costumes; porque esta só se dá ordinariamente no meio da ociosidade. Nos poucos annos que medearam entre a expulsão dos mouros e a instauração do processo dos templarios, a frugalidade e singeleza de vida dos portuguezes, a sua ignorancia completa de todos os habitos, praticas e usos, filhos do luxo, obstaram a que os cavalleiros do Templo, apesar das riquezas que possuiam se deixassem eivar dos vicios e excessos a que se entregaram seus irmãos em França e nos paizes que se acharam em condições economicas, moraes e governamentaes, que por muito differentes das nossas, favoreciam ou concorriam para o desenvolvimento de taes excessos.

Quanto ás outras culpas de heresia e idolatria, ninguem se lembrou de accusar os nossos templarios, nem appareceu vestigio algum, antes ou depois da extincção da ordem, que podesse servir de prova da sua cumplicidade em similhantes actos.

E quem pesar devidamente tudo quanto ha de absurdo e de ridiculo em taes accusações, em que faltava fundamento e sobrava suspeição da parte

dos seus auctores, repugnar-lhe-ha acreditar que os proprios templarios francezes, não obstante a seu desregramento, fossem homens que renegassem a fé por meio de actos tão positivos e brutaes para se entregarem a uma não menos grosseira idolatria. Se alguns escriptores adduzem como prova esses idolos, a que chamam Baphomet, alguns dos quaes foram com effeito tirados das proprias casas dos templarios e se conservam ainda em Paris como curiosidades archeologicas; quem nos diz que isso tudo não fosse obra do proprio Filippe, o Bello, e de seu astuto ministro. E, de Marigny, para com taes provas darem corpo e fundamento á principal accusação contra os cavalleiros, ou pelo menos para influir poderosamente no povo, excitando-lhe a animosidade contra elles? E' certo porém que a ordem do Templo, desde certa epoca, começou a ter mysterios; renunciando em algumas cousas, ao espirito das instituições religiosas, parecia tomar o caracter das associações secretas, em cujo principio os templarios talvez se iniciaram durante as suas relações com o oriente. Mas os profanos não puderam rasgar o veu do Templo, e esses mysterios são ainda hoje objecto de conjecturas.

Entretanto, fossem elles quaes fossem, os templarios portuguezes não podiam deixar de ser completamente estranhos a tudo, porque havia muito

que estavam sem communicação directa com o Templo de França, e até independentes da auctoridade do chefe supremo.

Tendo-se pois concluido a devassa sem que os templarios portuguezes ficassem n'ella culpados, não consentiu D. Diniz que fossem presos. E quando este soberano, em virtude da extincção da ordem, decretada em 1312 pelo concilio de Vienna, se via obrigado a intimar os cavalleiros para sairem de suas residencias e largarem os habitos de templarios, a todos deu casas em que se recolhessem provendo tambem á sua subsistencia. Em seguida mandou tomar posse, por conta da coroa, de todos os bens que pertenciam á ordem e os conservou como em deposito.

Todavia o animo justiceiro de D. Diniz conheceu que este procedimento era insufficiente homenagem ao passado glorioso d'esses guerreiros do christianismo, que, derribando o estandarte mussulmano de tantos castellos, tinham ajudado a consolidar e rebustecer a nacionalidade portugueza.

Meditava pois sobre a resolução que devia tomar, quando o papa começou a dispor dos bens da ordem em Portugal, fazendo algumas doações. D. Diniz oppoz-se immediatamente ás pretenções do pontifice, recusando-se a ordenar a entrega de quaesquer bens que tivessem pertencido á ordem do Templo e declarando que lhe não obedeceria

n'este ponto, por ser uma usurpação que se fazia aos direitos da sua coroa.

Em justificação do seu procedimento, allegava D. Diniz que a maior parte dos bens da ordem provinham de doações regias, feitas com a condição expressa de se empregarem os seus cavalleiros na defensa do reino contra os mouros e na conquista dos territorios por elles ainda então occupados; e que a outra parte era proveniente de legados que, se não tinham aquella clausula explicita, eram todavia dictados pela mesma intenção. Portanto, sendo a ordem extincta, e tendo deixado de existir a intenção, a causa e o motivo pe los quaes aquelles bens se haviam desmembrado da coroa, agora lhe pertenciam por direito de reversão.

Durou esta pendencia alguns annos, durante os quaes entraram nos cofres do estado todos os rendimentos dos referidos bens. O desejo de triumphar da avidez da corte de Roma e o empenho de se mostrar reconhecido e generoso para os cavalleiros do Templo, suggeriram alfim a D. Diniz o pensamento de transfundil-os para o seio de uma ordem creada de novo, resuscitando, por assim dizer, o Templo debaixo de epitheto diverso. Tratando desde logo da realisação d'esse projecto, o monarcha portuguez propoz ao papa que, em reformação da ordem do Templo, fosse em seu rei-

no instituida uma nova milicia de cavalleiros de Jesus Christo, para lidarem tambem, como os da extincta ordem, na defensa da fé, na guerra contra os mouros e no accrescentamento da monarchia portugueza, entregando-se-lhe todos os bens dos templarios. E para cortar quaesquer duvidas e objecções plausiveis que a curia pontificia poderia oppor, declarava el-rei que para collocar a nova ordem na fronteira do seu reino, o mais perto possivel de terras infieis, de modo que ficasse perfeitamente habilitada para desempenhar as obrigações do seu instituto, lhe fazia doação do castello de Castro Marim, excellente fortaleza situada junto á costa do Algarve, defronte da Africa. O papa João XXII, que então occupava a cadeira de S. Pedro, não podendo impugnar tão justa pretensão, expediu a bulla de 14 de março de 1319, que auctorisava a instituição da *ordem de cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo* em Portugal, na forma proposta por el-rei D. Diniz.

Achava-se o monarcha nos seus paços de Alcaçova, em Santarem, quando chegaram com a referida bulla os procuradores que elle havia enviado ao papa para advogarem a sua justiça e os interesses da nação n'aquella porfiosa demanda. Cheio de satisfação por ter conseguido os seus desejos, D. Diniz celebrou a cerimonia da instituição da ordem com toda a solemnidade em um dia

de maio de 1320, na presença de toda a corte e de Gil Martins, mestre que então era da ordem militar de S. Bento d'Aviz, ao qual logo alli investiu no cargo de 1.º mestre da nova ordem de Christo conforme vinha determinado na bulla pontificia.

Todas as propriedades, senhorios, jurisdicções e mais bens, que tinham pertencido á ordem do Templo foram por el-rei entregues á ordem dos cavalleiros de Jesus Christo, menos os rendimentos que entraram nos cofres do estado durante os oito annos da contestação de el-rei com o papa, que era o tempo que decorrera desde o anno de 1312 em que a ordem do Templo fora abolida. D'esses rendimentos houve el-rei solemne quitação, dada pelo mencionado mestre D. Gil Martins, na qual se declarava que em compensação d'elles recebia a ordem de Christo a villa de Castro Marim.

Tratou-se immediatamente, e com a maior actividade da fundação do convento dentro do castello de Castro Marim para habitação dos cavalleiros de Christo, e assim que o edificio se achou em circumstancias de os receber, foi a nova milicia alli estabelecer a sua sede.

Os cavalleiros templarios que ainda existiam, foram admittidos e professaram na ordem de Christo, e seu ultimo mestre D. Vasco Fernandes foi feito commendador de Montalvão e viveu até ao

anno de 1323. Estes cavalleiros para mostrarem que não esqueciam o seu passado nem o tinham por menos honroso, nos documentos officiaes em que tinham de figurar firmavam as suas assignaturas seguidas da designação *quondam miles Templi* (outr'ora cavalleiro do Templo).

VI

Estabelecimento da ordem de Christo no Castello de Castro Marim; successos que determinaram a sua mudança para Thomar; triumphos d'esta milicia n'este periodo.

Posto que a instituição da ordem de cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo fosse celebrada solemnemente em Santarem aos 14 de maio de 1320, só no anno seguinte é que se estabeleceu em Castro Marim, em razão das obras a que se procedeu dentro do castello para accommodação dos cavalleiros, para os exercicios do culto divino e serviço da ordem.

A bulla da instituição determinava que esta ordem adoptasse a mesma regra que tinha a ordem de Calatrava em Castella, que era a de S. Bento e reformação da de Cister, ficando tambem sujeita á visitação do dom abbade geral do mosteiro d'Alcobaça da dita ordem de Cister ou de S. Bernardo.

Assim que a ordem se installou em Castro Ma-

rim, fez o seu mestre, D. Gil Martins, a constituição pela qual se havia de reger a nova milicia. Passados cinco annos foi ampliada esta constituição, e no decurso do tempo por varias vezes a reformaram os mestres, segundo as necessidades da epocha.

O habito primitivo dos cavalleiros assimilhava-se, segundo parece, ao de que usava a ordem de Calatrava, com escapulario branco. Em 1330 accrescentou-se lhe a cruz vermelha, e no capitulo celebrado em Thomar no anno de 1503, a que presidiu el-rei D. Manoel, foi ordenado o habito na forma de um manto, branco, que cobria todo o corpo do cavalleiro, de maneira que, para servir-se das mãos, era mister trazel-o arregaçado, só dos lados, sobre os braços. No logar correspondente ao peito tinha o manto uma cruz vermelha, como era a dos templarios, mas não com o mesmo feitio. A d'estes era formada de quatro braços eguaes que quasi se tocavam, tendendo a descrever um circulo. A cruz dos cavalleiros de Christo tinha então, como hoje tem o distinctivo d'esta ordem, que todos conhecem, os braços mais curtos que a haste. A cruz vermelha tinha dentro em si outra, fendida, que a alvura do manto fazia branca; e que nas veneras actualmente usadas pelos cavalleiros e commendadores é feita de esmalte branco.

Eram seis as dignidades da ordem. A de *mestre* era a primeira e principal. Seguia-se-lhe a de *dom prior-mór do convento de Thomar*, que tinha a seu cargo o governo temporal do convento, e exercia jurisdicção espiritual em todos os membros da ordem em qualquer parte que se achassem. Incumbia lhe, por morte do mestre, convocar o capitulo geral para a eleição do novo mestre, chamando por cartas os cavalleiros ausentes, e tomando ao novo prelado o juramento de fidelidade e obediencia ao summo pontifice. A terceira dignidade era a de *commendador-mór*, ao qual pertencia o governo da ordem quando, por fallecimento do mestre, o dom prior-mór se achava ausente ou enfermo. Nos actos de solemnidade a que assistia o mestre, gosava este da preeminencia de ter ou levar diante de si o commendador-mór com um estoque desembainhado ao hombro. Era a de *claveiro* a quarta dignidade. Tinha a seu cargo as chaves do convento, a administração e distribuição dos mantimentos e a fiscalisação da despeza. A quinta dignidade era a de *sachristão-mór*, o qual cuidava de tudo quanto dizia respeito ao serviço de ornamentação do templo, como nas egrejas seculares o thesoureiro-mór. *Alferes* era a sexta e ultima dignidade. Pretencia-lhe levar a bandeira da ordem nos actos solemnes em que o mestre comparecia, como taes nas procissões e na guerra em que esta

milicia tomava parte. A bandeira era branca, quadrada e tinha no centro a cruz vermelha da ordem, na forma que acima a descrevemos.

Tomando posse os cavalleiros de Christo do castello de Castro Marim em 1321, pouco tempo teve o mestre, D. Gil Martins para mostrar se era digno da confiança que n'elle depositara o monarcha, pois que em novembro d'esse mesmo anno morreu.

Succedeu-lhe D. João Lourenço, e a este D. Martins Gonçalves Leitão. Durante o governo d'estes dois mestres os feitos dos cavalleiros de Christo limitaram-se a algumas correrias contra os mussulmanos.

Em 1335, morrendo o terceiro mestre D. Martins Gonçalves Leitão, foi elevado á mesma dignidade seu irmão, D. Estevão Gonçalves Leitão, a quem parece que estava destinado abrir a serie d'acções que haviam de illustrar e immortalisar a nova milicia. Não foi porem sobre os antigos e irreconciliaveis inimigos de crença e de raça que os cavalleiros de Christo obtiveram as primeiras victorias; foi, pelo contrario, com hostes christãs que n'esse anno de 1335 travaram por vezes encarniçada lucta.

Casara Affonso XI de Castella com a infanta D. Maria, filha do nosso rei Affonso IV; porem, rendendo se em breve á formosura de D. Leonor

Nunes de Gusmão, a sua paixão desordenada fez-lhe esquecer todos os deveres conjugaes. Cada vez mais insano em seus escandalosos amores, com tal despreso e odio tratava a rainha, que seu sogro, D. Affonso IV, viu-se obrigado a fazer-lhe duras e severas arguições; e vendo que ellas não bastavam para pôr termo ao procedimento injusto e indigno do genro, resolveu declarar-lhe guerra para vingar com as suas armas as affrontas feitas a sua filha, que elle considerava como feitas a si.

Rompeu a guerra em differentes pontos da fronteira; e assim, ao mesmo tempo que forças portuguezas entravam por uma provincia de Castella, e triumphantes levavam tudo a ferro e fogo, os castelhanos invadiam por outro ponto o nosso territorio e marcavam a passagem com a devastação.

Para repellir uma d'estas invasões, succedida na provincia do Minho, marcharam o arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira e o bispo do Porto á frente de poucos mas valentes homens d'armas e mestre da ordem de Christo com alguns dos seus briosos cavalleiros. O recontro deu em resultado uma derrota para os castelhanos, deixando estes, alem das bagagens e muitos prisioneiros, trezentos homens mortos no campo e entre elles um dos seus commandantes, D. João Rodrigues de Castro. O rei de Castella protestou vingar-se, primeiro que todos, dos cavalleiros de Christo, que, distinguindo-se

entre os demais, principalmente tinham contribuido para tal victoria; e portanto a villa e castello de Castro Marim ficaram desde logo sendo o alvo da vingança do orgulhoso monarcha.

Fazendo apromptar as tropas que julgava sufficientes para reduzir Castro Marim, ordenou-lhes D. Affonso que transpozessem o Guadiana e inesperadamente sitiassem a praça. Esta achava se então mal guarnecida, porque a maior parte dos cavalleiros tinham ido para o norte repellir e castigar as frequentes investidas do inimigo. Todavia os poucos defensores da praça auxiliados pelos habitantes da villa, souberam oppôr uma heroica resistencia, que levou o inimigo a desistir da empreza; mas este triumpho custou a perda de cento e oitenta pertuguezes que ficaram mortos na praça e fora d'ella, além de setenta, moradores nos arrabaldes, que os castelhanos levaram prisioneiros.

Isto não era vingança que podesse satisfazer os rancores de Affonso XI; era necessario, indispensavel, desalojar d'aquelle baluarte os esforçados guerreiros e mostrar-lhes que nem sempre poderiam quebrar a furia dos leões de Castella; portanto tratou sem demora de organisar um numeroso exercito que levasse a cabo a desejada empreza. Reunidas todas as tropas que para aquelle fim o monarcha castelhano poude dispor, o inimigo entrou no Algarve juncto á villa de Alcoutim,

e levando adiante de si o terror e a assolação, dirigiu-se rapidamente contra Castro Marim.

D'esta vez era de esperar que fosse inutil toda a resistencia da praça contra um exercito tão consideravel, principalmente se a fossem encontrar nas mesmas condições que a primeira vez. Mas o ataque anterior tinha servido aos cavalleiros de prevenção. O mestre D. Estevão Gonçalves Leitão, recebendo noticia do primeiro accommettimento dos castelhanos, e do modo porque os poucos cavalleiros, que guarneciam a praça, conseguiram frustar-lhes o intento, logo previu que o orgulho de Castella não se faria esperar, mais temivel e reforçado, para obter a desforra contra a ordem que o abatera. Nesta convicção tratou immediatamente de se recolher a Castro Marim com os seus cavalleiros, e desde que ahi chegou toda a sua actividade e attenção foi empregada em dispor todos os meios possiveis para a defeza da praça.

Aproximou-se o inimigo das muralhas da villa e julgando que ia tomal-a no primeiro impeto, pela confiança que tinha no seu poder, não demorou o accommettimento. Foi todavia repellido com grande perda de homens que cahiram mortos e feridos; e, repetindo os assaltos, cada vez com mais rigoroso e desesperado esforço, viu com assombro a mesma sorte, sempre inergicamente repellido, sempre consideravel perda em cada tentativa.

Prolongou-se o assedio muitos dias, durante os quaes houve momentos de encarniçada lucta que custou muito sangue e vidas aos castelhanos, dissipando-se para elles cada vez mais a esperança da victoria. Reconhecendo emfim a inutilidade dos esforços, o general inimigo levantou cerco e lá foi vingar nas povoações indefesas os damnos que recebera em combate leal. O exercito castelhano, antes, de regressar ao seu paiz, exerceu nos suburbios de Tavira, em Faro, Loulé e outras terras toda a ferocidade na assolação.

Os perigos porque acabava de passar a ordem de Christo no castello onde fora estabelecida; aquelles que ainda poderiam sobrevir, por guarnecer uma praça tão fraca e mal fortificada; a impossibilidade ou, pelo menos, a difficuldade de a tornar tão forte quanto o requereriam a segurança e o decoro d'uma corporação que, alem de fazer vida da guerra por preceito religioso, lhe cumpria sustentar, em toda a altura, a fama e gloria da ordem de cavallaria de quem era herdeira e representante, todas estas considerações decidiram D. Estevão Gonçalves a empregar os meios de obter a transferencia da ordem para outro logar mais conveniente. Requereu pois a D. Affonso IV a transferencia da ordem para Thomar, allegando por um lado as razões que a aconselhavam e por outro lado as vantagens que offerecia o castello de Thomar que

tambem pertencia á ordem, e que, tendo sido a séde capitular da ordem do Templo, com razão o devia ser da ordem de Christo, sua herdeira e representante. Não sabemos até que ponto as razões do mestre de Christo convenceram o monarcha; o que é certo é que elle não annuiu á pretenção.

Permanecendo a ordem de Christo em Castro Marim em breve tornou a illustrar-se, entrando na monumental batalha do Salado, que decidiu então da sorte da peninsula.

Os reis de Fez e de Granada, vendo a guerra em que andavam involvidos os reis christãos da peninsula, julgaram ser occasião favoravel para subjugarem de novo tudo quanto os campeões da cruz tinham subtrahido ao seu dominio. Começou o embarque dos sarracenos e durante cinco mezes as galés despejaram nos portos de Gibraltar innumeraveis esquadrões de soldados. Reuniram-se a estes as tropas do rei de Granada e sitiou-se logo Tarifa, como ponto estrategico de que precisavam para proseguir a invasão e conquista.

Alli ia crescendo a multidão dos barbaros, quaes nuvens amontoadas e prestes a desencadearem a tempestade. Affonso XI, medindo a gravidade do perigo, arrependeu-se de ter sacrificado tantas vidas e mal baratado tanto dinheiro em luctas tão pouco honrosas para si e para a sua nação. Cedendo á força das circumstancias, humilhou-se

ante a esposa a quem tanto ultrajara, pedindo-lhe que fosse a Portugal implorar d'el-rei, seu pae, prompto e valioso auxilio contra o perigo que ameaçava seus reinos e a christandade. A rainha, lançando um veu sobre o passado tão horroroso e cheio de amarguras, veiu pressurosa á presença de seu pae. Não resistiu o coração do impetuoso Affonso IV ás supplicas e lagrimas de sua filha. Prometteu pois que prestaria ao genro e á Hespanha o soccorro que d'elle careciam.

Dentro de breve tempo partiu para Sevilha á frente d'uma lustrosa companhia de gente escolhida, posto que pouco numerosa, na qual entraram os cavalleiros de Christo, deixando atraz o grosso do exercito que tinha de marchar mais lentamente por causa dos petrechos de guerra e provimentos.

Reunidas as tropas portuguezas ao exercito castelhano, que era commandado por Affonso XI, rompeu-se a marcha ao encontro dos infieis. Estes apenas avistaram os christãos, muito inferiores em numero, arrojaram-se para as margens do Salado e ahi esperaram firmes o accommetimento dos inimigos. A noite porem aproximava-se, e os principes christãos não quizeram no meio das trevas começar a terrivel batalha, em que a sorte das armas havia de decidir se os filhos da nobre Hespanha tinham de curvar-se novamente ao jugo mauritano.

No dia seguinte dão as trombetas o signal de combate. Pela disposição dos exercitos competia ao rei de Castella combater frente a frente o exercito africano, commandado pelo seu rei Abul-Hassan; o exercito granadino, conduzido á batalha pelo seu proprio soberano, o denodado Jusef Abul-Hagiag, tinha por adversario o rei de Portugal e a sua brilhante phalange. Trava-se a lucta, implacavel, frenetica, vertiginosa. Passadas algumas horas, as hostes christãs conseguiam romper as grossas muralhas de inimigos, e pela volta da tarde consumma-se o desbarato, (28 de outubro de 1340.)

Mais uma vez o arrojo dos christãos desfez em campo de batalha o poder mussulmano. Do brilhante e numeroso exercito inimigo apenas alguns milhares de cavalleiros acompanharam os reis de Fez e de Granada na precipitada fuga diante dos christãos que os perseguiram até Algesiras. O resto ficaram no campo mortos ou prisioneiros. O despojo foi riquissimo; mas o monarcha portuguez, convidado a escolher d'entre essas riquezas a parte que lhe aprouvesse, só quiz alguns alfanges e bandeiras, e um clarim que pertencera ao rei de Granada.

N'este memoravel triumpho coube a Affonso IV e aos portuguezes a parte mais gloriosa, distinguindo-se entre todos, os cavalleiros de Christo ca-

pitaneados pelo seu 4.° mestre D. Estevão Gonçalves Leitão. Para o generoso monarcha tinha esta convicção maior valia que todos os despojos.

VII

Mudança dos cavalleiros de Christo para Thomar; illustração e engrandecimento progressivo d'esta ordem.

Quatro annos depois da celebrada victoria que livrou a peninsula até hoje das invasões dos sarracenos, morreu o illustre mestre, D. Estevão Gonçalves Leitão, succedendo-lhe D. Rodrigo Annes.

Governou este a ordem quatorze annos, durante os quaes não tiveram os cavalleiros grandes emprezas em que se illustrassem. No fim d'este periodo, por motivos que ignoramos, renunciou o elevado cargo em que fôra investido.

Foi eleito D. Nuno Rodrigues 6.º mestre da ordem de Christo. Pouco depois foi esta transferida de Castro Marim para Thomar, onde o mestre celebrou o quarto capitulo geral da ordem, a que presidiu o abbade de Alcobaça. Nenhum outro successo notavel occorreu com relação a esta milicia durante o governo d'este mestre, que terminou por seu fallecimento em 1372.

Reinava então D. Fernando, mas governava por

elle sua mulher D. Leonor Telles, que exigia e obtinha do marido tudo quanto a sua ambição e caprichos lhe dictavam.

Pouco admirará portanto que, por morte de D. Nuno Rodrigues, ás disposições dos estatutos da ordem de Christo prevalecesse um capricho da rainha, fazendo esta com que fosse eleito D. Lopo Dias de Sousa, que, alem de não pertencer á ordem, contava apenas doze annos de edade. Para explicar este singular empenho da rainha, basta dizer que D. Lopo era filho de D. Maria Telles de Menezes, e por consequencia sobrinho da rainha. Entretanto o papa Bonifacio IX não quiz approvar similhante eleição, mas el-rei, a instancias de D. Leonor, tanto insistiu com o pontifice, que este conveio afinal em confirmar D. Lopo no mestrado de Christo, tendo a ordem, durante a sua menoridade, um administrador.

Correu tempo, e a creança elevada pelo favor regio a mestre da principal e mais respeitavel ordem de cavallaria de Portugal, tornou-se homem, e tomando posse do mestrado, por ter completado vinte e cinco annos de edade, não tardou em dar as primeiras provas de que era digno de exercer tão alto cargo pela nobreza e elevação dos seus sentimentos, pelo esforço do seu braço e pelo seu inabalavel patriotismo.

Morrera el-rei D. Fernando e a nação dividira-

se principalmente em dois partidos, que disputavam com as armas na mão sobre a successão da coroa. Por um lado o mestre d'Aviz á frente dos populares, hasteava a bandeira da independencia e da liberdade; pelo outro lado D. João I, rei de Castella, confiando no seu exercito e em grande numero de fidalgos portuguezes, seus adeptos, dispunha-se a sustentar os seus direitos á corôa de seu sogro, el-rei D. Fernando.

D. Lopo, apezar de ter no arraial castelhano sua prima co-irmã, a rainha D. Beatriz e a rainha D. Leonor, sua tia, não lhe permittiu o seu caracter, antepôr a familia á patria. E para mostrar desde logo que não encobria o seu sentir com uma calculada neutralidade, partiu de Thomar com um punhado dos seus cavalleiros e dirigiu-se contra Torres Novas para a libertar do poder dos castelhanos. Foi temeraria a empreza e o resultado desfavoravel aos aggressores, porque, declarando-se a victoria pelo maior numero, o mestre de Christo e seus valentes companheiros foram destroçados e levados prisioneiros para Santarem, onde jazeram até que o mestre d'Aviz, já acclamado rei e vencedor nos campos d'Aljubarrota os veio pôr em liberdade.

Entretanto, se as paredes d'uma prisão impediram que D. Lopo se distinguisse nas pelejas pela independencia da patria, não obstaram a que

a ordem de Christo participasse da gloria que as armas portuguezas alcançaram contra os exercitos de Castella. Capitaneados pelo commendador-mór lá foram os cavalleiros de Christo mostrar o seu heroismo na grande batalha d'Aljubarrota.

Passados vinte annos realisaram os portuguezes uma empreza não menos ardua e gloriosa, em que os cavalleiros de Christo tambem tomaram parte, aproveitando D. Lopo a occasião para tirar a desforra do impedimento que lhe pozeram, quando elle com tanta anciedade desejava ir combater pela patria. Aquella empreza foi a tomada de Ceuta em 1415.

Dois annos apenas sobreviveu D. Lopo a esta victoria. Falleceu na Covilhã e succedeu-lhe no governo da ordem o infante D. Henrique, duque de Vizeu, que fez trasladar os seus restos para o convento de Thomar.

A nomeação do infante para este cargo foi ainda uma recompensa de D. João I aos gloriosos feitos de seu filho na expugnação de Ceuta.

D. Henrique, que a esse tempo se entregava com ardor ao estudo da mathematica e da geographia e tinha na mente emprehender arrojadas navegações e descobrimentos, para o que precisava avultadas sommas; não quiz sujeitar-se ao voto de pobreza que a regra da ordem lhe impunha, e por isso sollicitou do pontifice, que lhe confirmas-

se a nomeação com o titulo de *governador e administrador*. (1418).

Tomando posse do governo da ordem de Christo, veio residir algum tempo no castello de Thomar, onde mandou edificar para sua habitação uns paços, que ainda existem, posto que arruinados, e a que chamam hoje *paços da rainha D. Catharina*, por ter n'elles residido por vezes a dita rainha, mulher de D. João III. Ao mesmo tempo reedificou e ampliou outras partes do edificio, e regularisou o governo da ordem; depois de ter consagrado perto de tres annos n'estes melhoramentos obedeceu então ao seu pensamento dominante, a força occulta que o impellia aos descobrimentos maritimos, e por conseguinte trocou a grandeza e fausto da sua residencia de Thomar pelo inhospito promontorio, perto do qual lançára, logo depois da volta de Ceuta, os fundamentos á sua villa de Sagres. Chegando alli, tratou de dar execução a seus vastos designios, que os mais doutos o avisados taxavam de chimericos, e o povo e as classes menos allumiadas diziam ser coisa com que o infante queria tentar a Deus. Sem lhe importarem opposições e obstaculos ia attrahindo para junto de si pilotos geographos e astronomos, convertendo Sagres quazi em eschola de estudos e applicações mathematicas. Os primeiros resultados, e a fama dilatada com o successo, convidaram depois á corte

scientifica do infante muitos sabedores e mestres de navegação, e alguns estrangeiros illustres de quasi todos os reinos da Europa, desejosos de entrar n'aquelle paço ou de se offerecerem ao seu serviço. Com os olhos fitos na immensidade das aguas, o infante continuou intrepido a pisar a estrada que tantos erros e trevas escondia aos engenhos mais cultos do seu tempo. Aquella grande alma achava estreito para o seu ardor o pequeno Portugal. Enlevado no seu amor pela patria, sonhára para ella prosperidades e grandezas que a fortuna tomou sobre si realisar, mas que nos exordios deviam até figurar-se a elle proprio quasi loucas.

Entretanto D. Henrique, emprehendendo a circumnavegação da Africa, e buscando a communicação com os mares orientaes, não se entregava, como visionario, aos impetos cegos de temeraria obstinação mas obedecia a razões solidas, suggeridas por uma profunda meditação e aturado estudo.

Os defensores da sciencia, fundando-se nas antigas preoccupações, não contrariadas ainda pela experiencia, que representavam a zona torrida inhabitavel e a existencia dos antipodas impossivel, repudiavam as ideas do infante, como inexequiveis. Imaginavam-se medos incriveis para desmaiar o animo dos navegadores. Alem do cabo de Não, aonde a tradição de muitos seculos levanta-

ra as ultimas barreiras, estendia-se o mar tenebroso dos arabes, o pelago semeado de perigos e ciladas, o oceano povoado de monstros e nunca trilhado das quinas aventureiras. A' doutrina dos sabedores e dos doutos uniam-se pois os terrores da multidão incapazes elle e ella de apreciar o que havia de grande e de elevado nos pensamentos de D. Henrique, sendo a empreza do filho de D. João I tanto mais admiravel, quanto mais se levantavam para a combater as theorias recebidas, o voto dos homens conceituados de competentes e os prejuizos populares.

Não cabe na estreiteza d'este opusculo narrar, ainda que fosse muito resumidamente, as arrojadas navegações e as gloriosas descobertas, que os mysterios e perigos por tantos seculos obstaram, e que, realisadas pelo Infante D. Henrique, asseguraram a immortalidade do seu nome. Limitar-nos-hemos pois dizer a que tudo o que descobriu, tudo o que conquistou ou ajudou a conquistar, foi por elle generosa e espontaneamente doado á ordem militar de que era mestre, guardando sómente o direito de não descançar em tão prolongada fadiga e a gloria de ter feito d'este pequeno reino do occidente o berço da mais profunda e admirada revolução qne o mundo comtemplára desde a queda do imperio romano.

E todas estas glorias reflectem nos fastos da

ordem de Christo. O promotor d'estes grandes commettimentos; alguns dos nautas que se aventuraram nas expedições; e as bandeiras que fluctuavam nas embarcações enviadas a demandar novos mares e novas terras pertenciam á ordem de Christo.

D. Affonso V, por carta de doação passada em 1554, e confirmada por bullas dos papas Nicolau V e Calixto III concedeu á ordem a *espiritualidade das terras conquistadas e por conquistar como se Thomar fossem*, palavras formaes do documento.

Por conseguinte teve a ordem de fundar egrejas e enviar missionarios para converter á fé os povos que habitavam as terras que já tinham sido descobertas e as que se fossem descobrindo; encarrego que todavia era amplamente compensado pelas avultadas rendas que auferia dos novos dominios.

As multiplicadas e serias preocupações do infante D. Henrique não lhe desviaram completamente a attenção do convento de Thomar. Alli fez durante a sua administração obras importantes, nas quaes se comprehendem dois claustros, sendo um mais sumptuoso e mais bello, que é conhecido pelo nome do *fundador*. O virtuoso e infeliz rei D. Duarte, attribulado pelo captiveiro de seu irmão o infante D. Fernando e pela peste que assolava o reino, foi procurar refugio no convento de Christo

e ahi morreu, victima d'aquella temivel epidemia, em 9 de setembro de 1438.

O infante D. Henrique em 1449 celebrou em Thomar o quinto capitulo geral, que teve por fim a reforma da regra. Morreu em 1460 e jaz sepultado no mosteiro da Batalha.

Succedeu-lhe no mestrado de Christo, com o mesmo titulo de governador e administrador, seu sobrinho e herdeiro o infante D. Fernando. Governou a ordem por espaço de dez annos, procurando em tudo seguir os exemplos de seu antecessor.

Por sua morte deu-se um caso ainda mais singular ao que aquelle que aconteceu com respeito a D. Lopo Dias de Sousa. Sendo nomeados para lhe succeder n'aquelle cargo seu filho D. Diogo, duque de Vizeu, de tenra edade ainda, a infanta D. Beatriz, obteve por uma bulla do pontifice, auctorisação para governar a ordem na menoridade de seu filho. Pouco depois de ser investido no governo da ordem, morreu este principe assassinado em Setubal por seu primo el-rei D. João II, que o achara complice na conspiração contra a sua pessoa.

Succedeu a D. Diogo no cargo de governador e administrador da ordem de Christo seu irmão, D. Manuel, duque de Beja. Pouco tardou elle em subir ao throno de Portugal, e todavia não quiz resignar o governo da ordem antes o conservou em todo o seu reinado.

Começou pois um novo periodo de esplendor e engrandecimento para a ordem de Christo a par d'aquelle em que ia entrar a monarchia portugueza.

Como todos sabem, a estreia do seu venturoso reinado foi a descoberta da India e do Brazil, a que se seguiu uma serie não interrompida de descobrimentos e conquistas. Em todas estas gloriosas emprezas tomou parte a ordem de Christo, porque muitos dos herces que as levaram a effeito pertenciam a esta corporação, e porque n'ellas se dispendia a maior parte dos rendimentos do mestrado.

Durante os trinta e sete annos que regeu a milicia de Christo, residiu por vezes em Thomar; celebrou ahi capitulos geraes em 1492 e 1503 em que se fizeram importantes reformas nos estatutos e definições da ordem; concedeu muitos previlegios á ordem, obtendo tambem outros dos pontifices; creou muitas commendas novas e augmentou outras antigas com approvação do papa Leão X, para recompensar os serviços importantes que prestassem os cavalleiros na dilatação do dominio portuguez em todo o mundo; e, finalmente, dando largas ao seu genio edificador, de que ha multiplicadas provas em todo o reino, procedeu a construcções de grande sumptuosidade na egreja e convento da ordem, as quaes n'outro logar especificaremos.

VIII

Reforma da cavallaria de Christo por el-rei D. João III; sua decadencia moral; reconhecimento de Filippe II de Hespanha como soberano de Portugal nas cortes celebradas no convento de Christo; progresso nas amplificações materiaes do convento.

Fallecido el-rei D. Manuel em 1521, seu filho, el-rei D. João III, lhe succedeu no throno, assumindo tambem, por bulla do papa Adriano VI, o governo da ordem de Christo. Passados dois annos veio a Thomar, onde celebrou o oitavo capitulo da ordem.

O monarcha, cujo espirito naturalmente pouco esclarecido, ainda mais se obcecava com as idéas que lhe incutiam, movido d'aquellas sinistras influencias que o levaram muitas vezes a sacrificar inconscientemente os interesses e o esplendor da nação ao fanatismo religioso, e, peior do que isso, ás intrigas e machinações anti-patrioticas que a hypocrisia acobertava com o manto da religião,

pensou fazer um acto meritorio perante Deus, convertendo em frades os cavalleiros de Christo.

Auctorisado pelo capitulo, que não ousou oppor-se ao real capricho, e pela bulla d'approvação que se não fez esperar, D. João III procedeu á reforma da ordem, transformando os cavalleiros conventuaes em religiosos de cogula, sujeitos á' clausura e regularidade monasticas.

Assim os cavalleiros de Christo lançaram para longe de si a espada, até então sempre prompta a desembainhar-se em serviço da patria; enrolaram aquella bandeira que tremulara ovante nas primeiras caravelas que foram descobrir os mysterios do oceano; e perante os altares fizeram voto solemne de viver sómente para o serviço da egreja, reclusos entre as paredes do claustro.

Seguiu-se depois a encorporação definitiva do mestrado de Christo na corôa. E mais tarde instou D. João III para que fossem egualmente encorporados na corôa os mestrados de Aviz e de Santiago da Espada o que obteve por bulla do papa Julio III expedida em 1551, que declarava grão-mestres perpetuos das tres ordens militares os soberanos do reino, varões ou femeas.

O governo do convento de Thomar continuou a pertencer ao prior-mór, ficando este com honras de bispo e superioridade em todas as egrejas da prelazia de Thomar, assim como nas das conquis-

tas, em que a ordem tinha jurisdicção. O patrimonio da ordem comprehendia quatrocentas e cincoenta e quatro commendas e vinte uma villas.

Da antiga ordem religiosa e guerreira só restou d'alli em diante, para recompensa de serviços valiosos feitos á patria a sua divisa, a cruz vermelha como condecoração e as suas rendosas commendas. Aquelles a quem o rei, na qualidade de grão-mestre, se dignava conferir taes premios, fariam profissão n'uma egreja da ordem, e eram dispensados dos votos. Estes cavalleiros seculares ainda sustentaram por algum tempo o nome illustre da ordem, em quanto não trilharam o caminho da decadencia e degeneração que deram em resultado a perda da nossa independencia.

Para tornar o convento appropriado para a vida monastica teve D. João III de fazer obras importantes; como foram dormitorios, refeitorio, casa de noviços, claustros e officinas; tudo vasto e grande como o requeria a ordem pela sua importancia e pelo numero dos seus membros.

Em 1542 o pontificie Paulo III, a instancias d'el-rei, isemptou a ordem de Christo da jurisdicção do dom abbade de Alcobaça. Creou D. João III o tribunal da meza das ordens, confirmado pelo papa Pio IV.

Presidiu el-rei D. Sebastião a dois capitulos geraes da ordem: um reunido em Lisboa no anno

de 1563, em uma sala do hospital de Todos os Santos, que era situado no Rocio, do lado de leste ; outro na egreja de Santa Maria de Marvilla, em Santarem, no anno de 1573.

O cardeal-rei D. Henrique durante o seu ephemero reinado só chegou a introduzir uma poquena reforma na ordem de Christo, por talvez a unica que, na opinião d'elle, faltava para aperfeiçoar a obra de el-rei D. João III, seu irmão. Determinou que o breviario cisterciense, de que usavam os freires no convento de Thomar, fosse substituido pelo breviario romano.

Ao curto reinado do pusillanime e antipathico cardeal seguiu-se a perda da independencia portugueza. A principal aristocracia, antepondo os calculos interesseiros ao nome illustre que lhe legaram seus avós e á propria dignidade, não duvidou pactuar com os procuradores de Castella, que, á força de ouro e promessas, arrastaram a nacionalidade portugueza ao mercado das traições infames, dos enredos miseraveis, das torpes vinganças, das objecções ignaras. E para nos convencermos da decadencia moral em que se achava a ordem de Christo n'essa epocha e quanto tinha degenerado nos seus filhos o grande patriotismo que outr'ora os nobilitava; para nos convencermos, emfim do modo como a ordem de Christo se achou no meio da prostituição geral, basta apontar

para a predilecção que por ella tiveram Filippe II de Castella e seus dois immediatos successores. Esta predilecção, testemunhada durante os sessentas annos da dominação estrangeira, auctorisa-nos a suppor que esta tivera nos freires de Christo valioso apoio.

Filippe II, vindo a Portugal em Março de 1581 para se fazer reconhecer por soberano d'este reino, escolheu o convento de Thomar para a reunião dos tres estados, que haviam de legalisar a venda pouco antes contratada. E, se não houvesse outras razões, de certo que não era a capacidade das salas que determinava a escolha do edificio para tão grande reunião. Outros havia no paiz com mais direito de preferencia.

Deu este monarcha começo á reforma dos estatutos e definições da ordem, e lançou os fundamentos ao aqueducto e ao claustro chamado dos *Filippes* construcções que se podem contar entre as mais grandiosas não só d'aquelles monumentos, mas ainda de todos os do reino.

D. Filippe, seu filho e successor deu desenvolvimento a essas obras e concluiu o aqueducto que principiara em 1595 e em que se dispenderam *mais de oitenta mil cruzados*, segundo vimos n'um livro do seculo passado.

Veiu a Lisboa em Maio de 1619 e em Outubro d'esse mesmo anno partiu para Thomar. Durante

a sua residencia no convento de Christo, celebrou o undecimo capitulo geral da ordem, o qual teve por fim a reforma dos estatutos principiada por seu pai e que se concluiu nos tres dias, 16, 17 e 18 d'Outubro qne funccionou a assembléa.

D. Filippe IV de Hespanha, III e ultimo de Portugal, só veio a este paiz quando acompanhou seu pae. Parece que o povo portuguez lhe inspirára aversão, e, subindo ao throno, não tardou em patenteal a com uma tyrannia cada vez mais insupportavel. Decidido a aniquilar completamente esta nacionalidade, exigia tributos impossiveis, acabava com as ultimas liberdades que lhe restavam e só se mostrava complacente com os seus parciaes. Como entre elles se contavam provavelmente os freires de Christo, Filippe IV, para lhes provar a sua real affeição e munificencia, ordenou que se não interrompesse a obra do claustro filippino até ser acabada, o que se realisou sob o seu governo, não obstante a despeza ter sido grande e o thesouro estar quazi sem recursos por causa das guerras estrangeiras.

IX

A ordem de Christo desde 1640 até á sua extincção como corporação religiosa.

A milicia de Christo, como corporação illustre e util pelos serviços que prestava á patria, inutilisou-a D. João III. Rasgou-lhe do livro das suas glorias as paginas que porventura se poderiam ainda preencher, e cortando-lhe todas as esperanças da vida, sepultou seus membros na casa, que d'antes só occupavam, quando o escasso tempo do ocio lhe permittia. O periodo do engrandecimento dos edificios por meio das obras d'arte terminou com a dynastia filippina. Que resta agora? A tristeza que reveste tudo o que vae a perecer.

Depois que D. João IV subiu ao throno de Portugal muitos annos decorreram sem que a ordem de Christo tivesse algum acontecimento notavel para registar nos seus annaes. Todavia, durante a regencia do príncipe D. Pedro, pela deposição de D. Affonso VI, seu irmão, deu se um facto que nos parece abonar a opinião que acima exposemos, e por isso o vamos consignar aqui. Como o nosso

governo não pôde obter da corte de Roma, apezar das diligencias empregadas, a confirmação de bispos nomeados durante a lucta com a Hespanha, resultou que ao fim dos vinte e sete annos que durou esta guerra, estavam vacantes quasi todas as diocceses do reino e das possessões ultramarinas. Celebrada a paz com a Hespanha em 1668, a corte pontificia prestou-se logo a reconhecer a independencia de Portugal e a dynastia de Bragança. Portanto, restabelecidas as boas relações com a curia romana, apressou-se o principe a fazer a nomeação dos prelados que haviam de prover as sés vagas.

E, sendo nas dioceses ultramarinas, que eram subjeitas todas a jurisdição espiritual da ordem de Christo, o maior numero das vagaturas, apenas figura entre os ecclesiasticos nomeados para as preencher um unico freire de Christo. D. Pedro Sanches apresentado na mitra d'Angola. Se não houvera, com effeito, da parte do principe algum motivo de desagrado contra a ordem de Christo, seria pouco provavel que, para terras a ella doadas no espiritual, em compensação dos sacrificios que fez e em razão de o paiz lhe dever em grande parte o descobrimento e posse, a dita ordem fosse comtemplada apenas com uma mitra na occasião excepcional em que o podera ser com parte d'ellas.

Tendo já o titulo de rei, D. Pedro II dispensou a prova de nobreza dos quatro avós para qualquer individno ser admittido na ordem, condição que até alli era necessaria.

No fim d'este reinado e por occasião que rebentara a guerra da successão de Hespanha, deu o convento de Christo hospedagem a dois soberanos.

Portugal tomára partido pelo pretendente á corôa hespanhola, o archiduque d'Austria Carlos. Chegando este a Lisboa em Março de 1704 d'alli partiu em Maio para a campanha com el rei D. Pedro II. No seu regresso a Lisboa, depois de verem os seus intentos frustrados, vieram alojar-se no convento de Christo, primeiro el-rei D. Pedro II, e passados alguns dias o archiduque, que já não encontrou o seu alliado e só se reuniu a elle em Santarem.

Em 1714 tornou o convento de Christo a ser honrado com a visita do soberano de Portugal. Foi visita festiva d'el-rei D. João V, acompanhado de seus irmãos, os infantes D. Antonio e D. Manuel e d'um brilhante cortejo. Demoraram-se tres dias durante os quaes viram e admiraram o monumento a que estão ligadas tantas recordações historicas e tantas memorias gloriosas.

N'estes dois ultimos seculos os fastos da ordem e convento de Christo limitaram-se apenas a com-

memorar visitas de principes, como acontecimentos prosperos.

Entre os adversarios citaremos os estragos que ao edificio causou a invasão dos francezes em 1810 e a sua retirada no anno immediato. Alem do que padeceu o edificio, desappareceram algumas alfaias de bastante valor, que os freires não poderam acautelar ou levar comsigo, quando a approximação do inimigo os fez abandonar precipitadamente o convento. Mais para deplorar foi ainda a perda das cadeiras do côro, mandadas fazer por D. Manoel, que constituiam uma admiravel preciosidade artistica, e que, não se sabendo se com effeito serviram todas de lenha para os soldados se aquecerem, se pode affirmar que nem uma lá deixaram. E no archivo tambem houve perdas irreparaveis por causa dos muitos e valiosissimos documentos que se desemcaminharam.

Desde então a ruina do edificio acompanhava a decadencia progressiva da ordem. A chamada reforma que pouco antes d'aquelle successo o principal Castro alli effeituara, relaxou a clausura e os freires começando a viver fora do convento, deixaram de cuidar na sua conservação.

Em 1834, pela extincção nas ordens religiosas, ficou o convento deshabitado, e, mais do que isso, abandonado. Então é que o vandalismo dos homens e as injurias do tempo levaram a ruina a

quasi todas as partes do edificio, e é facil presumir o deploravel estado a que chegaria com grande perda para as artes e não menor vergonha para este paiz, se não fossem os esforços e desvellos do Sr. conde hoje marquez de Thomar. Tendo comprado ao estado em 1843 a cerca e uma parte do convento, cuidou logo em salvar da total destruição a parte do edificio que é monumento d'arte e pertencia e pertence ainda á nação. Depois aproveitou-se, ainda em beneficio do monumento, da visita com que alli o honraram n'esse mesmo anno suas magestades e altezas a S.ª D. Maria II, el-rei o Sr. D. Fernando, e os dois principes que succederam no throno áquella soberana; projectou dar começo a obras não só de reparação e conservação, mas tambem com que pouco a pouco se fosse restaurando, como se practicava no mosteiro da Batalha. As obras, com effeito, começaram, porem os successos politicos que ponco depois sobrevieram, obstaram a que ellas continuassem. Depois que serenou a lucta dos partidos, S. Ex.ª não tem deixado de requerer aos poderes publicos providencias para a conservação de tão venerando e grandioso monumento. E senão tem conseguido quanto seria para desejar, é inegavel que tem obtido e a elle se devem as diversas reparações que alli se tem effeituado.

PARTE DESCRIPTIVA

I

Santa Maria dos Olivaes matriz das egrejas da ordem do Templo e de Christo

Está situada esta egreja em um terreno na margem esquerda do rio Nabão, como já dissemos. Este terreno tem bastante declive da frente para a parte posterior do templo, de maneira que a porta principal (que agora é a unica) fica elevada cerca de dois metros do pavimento, para o qual se tem de descer por uma escada de pedra de oito degraus.

Achamos em mais d'um escriptor que D. Gualdim Paes reedificára a egreja do antigo mosteiro benedictino; todavia não se descobre parte alguma do templo, quer interna, quer externamente, que pareça anterior ao seculo XII. É pois de crer que a construcção de D. Gualdim Paes fora completa e que não resta vestigio algum da egreja benedictina, pois sobre as suas ruinas é que a de Santa Maria provavelmente se elevou.

Alem d'isso, a pequenez do templo parece revelar bem o fim para que D. Gualdim Paes o construiu, que foi para as praticas religiosas da ordem;

e a singeleza da construcção está em harmonia com a simplicidade e quasi rudeza de costumes dos monges guerreiros e do seculo em que elles effeituaram a obra.

O monumento dos templarios conserva ainda a forma geral primitiva mas não assim em todas as suas feições architectonicas, por que em grande parte as alteraram D. Manuel e D. João III com as obras de reconstrucção, ou antes de destruição, que ahi fizeram.

A fachada principal do templo está voltada para o occidente. Tem ao meio o portico, que é formado de columnas delgadas e lisas com seus capiteis muito simples e toscamente lavrados, sustentando um arco ogival. Sobre o portico abre-se um grande oculo, que tem uns relevos singelos nos raios que fazem divisão á vidraça. O resto da frontaria é inteiramente despido d'ornatos, e assim assimilha-se aos monumentos erigidos na infancia da monarchia portugueza. Esta circumstancia e o *signum salomonis* que se vê esculpido sobre o portal da egreja, emblema usado pelos templarios, e que elles muitas vezes punham nos seus edificios, como em tempos mais modernos praticava D. Manuel, mandando collocar nos monumentos que fundava a esphera armillar e a cruz da ordem de Christo, são argumentos de algum peso para corroborar a opinião que acima emittimos.

Devemos porem lembrar que a fachada não está como primitivamente era; falta-lhe o alpendre sustentado pôr columnas de pedra que lhe cobria a porta e o adro que foi abatido no reinado de um dos dois monarchas acima nomeados. Dois tumulos, chamados dos *Tamarães* que estavam encostados á parede do templo aos lados do portico foram tambem desfeitos por essa occasião. Jazia n'um dos tumulos D. Martim Gil, feito conde de Neiva por el-rei D. Diniz, que fôra mordomo-mor da rainha Santa Isabel e aio ou camareiro-mor do infante D. Affonso, seu filho. O outro mausoleo encerrava pessoa da mesma familia, á qual chamavam dos *Tamarães*, em razão de ter um dos seus membros, talvez o dito D. Martim Gil, instituido n'esta egreja uma capella que dotou com os seus bens no logar de *Tamarel*, termo da villa d'Ourem. Os restos mortaes foram trasladados dos tumulos para dentro da egreja.

O alpendre, a que davam o nome de *galilé*, e que quasi toda as egrejas n'aquelles tempos tinham, servia para diversos fins. Nas solemnidades religiosas, quando a capacidade do templo não bastava para conter o concurso do povo, era na galilé que o pregador subia ao pulpito para que todos o ouvissem. Alli se prégava aos mouros e judeus, persuadindo-os a abraçarem a religião christã e se faziam as cathecheses aos neophitos

que se dispunham a entrar para o seio do christianismo. Alli os pobres e peregrinos se abrigavam das inclemencias do tempo e muitas vezes repousavam durante a noite. Tambem nas galilés das egrejas se costumava administrar justiça ao povo, e na de Santa Maria do Olival, diz uma memoria antiga, havia uma *séde* ou cadeira de pedra, onde se ia sentar o alvazil ou juiz nomeado pelo mestre dos templarios, como senhor que era da jurisdicção civel, criminal e ecclesiastica d'aquelle territorio.

Tem alteado tanto o terreno do adro, que para não obstruir a entrada da egreja, se construiram em volta umas escadas com nove degraus de pedra, os quaes é preciso descer para chegar á porta. Estes degraus, mandados construir provavelmente na mesma occasião em que se demoliu a galilé, são campas cortadas e affeiçoadas áquelle fim, nas quaes, ainda ha pouco, se viam caracteres das inscripções sepulchraes, e que a recente regularisação dada ás superficies, totalmente apagou.

Como não ha nas proximidades da egreja terrenos mais elevados, aquelle alteamento do solo não poderá deixar de ser devido ao desmoronamento ou demolição de edificios contiguos, que não poucos alli existiram, construidos em differentes epochas até aos fins do seculo XIII ou principios do seculo XIV. Eram esses edificios, alem do mosteiro

benedictino, muitas casas e varias capellas em torno da egreja ou pouco distantes d'ella. Duas d'essas capellas tinham a invocação de S. Miguel, outras duas de S. Perofins e de Santa Maria Magdalena. De todas estas construcções só resta algumas memorias escriptas e os materiaes desfeitos formando entulhos.

O interior da egreja de Santa Maria é uma producção das mais singelas e elementares da architectura ogival, a que impropriamente chamam gothica. A ogiva é de todos os tempos e de todos os paizes, porem no seculo XII é que foi empregada com profusão, tornando-se o elemento essencial d'uma architectura nova que deu ás cathedraes da Europa imponente grandeza.

As reformas que os dois referidos monarchas mandaram fazer, não se harmonisaram com a estructura geral; porque os architectos d'aquelles tempos tinham adoptado como systema o não respeitar a arte antiga, mutilando e adulterando assim monumentos venerandos com reformas feitas segundo a architectura em voga.

A capella-mor é pequena e toda rasgada em grandes frestas ogivaes de cantaria lisa, e está em perfeita harmonia com o frontispicio e naves da egreja. Esta circumstancia leva a crer que esta parte do edificio é obra de D. Gualdim Paes e não de D. Manuel ou de D. João III, como alguns pretendem.

No meio da parede da capella-mor, do lado do Evangelho, e a pouco mais d'um metro d'altura avulta um magnifico mausoleo do seculo XVI, unico trabalho esculptural que desdiz da simplicidade architectonica de todo o edificio. É um bello specimen do puro estylo da renascença. O mausoleo resalta um pouco da parede em que está embebido, e tem nas extremidades duas elegantes columnas, sobre as quaes assenta uma faxa decorada de relevos e em seguida um triangulo com uma pequena figura de anjo no vertice. Aos lados do anjo e sobre o triangulo uns ornatos que terminam por duas pequenas pyramides no prolongamento das columnas; no centro do triangulo um brazão. Entre as bases das columnas e acompanhando-as em toda a altura, duas faxas de pedra sobrepostas, das quaes a inferior tem o escudo do mesmo brazão, e a outra um desenho d'ornamentação. Sobre esta e entre os fustes das columnas elevam-se dois pilares de base rectangular sustentando um arco e formando á custa da espessura da parede uma especie de capellinha onde se vê a caixa de pedra que contem os restos mortaes do finado e um pouco acima outra figura ou imagem. E no meio de tudo isto varios ornatos e relevos mais miudos e delicados. Diz o epitaphio que alli jaz D. Diogo Pinheiro, primeiro bispo do Funchal fallecido no anno de 1525.

D. Diogo Pinheiro era vigario de Thomar quando el-rei D. Manuel o nomeou bispo do Funchal em 1514. Foi logo depois confirmado pelo papa Leão X, mas não chegou a ir para a ilha da Madeira, em razão de o reterem no reino o serviço e negocios d'el-rei.

Na mesma parede da capella mor, pela parte de baixo do mausoleu de que acabamos de fallar, estão os restos mortaes de D. Gil Martins, primeiro mestre da ordem de Christo. Este insigne varão, depois de ter repousado perto de dois seculos em um tumulo de pedra, foi d'alli tirado para o depositarem na dita parede embebendo n'ella a lapida que continha o seu epitaphio. Diz este em letra gothica que alli jaz D. Gil Martins, primeiro mestre da cavallaria de Jesus Christo, que foi irmão da ordem d'Aviz e mestre d'essa ordem o qual falleceu em sexta feira 13 de Novembro de 1359. A era é a de Cesar e corresponde ao anno do nascimento de Christo de 1321. O tumulo d'este mestre foi desfeito, assim como todos os mais que havia dentro da egreja, no primeiro quartel do seculo XVI por occasião das obras que alli se fizeram.

É provavel que, segundo o antigo uso, o templo não tivesse mais que o altar da capella-mor, mas, como isto naturalmente não parecia bem a el-rei D. Manuel e a seu *piedoso* successor, fizeram

estes soberanos guarnecer de capellas todo o lado do sul. São cinco estas capellas e não tem coisa alguma que chame a attenção pelo lado da arte. Sem belleza nem elegancia, a sua construcção prejudicou muito a austeridade das tres naves com seus pilares e arcos ogivaes inteiramente destituidos de ornamentação.

Com effeito, são muito dignas de censura taes mutilações a um monumento tão antigo e venerando. Porem o que mais excita a indignação é que para isto se desfizessem os tumulos que alli estavam encostados e todos os outros que se viam na egreja. N'estes tumulos dormiam o derradeiro somno D. Gualdim Paes, quazi todos os mestres da ordem do Templo e de Christo; e as cinzas d'estes varões que tanto se illustraram por seus heroicos feitos e cujos nomes não morreram, foram escondidas sem ficarem letras nem signal que indique onde jazem aquelles que tanto lidaram e pugnaram pelo engrandecimento da patria.

Se taes barbaridades e irreverencias fossem practicadas em nossos dias, muita gente havia de attribuil-as somente á corrupção da epoca e á terrivel influencia das ideas anti-religiosas. Porem, sendo estes actos ordenados por D. João III, a que se deverão elles attribuir, sem fazer aggravo ás virtudes do monarcha a que alguns historiadores chamam o *piedoso*?

Alem de se saber o logar certo onde estão as cinzas do primeiro mestre de Christo, tambem as do fundador d'aquella egreja escaparam felizmente ao olvido. Sendo desfeitos os mausoleos dos mestres do Templo e de Christo que estavam encostados ás paredes das naves lateraes, e as ossadas transferidas para as cinco mencionadas capellas, no sitio onde depositaram as reliquias de D. Gualdim Paes, na segunda das ditas capellas, ainda se lembraram de gravar uma inscripção que diz assim: *Obiit frater Gualdinus magister militum templi Portugalis, era milesima ducentesima tregecima tertia, tertio Idibus Octobris. Hic castra Tomaris cum multis aliis populavit, requiescat in pace.* Em portuguez: Falleceu fr. Gualdim, mestre dos cavalleiros do Templo em Portugal, aos 13 d'Outubro de 1233. Este, com muitos outros cavalleiros povoou o castello de Thomar. Descance em paz.» Aquella era é a de Cesar e corresponde ao anno de 1195 do nascimento de Christo.

O tecto da egreja é obra de D. Manuel assim como a escada que sobe para o coro que outr'ora existiu. Anteriormente a serventia para o coro era por uma escada que se encostava á parede exterior da egreja, do lado do norte.

A egreja de Santa Maria do Olival foi bailia e matriz de todas as egrejas que a ordem de Christo possuia no reino, nas ilhas, em Africa, nas In-

dias e no Brazil. Gozava das honras de cathedral e tinha ao seu serviço, como se vê em todas as sés, um masseiro com o bastão ou sceptro, e outros com massas de prata. Era isempta da jurisdicção dos bispos, não reconhecendo superioridade senão ao papa. O seu prelado tinha honras de bispo, celebrava pontifical e gosava de poderes quasi episcopaes na extensa prelazia de Thomar. Era n'esta egreja que as duas ordens do Templo e de Christo celebravam as suas solemnidades, apezar de ficar distante cerca de um kilometro do castello, onde tinham a sua residencia principal e templo com capacidade sufficiente para os mesmos actos.

Havia n'esta egreja um livro similhante ao de Nôa do convento de Santa Cruz de Coimbra, no qual se iam registando todos os acontecimentos notaveis não só da ordem e do paiz mas tambem da christandade e do mundo, os obitos dos mestres da ordem e dos soberanos do reino, as victorias alcançadas contra os infieis, o matyrio e canonisação de santos, terremotos, calamidades geraes etc., constituindo assim interessantissimos annaes. Este livro, que denominam *Bezerro*, perdeu-se, infelizmente. Talvez que alguem o achasse.

Todas as prerogativas, regalias e usos, que referimos, se conservaram intactos até ao reinado de D. João III. Com a reforma que este monarcha

introduziu na ordem de Christo, assim como nas outras ordens de cavallaria, assumindo com auctorisação pontificia o cargo de grão-mestre de cada uma, e sujeitando os membros de todas á clausura e regularidade monasticas perdeu a egreja de Santa Maria do Olival a vida que lhe davam as pompas do culto. Os cavalleiros de Christo, passando a ter a denominação de *freires* e a obedecer ao preceito da clausura, começaram então a exercer o culto e a celebrar todas as solemnidades da ordem na egreja edificada dentro do castello pelos templarios e ampliada por el-rei D. Manuel.

Ficaram todavia a mesma preeminencia, titulos e honras á egreja de Santa Maria e para a sua administração foi nomeado um vigario.

Os tempos foram correndo e obedecendo á lei eterna da evolução, e a cabeça das ordens mais ricas e poderosas que tem havido em Portugal, a matriz de tantas egrejas erigidas em Africa, nas Indias, no Brazil e nas ilhas do Oceano viu sumirem-se no cataclismo que destruiu as ordens religiosas, todas as suas honras e prerogativas, recebendo em troca o modesto titulo de matriz da parochia da villa, hoje cidade de Thomar. Este titulo e a solidão do logar em que se acha meia soterrada é o que hoje apenas lhe resta d'um passado brilhante.

II

Torre junto á egreja de Santa Maria do Olival.

Defronte da fachada d'esta egreja, a cinco ou seis metros de distancia, eleva-se uma torre quadrada em cuja construcção se vê ser obra de duas epochas muito distantes entre si. A parte mais antiga, toda construida de cantaria já carcomida pelo correr dos seculos, é sem duvida coeva com o templo proximo. Attinge esta parte metade da altura do edificio, e, alem d'uma porta, muito pequena, de forma ogival, praticada na face que olha para o templo, não tem nem mostra signaes de ter tido outra porta ou janella.

A metade superior do edificio foi reedificada e alterada por ordem d'el-rei D. João III, a fim de aproveitar a construcção dos templarios para uma torre de sinos. Foi por essa occasião que provavelmente apearam a cantaria das ameias, que completavam o aspecto guerreiro da torre na primitiva. Essas pedras, cuja feição particular as faz distinguir de quaesquer outras destinadas a

fim differente, acham-se agora algumas d'ellas meio enterradas no chão, unidas umas ás outras e encostadas á mesma torre d'ambos os lados da porta e outras, similhantemente dispostas, collocadas contra a parede da egreja ao lado da porta principal, servindo todas de assentos.

Portanto, a coroa d'ameias que outr'ora lhe cingia o eirado; a porta baixa, estreita e unica; a falta de janellas e frestas; e emfim, a grande espessura e solidez das paredes demonstram exuberantemente que esta torre se edificara para servir de fortaleza.

Abandonando os templarios o castello de Ceras, para irem fundar o castello de Thomar do outro lado do rio, em tempo em que duravam as construcções de Santa Maria, edificaram sem duvida aquella torre para dar asylo e defeza, no caso de repentina aggressão de mouros, aos cavalleiros que então se achassem empregados n'aquellas obras, ou, depois d'ellas, residissem no convento que lhe era contiguo.

Não nos ponha duvida a falta de capacidade da torre, nem estranhemos, que os templarios quizessem conservar e defender aquelle templo e habitação, depois de passarem para o outro lado do rio.

Para o pequeno numero de templarios empregados no serviço da egreja, era a torre sufficiente e até muito accommodada para a resistencia de pou-

cos defensores. Se, com effeito, ficavam perto d'alli terras de mouros, do que resultava continuas correrias, em taes accommettimentos não se apresentava o inimigo em grande força, visto que o seu fim não era conquistar, mas somente saquear e destruir as povoações indefesas e matar ou levar captivos os christãos que não podiam escapar-lhe. Para taes inimigos era a torre bastante forte; e alem d'isso, quando o accommettimento se tornasse obstinado, o soccorro não se faria esperar em consequencia de este logar e seus edificios se verem desafogadamente do castello de Thomar.

A razão porque os templarios queriam conservar e defender a todo o transe a sua egreja de Santa Maria do Olival e impedir qualquer sacrilegio dos infieis, levando para a torre os vasos sagrados e as imagens, aos primeiros rumores da invasão, já a expozemos n'outro logar. Não era só por ser aquella a primeira egreja que a ordem erigira em Portugal, mas tambem pela veneração que tributavam ao logar santificado outr'ora pela existencia d'um templo e mosteiro dos primeiros seculos do christianismo, pelas virtudes de seus monges e pela vida e martyrio d'uma virgem santa.

III

O castello dos templarios

Para fazer a descripção completa e minuciosa dos monumentos de que agora nos vamos occupar — o castello dos templarios e o convento de Christo que a par d'aquelle se estende no mesmo monte — seria necessario um grande volume e, alem d'isso, indispensavel um bom numero de desenhos, sem os quaes a descripção, por mais perfeita que fosse, não poderia dar uma ideia clara da forma e posição relativa das diversas partes dos monumentos, e ainda menos das esplendidas galas da architectura e da esculptura que ostentam a egreja e outras obras em que a arte tanto se esmerou.

Não intentamos pois desempenhar tão grande e difficil tarefa, não só porque ella é incompativel com as proporções que distinamos a este livro mas tambem porque, sendo elle dedicado aos thomarenses e ás muitas pessoas que de todos os pontos do paiz vem visitar e admirar estes monumentos, mais aproveita a essas pessoas o attento exame

que então podem fazer, do que a leitura da descripção, por mais viva e colorida que seja.

Não obstante esta consideração, julgamos de toda a conveniencia dizer algumas palavras sobre o que ha de mais importante e notavel n'aquelles monumentos, para que o que vamos destinar este e mais alguns artigos:

O castello dos templarios ergue-se, a dominar pelo occidente toda a cidade de Thomar sobre um monte alcantilado e cortado quasi a prumo para o lado da planicie em que se estende a cidade.

Não obstante as ruinas que se observam em muitas das suas partes, pode ainda conhecer-se sem difficuldade a sua forma primitiva. E, apezar da epoca remota e barbara em que foi construido, podem tambem contar-se não só os seculos, mas até os annos e os dias, que ao desfilarem para a voragem da eternidade, alli tem visto campear o gigante de pedra. No acto de lhe lançarem os fundamentos, tiveram o cuidado de commemorar a data d'aquelle sucesso, gravando n'uma lapida a seguinte inscripção:

E. M. LC. XXXV.: *Regnante: Alphonso Illustrissimo Rege Portugalis: Magister Gualdinus: Portugalensium Militum Templi: cum fratribus suis Primo die Martii: cepit: edificare Hoc Castellum: Nomine Thomar; quod Prefatus Rex obtulit Deo: et Militibus Templi.*

Em portuguez: «No primeiro dia de Março do anno de 1198, reinando Affonso, illustrissimo rei de Portugal, Gualdim, mestre dos cavalleiros do Templo em Portugal, começou, juntamente com os seus freires, a edificar este castello, cujo nome é Thomar, o qual o dito rei offereceu a Deus e aos cavalleiros do Templo. «A era é de Cesar, e corresponde á de Christo de 1160.

Esta lapida acha-se embebida na parede ao lado e a pequena distancia da porta principal, sobre o taboleiro das escadas.

No pincaro mais elevado do monte ergue-se a alcaçova ou cidadella, edificada sobre rocha. É um quadrilongo d'altas muralhas guarnecidas d'ameias e flanqueadas de torres, dominadas pela grande torre de menagem, que do interior da mesma alcaçova se eleva a uma altura muito superior á das outras torres e muralhas. Toda esta obra é da primitiva construcção, excepto as ameias que ainda restam, porque tendo cada uma d'ellas fendida a cruz de Christo, de certo que não foram fabricadas pelos templarios, mas sim pelos cavalleiros de Christo em substituição das primeiras. Os estragos que apresenta exteriormente não são excessivos em relação a uma existencia de 719 annos o que prova a solidez da construcção. No interior tinha dois pavimentos; o superior era dividido em casas com janellas praticadas nas mura-

lhas, como ainda se vê, mas esses aposentos estão em quasi completa ruina.

A primeira cerca d'esta fortaleza compõe-se de altos pannos de muralha, guarnecida a espaços desiguaes de torres mais elevadas umas redondas outras quadrangulares, tudo de cantaria, que em algumas partes está hoje encoberta com reboco e cal. Dentro do recinto, encostada á muralha, ao sul da alcaçova e não muito distante d'ella, havia uma capella que tinha a invocação de *Santa Catharina*, e anteriormente de *Santa Maria* do Castello. Arruinada desde longo tempo demoliram já n'este seculo o que estava ainda de pé, mas que ameaçava desabar. Respeitaram apenas o campanario, que se eleva acima da muralha e está meio tapado com pedra. (1) Na mesma muralha da cerca abria-se outr'ora e ainda se conhece o logar da celebre porta, junto da qual, durante o cerco pos-

(1) E' tradição e, segundo Fr. Bernardo da Costa, comfirmada por um documento pertencente ao cartorio do convento de Christo, que houve freiras templarias, e tinham o seu convento dentro do castello de Thomar, junto á capella de que acima fallamos. O documento comprovativo é uma escriptura feita a 17 de Maio de 1290, em occasião que se celebrava capitulo geral da ordem do Templo, presidido pelo mestre D. Affonso Gomes; e foi mandada lavrar por D. Maria Peres e seu marido D. Estevão Peres Espinel. Estes senhores separaram-se: elle fez-se freire templario e ella freira templaria, professando ambos.

to ao castello pelo imperador de Marrocos em 1190, houve uma renhida e cruenta lucta, de que saíram vencedores os templarios, ficando desde então aquella porta a denominar-se *do Sangue* em memoria do muito que ahi se derramou. Em tempo dos freires de Christo foi esta cerca reparada e as torres cingidas de ameias, ou porque já não existissem as primitivas, ou porque quizeram substituil-as por outras com a cruz de Christo aberta. E, como não houvèsse no paiz mouros para combater, transformaram mais tarde em mirantes e casas de regalo o interior d'algumas d'essas torres.

Em uma d'ellas, mais espaçosa, rasgaram-lhe uma esbelta janella, no estilo gothico com a sua delgada columna ao meio e da qual se desfructa o formosissimo e pittoresco panorama da cidade de Thomar, do Nabão com as suas margens cingidas de arvoredo, dos viçosos prados que o rio vae cortando e das apraziveis collinas e montes que em horisonte mais ou menos dilatado fazem moldura a tão encantador painel. Tomou esta torre o nome da rainha D. Catharina pela predilecção que por ella tinha a dita rainha, indo alli recrear-se a meudo durante o tempo em que residiu nos paços do infante D. Henrique.

A entrada para o castello é voltada ao norte, por baixo da alcaçova, sobranceira á cidade, com a

qual se communica por duas calçadas: uma em ziguezagues, muito ingreme, que vae desembocar por detraz dos paços do concelho na praça principal; a outra é tortuosa, com menor inclinação que a primeira, mas em peor estado de conservação e desemboca na Varzea Pequena.

No topo da calçada ou das calçadas está um arco de cantaria com passadiço por cima, ameiado, e que se apoia, de um lado, na rocha que serve de base á alcaçova, e do outro em um lanço de muralha, que faz parte da cerca exterior. Este arco era sem duvida a primeira porta do castello e deveria ter o competente fosso e ponte levadiça.

Dá passagem para um corredor que em continuação á calçada e por entre a base da alcaçova e a cerca exterior conduz á porta da fortaleza. Entra-se por esta para um comprido terreiro ao presente plantado de pomar. Logo á direita está a alcaçova e o portal que lhe dá ingresso. Seguem-se a esta, do mesmo lado, umas casas com dois pavimentos e em estado de ruina: o terreno tem aboboda sustentada por columnas de pedra; o primeiro andar tem na frontaria doze ou treze janellas. Eram os paços do infante D. Henrique, duque de Vizeu e mestre da ordem, por elle fundados para sua residencia, e os quaes habitou por algum tempo a rainha D. Catharina depois de enviuvar d'el-rei D. João III, sendo regente do rei-

no e administradora da ordem de Christo na menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião.

Por este motivo e porque foram talvez reconstruidos durante o governo d'aquella soberana, tomaram tambem o titulo de *paços da rainha D. Catharina*. Com effeito, o andar nobre principalmente mostra, pela sua construcção ser obra da segunda metade do seculo XVI. Entretanto a sua fachada não apresenta decoração alguma, nem signal que revele a nobreza do seu destino d'outr'ora.

Do terreiro acima referido passa-se ao adro da egreja, subindo uma larga escadaria de pedra.

IV

A egreja

Subindo as escadas do adro, tem-se a egreja do lado direito, e as obras imcompletas da nova casa do capitulo do lado esquerdo; a parede do fundo faz costas ao magnifico claustro dos Filippes. O adro é todo lageado, e guarnecido de balaustrada de uma e outra parte da escada que lhe dá accesso.

A egreja compõe-se de duas partes tão distinctas pela architectura e pelas recordações historicas, que se podem considerar dois monumentos representantes de eras muito distantes entre si, mas intimamente ligados. São estas duas partes a capella-mor e o corpo da egreja: aquella, obra dos templarios; esta, fundação da ordem de Christo sob a administração d'el-rei D. Manuel.

Não é preciso ser entendido em materias de arte para reconhecer, ao primeiro aspecto d'estes dois monumentos, que mediaram alguns seculos entre a construcção d'um e outro. O primeiro foi obra, segundo parece, do mestre D. Gualdim Paes, pelos

annos de 1162, para servir de templo da ordem. É um edificio muito alto de forma octogonal, todo construido de cantaria, com algumas janellas, coroado d'ameias, mas complectamente destituido de qualquer outro ornamento. Exteriormente não tem porta alguma, pois que os templarios o edificaram unicamente para as suas practicas religiosas e não para as deveções do povo. Assim, o aspecto exterior seria exactamente o d'um castello, se os cavalleiros de Christo, quando a reforma d'el rei D. João III os reduziu a freires conventuaes, não tivessem mandado construir sobre duas faces d'aquelle octogono uma torre de sinos.

Em perfeito contraste com esta rude singeleza, ergue-se o corpo da egreja, ataviado com todo o luxo da ornamentação gothica florida. El-rei D. Manuel, parecendo-lhe a egreja dos templarios muito pequena e pobre para uma ordem, como a de Christo, tão rica e poderosa resolveu accrescental-a e decoral a esplendidamente. Da egreja antiga fez capella-mor da nova, abrindo-lhe na parede voltada contra o occidente, um grande arco e construindo em seguida o corpo da egreja. Deixando externamente o velho templo com a sua simplicidade primitiva, reservou para o novo edificio todas as galas da architectura e da esculptura.

O corpo da egreja é, com effeito, na sua fabri-

ca exterior, uma das obras mais sumptuosas que construiu el-rei D. Manuel. Tem este edificio tres fachadas: uma, que é a principal está voltada para o sul, e n'ella, junto á antiga egreja dos templarios, agora capella-mor, abre-se o portal da entrada; a segunda olha para o oeste e deita para o claustro de Santa Barbara; a terceira corre pelo lado do norte.

O portal, a que alguns degraus de pedra dão ingresso, fica debaixo d'um elevado arco, de volta redonda guarnecido de uma renda delicada O espaço entre a porta e a volta do dito arco é adornado com diversidade de relevos e com varias estatuas de santos sobre peanhas, avultando acima de todas a estatua da Virgem.

Os gigantes ou botareos, em que rematam as fachadas para o lado de oeste, são decorados com estatuas de santos sobre peanhas, postas em meio de graciosas molduras de fructos e folhas em alto relevo. Duas d'essas estatuas representam el-rei D. Diniz, instituidor da ordem, e el-rei D. Manuel, fundador do edificio. A primeira apoia-se em um escudo, no qual se vê a cruz da ordem de Christo; a segunda tambem descança a mão sobre um escudo, em que avulta a esphera armillar, divisa d'el-rei D. Manuel. Os mesmos botareos, continuando a subir enfeitados com festões de folhagem, terminam em esbeltas pyramides, lavradas

com variados desenhos, e mostrando no remate a cruz de Christo. Os gigantes que dividem as janellas são menos ornados e sobem a menor altura; todavia apresentam diversidade de lavores. O oculo e as janellas que dão luz á egreja ostentam egual riqueza de esculptura. Abre-se o oculo na frente de oeste, em correspondencia com a capella-mor, e exactamente por cima da formosa janella da casa do capitulo, pois que o corpo da egreja foi edificado sobre esta casa. As janellas são muito grandes e formadas de diversos arcos ogivaes, que vão diminuindo no grosso da parede, todos esculpturados em alto e vasado relevo. Coroa-se, emfim, este edificio com uma larga e mui delicada renda, composta na parte inferior de espheras armillares, e na parte superior de cruzes da ordem de Christo.

O exterior do edificio está em bom estado, tendo apenas partidas algumas das pyramides dos botareos e varias cruzes.

Não corresponde o interior do corpo da egreja á magnificencia do exterior. Por dentro reina a maior simplicidade que é possivel, sem que se possa dizer alliada com a elegancia. Logo na primeira observação se conhece que o architecto Ayres do Quental, viu-se obrigado a subordinar o seu engenho, na delineação da planta, a condições que lhe punham peas. Entretanto, esta circumstancia

não o desculpa de assim deixar aquelle interior tão nú de ornatos, que o seu melhor adorno consiste na aboboda de laçaria de pedra.

El-rei D. Manuel compensou-o de algum modo, d'esta pobreza, guarnecendo-lhe o coro com ricas e formosissimas cadeiras de talha, feitas pelo insigne esculptor mestre Olivel de Gand, que el-rei D. Manuel encarregou d'este trabalho com a obrigação de o concluir em tres annos. Era uma das obras de arte de maior primor que o paiz possuia n'este genero. Infelizmente, d'ella não resta nem sequer vestigios. Tudo foi destruido pelos francezes, como já dissemos. Assim tambem levaram descaminho outras obras de arte de singular perfeição e excellencia, que davam nomeada ao convento de Christo. Eram os livros do coro, escriptos á penna e primorosamente illuminados por Francisco de Hollanda, natural de Lisboa, e filho de Antonio de Hollanda, flamengo, que veio a Portugal como pintor.

Do corpo da egreja passa-se á capella-mor por um arco ogival, de pouca elevação e desengraçadissimo. Este arco é defendido pela sua teia de pau santo que tem metro e meio d'altura.

Esta capella-mor era, como fica dito, a antiga egreja dos templarios. Á excepção d'aquelle arco e de algumas outras modificações pouco importantes, conserva a sua forma geral primitiva; não as-

sim a singeleza da architectura, feição caracteristica d'essa epocha remotissima da nossa historia; essa perdeu-a inteiramente ao aceno d'el-rei D. Manuel, que ao mesmo tempo que levantava o corpo da egreja, adornava o antigo sanctuario dos templarios com estatuas de pedra, com paineis a oleo e com esculpturas e pinturas resplandecentes de ouro. Porem, não obstante esta reforma que se por um lado deu graça e belleza ao edificio, por outro lado lhe adulterou o seu estilo architectonico, é um monumento precioso para a historia da architectura em Portugal, pois que pertence a uma epocha, da qual possuimos poucos exemplares, e d'estes só aquelle, talvez, em circumstancias de nos dar uma idea perfeita do estado da architectura no reinado do nosso primeiro monarcha.

A egreja de D. Gualdim Paes, tal qual perseverou durante a existencia da ordem do Templo, constava somente de uma capella octogonal collocada no centro da charola, egualmente de forma octogona. Este modelo de construcção vei-nos do oriente, onde é muito empregado para edificação de templos chistãos. Alem d'esta capella não tinham outra, nem altar junto das paredes da charola. N'estas apenas se abriam algumas poucas janellas e uma porta, que dava para o interior do convento, e era a unica serventia dos cavalleiros para a egreja.

As primeiras alterações que ahi se fizeram foi, segundo cremos depois da extincção da ordem do Templo. O infante D. Henrique abriu mais duas portas em dois octogonos da charola e em alguns dos outros construiram-se posteriormente varias capellas. N'uma d'estas vê-se uma lapida embebida na parede, que diz acharem-se alli depositados os restos mortaes de D. Lopo Dias de Souza, setimo mestre da ordem de Christo. El-rei D. Manuel decorou as paredes da charola com grandes paineis e com estatuas sobre columnas e debaixo de badalquinos vasados. Na aboboda da mesma charola fez pintar, em meio de grandes medalhões as armas reaes alternadas com a cruz de Christo. Mandou guarnecer exterior e interiormente de silvados, arabescos e muita mais diversidade de esculpturas, em madeira dourada, toda a capella central, que é de cantaria. O arco que dá communicação para o corpo da egreja foi adornado com pinturas douradas, e na face interna do lado direito, foi construido o pulpito.

A capella central é formada por oito arcos, que sustentam um corpo superior em que se veem outras tantas janellas, e sobre o qual vem apoiar-se a aboboda da charola. No meio dos oito arcos ergue-se o altar-mor, no qual estava d'antes um bello e grande crucifixo com a imagem do tamanho natural, que presentemente se guarda na Misericordia.

Toda a fabrica d'esta capella é no estilo bysantino, similhando uma construcção oriental, quer na architectura, quer na ornamentação, e tem muita originalidade e belleza.

Os retabulos das outras capellas e a maior parte dos quadros que guarneciam as paredes, são erradamente attribuidos ao Grão-Vasco e á sua eschola. Alguns foram destruidos ou desencaminhados por occasião da entrada dos francezes em Thomar, no anno de 1810. Quasi todos os outros foram transportados para o deposito da academia das bellas artes, logo depois da extincção das ordens religiosas em 1834. A instancias do sr. marquez de Thomar foram depois restituidos ao seu antigo logar alguns d'esses quadros, mas ainda não foi possivel obter da academia os que ella conserva ainda, pertencentes a este templo.

Não era menor a sua magnificencia em vasos sagrados e alfaias. Tudo era rico e admiravel, porem essas preciosidades tiveram todas a mesma sorte dos ornatos moveis do templo. Entre os objectos de ouro e prata havia algumas obras de Gil Vicente, um dos mais insignes representantes da Ourivesaria da Renascença, e ao mesmo tempo dos maiores genios que figuram na terceira epocha da litteratura portugueza. A principal obra que fez para esta egreja foi uma cruz de ouro sobre uma peanha de filagrana guarnecida de pedras

preciosas. Esta peça valiosissima, doada ao convento de Christo por el-rei D. Manuel, desappaceu por occasião da invasão franceza em 1810, ou quando se extinguiram as ordens religiosas em 1834.

V

Casas do capitulo.

Entre as obras mandadas fazer no convento de Christo pelo infante D. Henrique, duque de Vizeu, acha-se mencionada a casa do capitulo, juncto ao claustro do cemiterio. É sem duvida uma grande casa, que tem a porta d'entrada proxima do tumulo de D. Diogo da Gama, e que em tempos posteriores foi convertida em capella e decorada com esculpturas de pau santo e pinturas douradas. Exerceu-se brutal vandalismo n'esta casa durante o periodo em que o edificio esteve abandonado.

A casa do capitulo immediatamente posterior a esta é obra d'el-rei D. Manuel. Talvez fosse começada antes d'este monarcha subir ao throno, sendo então duque de Beja, e governador e administrador do mestrado da ordem de Christo; todavia o seu acabamento só teve logar depois da acclamação d'este soberano, como o indicam as suas divisas, que avultam na janella d'aquella casa. Sobre a sua aboboda construiu o referido monarcha o corpo da egreja; isto é, a parte do corpo da

egreja occupada pelo côro, em que se admiravam as famosas cadeiras de talha relevada.

O portal que dá entrada para esta casa é de boa cantaria e de bonito effeito, pois que o decoram variados e graciosos adornos. A casa, com a sua aboboda de laçaria de pedra muito bem construida, tem as paredes nuas de adornos e pouco pé direito, o que a torna ainda menos elegante. Mas, se o architecto foi avaro na sua ornamentação interrior compensou a d'essa pobreza, prodigalisando no exterior da unica janella que lhe dá luz as galas e magnificencias d'aquella architectura meio gothica, meio arabe, que se estreou entre nós no mosteiro de Santa Maria de Belem.

Esta janella tem a abertura perfeitamente rectangular, de grandeza não demasiada e defendida por uma grade de ferro. Dos lados elevam-se columnas disfarçadas em troncos cobertos de folhagem, dos quaes pendem, presos a grossas cadeias, pedaços d'eguaes troncos, recurvados e com os mesmos lavores das columnas. Da parte superior saem a guarnecer toda a janella e mesmo a fachada, cordões de pedra, ora caindo torcidos ou formando laçadas, ora correndo em cercaduras, já singelas já passando atravez de argolas. Sobre a verga da janella, e ainda entre as columnas, assenta uma especie de grade de pedra, pelo meio da qual passam dois troncos mais delgados que dos lados se

reunem e torcem. O escudo das armas reaes, duas espheras armillares e a cruz de Christo servem emfim de remate a esta preciosidade artistica que descrevemos a longos traços. Todas estas esculpturas feitas com muita graça e delicadeza, se acham em bom estado de conservação, posto que algum tanto ennegrecidas pela acção do tempo. Note-se porem, que não é só o bom gosto no delinear e a perfeição no executar que constituem o merito da obra; a concepção artistica foi tambem dominada por um pensamento bello e elevado, o de symbolisar ao mesmo tempo a corporação que alli se havia de reunir. Olhando para a janella, o que vemos? Pedaços do tronco d'um grande roble, reunidos e ligados. A arvore gigante era a ordem do Templo, que o braço vigoroso de Filippe, o Bello, rei de França, lançou por terra; os pedaços alli agrupados representam os templarios de Portugal, que D. Diniz reuniu e protegeu, formando com elles a ordem de Christo.

Para outro serviço que não fôra aquelle para que foi edificada, poderia chamar-se a esta casa uma sala espaçosa; mas para casa do capitulo de uma ordem tal como a de Christo é sem duvida acanhada. E assim o reconheceu o proprio fundador, pois que chegou a dar principio a outra, incomparavelmente maior e mais sumptuosa.

Não se sabe o anno preciso em que ella teve

começo mas é provavel que fosse n'um dos ultimos do seu reinado; pois que, fallecendo em novembro de 1521, deixou a obra apenas começada. Continuou com os trabalhos el-rei D. João III, e ainda estes progrediram sob o governo del-rei D. Sebastião. Porem as desgraças que a perda deste monarcha acarretou sobre o reino foram causa de que se levantasse mão da obra, ficando o edificio não só incompleto, mas ainda distante da conclusão.

Constitue um edificio independente do convento, apenas unido ao claustro dos Filippes, ao sul e não muito afastado da egreja. É uma edificação grandiosa, tanto pelas suas proporções, solidez e excellente cantaria de que é construida, como tambem pela belleza da architectura e riqueza da ornamentação onde em similhantes obras a practica a admittia. A sala do capitulo, se fora acabada, ficaria sobre uma aboboda de laçaria de pedra de que apenas se construiram os extremos, faltando-lhe a parte central. A data de 154... e tantos, que alli se vê gravada, mostra pertencer ás obras feitas no tempo del-rei D. João III.

Quem observa interiormente este edificio, collocando-se no fundo da sala para o lado do norte, julgará estar vendo um templo por acabar, pois que a dois terços da casa pouco mais ou menos, ergue-se um como arco cruzeiro, muito elevado, esbelto e todo lavrado com diversidade de esculp-

turas de gracioso desenho; e a este arco segue-se uma como capella-mór ou tabernaculo com suas janellas gothicas, grandes e ornamentadas, e cujo pavimento ficaria superior ao resto da sala. Era esse logar destinado para a cadeira do grão mestre, quer dizer, para o throno real, porque como já dissemos, desde o tempo de D. João III os nossos reis assumiram o mestrado das ordens de cavallaria.

Não obstante pesarem sobre as obras incompletas d'esta casa do capitulo mais de tres seculos, tal é a solidez da sua construcção, que tem resistido, sem ruina, á acção do tempo.

VI

Claustros

Nenhum outro edificio religioso de Portugal encerra tantos claustros como o convento de Christo em Thomar. Construidos em differentes epochas. apresentam por isso specimens dos estilos architectonicos que prodominaram em differentes periodos da nossa historia.

O claustro denominado do *Cemiterio* é fundação do infante D. Henrique. É um bonito especimen da architectura gothica ainda no seu estado de pureza. Este claustro tem uma só galeria de quatro lanços, com arcos ogivaes, sustentados por columnas duplas, delgadas, e rematando em mui graciosos capiteis, guarnecidos de folhagem vasada e esculpida com delicadeza, mas differente de arco para arco. Este claustro, como o seu nome indica, foi construido no terreno que servia para enterramento dos freires de Christo. N'este claustro acham-se tres mausoleos mettidos em arcos abertos na parede. O mais bello e rico é o que encerra os restos de D. Diogo da Gama, esmoler mor d'el-rei

D. Manuel, fallecido em 1523. Dos outros dois um pertence a Pedro Alvares de Freitas, que foi administrador de Thomar, e não se lhe percebe data alguma. O outro é de Balthazar de Faria, de triste memoria. Foi este individuo que impetrou a bulla pontificia para se admittir a inquisição em Portugal.

Foi tambem fundado pelo infante D. Henrique um claustro, que presentemente se acha em ruina e se denomina da *Lavagem*. O claustro de *Sánta Barbara* parece ser fundação del-rei D. Manuel. É pequeno mas de boa architectura no estilo gothico. Sobre o terrado de um dos seus quatro lanços cae a fachada de oeste da egreja.

Contiguo a este claustro, para o lado do norte, está outro muito mais vasto, porem destituido de bellezas de architectura. Este claustro é o *dos Corvos*, cujo estilo, pesado e desengraçado, senão recommenda ao exame dos curiosos. É obra del-rei D. João III.

O claustro chamado *do Mixo* somente é notavel por deitarem para um dos seus lanços superiores os portaes das salas, em que se reuniram, conforme a opinião mais geral os tres estados do reino, convocados por Filippe II de Castella em 1581. Reservamos o artigo seguinte para demonstrar que esta opinião, posto que geralmente seguida por se julgar a mais acertada, cae por terra a luz da ver-

dade, da mesma forma que a falsa tradição que dá aquelle acto celebrado na casa do capitulo.

O ultimo claustro na ordem chronologica é o primeiro de todos na sumptuosidade da construcção. Apezar de que se lhe possa notar algum excesso na ornamentação, principalmente pela multiplicidade de columnas, é a mais grandiosa, a mais rica e bella obra que a architectura do renascimento produziu em o nosso paiz. Está situado, como dissemos, junto do adro do templo, e encostado á frontaria d'este, occultando a parte inferior do corpo da egreja. Contiguo, para o lado do norte, está o claustro *de Santa Barbara*. Tem aquelle muita vastidão e é todo construido de fina cantaria lavrada com esmero, mas quasi toda lisa. Os relevos que em alguns pontos se veem são escassos e singelos. O claustro compõe-se de quatro lanços, cada um com duas ordens de galerias eguaes e muito esbeltas. Nos quatro angulos resaltam para fora uns corpos, por onde correm interiormente as escadarias, que communicam as galerias inferiores e superiores com o terrado que as corôa e com o terreiro por ellas circumdado. No meio deste terreiro, que foi jardim, levanta-se a bastante altura uma soberba fonte (que já não deita agua) com seu lago em volta e duas taças para a agua cair em lençoes, tudo de pedra lavrada com muita diversidade de esculpturas. Este claustro ficou acaba-

do e completo, todavia falta lhe agora a balaustrada da guarnição dos terrados superiores, que foi brutalmente destruida, assim como a que cingia o lago. É attribuida esta obra verdadeiramente monumental a tres monarchas fundadores D. João III, D. Filippe II e D. Filippe III; porem o mais provavel é ser fundação de D. Filippe II e proseguida até á conclusão por seu filho e neto. Era n'este claustro que os freires de Christo, por occasião das grandes solemnidades religiosas, faziam as suas procissões.

VII

Salas chamadas das cortes. Reunião dos tres estados convocados por D. Filippe II de Castella em 1581, e local em que se effectuou.

São tres as casas conhecidas pela denominação de *salas das cortes*. Estas salas, sem communicação entre si, tem cada uma apenas uma porta que deita para um dos lanços superiores do claustro chamado do Mixo. Como o tecto das tres salas é muito mais alto que o da galeria do claustro, apresentam aquellas sobre esta tres fachadas, com seus ornamentos e de singular architetura no estilo da Renascença. A sala do centro tem, junto á parede do fundo, em correspondencia com o portal, um mui amplo degrau, como estrado, de forma quadrangular, em cima do qual se deveria erguer o throno real, suppondo que o edificio foi construido para o fim que o seu nome indica. O pavimento da sala é de pequenos ladrilhos de cores em mosaico, hoje muito destruidos, e do mesmo modo se acha o tecto, com variados lavores em estuque, e que

ameaça ruina. As outras duas salas são inteiramente destituidas de ornatos.

É possivel que estas salas fossem construidas unica e exclusivamente para n'ellas se reunirem os tres estados do reino, quando o soberano, reconhecendo a necessidade de convocar cortes, escolhesse o convento de Christo para esse fim; todavia, se por occasião de Filippe II de Hespanha ser reconhecido como soberano de Portugal, taes salas existiam já no convento de Christo, não foram ellas, com certeza, que serviram para se celebrar aquelle acto.

Prova o que asseveramos, a narração do successo, feita por uma testemunha ocular, Isidro Velasquez Salamantino, *andante en corte*, na sua *Entrada que en el reino de Portugal hizo la S. C. R. M.ª de Don Philippe, invictissimo Rey de las Españas*, etc; e a narração concorde, porem muito mais brilhante, de Rebello da Silva na sua *Historia de Portugal do seculo* XVI *e* XVII, a qual transcrevemos:

« A entrada do monarcha na villa foi das mais ostentosas; e não admira, correndo com as despezas o cofre da ordem, uma das mais bem dotadas das Hespanhas. Arcos de triumpho, porticos, janellas armadas de pannos vistosos, obeliscos e pyramides carregadas de divisas e de letras allusivas ornavam as ruas por onde o prestito teve de atravessar para subir ao convento, aonde el-rei se hospedou.

« A' porta da capella o dom prior com os seus

freires revestidos dos habitos e mantos da cavallaria religiosa, que professavam, sairam em procissão a recebel-o. Depois de cantados na igreja os hymnos de acção de graças, a um signal dado romperam, entrelaçando-se, e sempre variadas, as dansas, os concertos de musica, as folias e as acclamações do immenso povo alli reunido, no meio da brava alegria das trombetas e atabales, e das vozes e instrumentos dos menestreis.»

.....

«Entre os cuidados inevitaveis, que traz sempre uma coroa recente, e as apprehensões suscitadas pela contemplação de futuras difficuldades, Filippe II viu raiar finalmente o dia 16 d'Abril, destinado para a representação da grande solemnidade do juramento e da acclamação perante as cortes.

«No primeiro pateo da cisterna, entre o terreiro do convento de Christo e o segundo pateo da egreja, levantou-se um tablado engradado em roda, e todo forrado de custosas alcatifas da China. Superior a este, e mais elevado, ergueu-se um estrado pequeno, coberto de finissimas tapeçarias, aonde, debaixo do docel, foi collocada a cadeira de brocado d'el-rei. A praça em volta estava armada de preciosos pannos de oiro e seda, figurando os lances mais notaveis da jornada de Tunis.

«Defronte do docel e do throno assentaram-se

os procuradores das cidades e villas por sua ordem e antiguidade; mais acima, á direita era o lugar dos prelados; á esquerda, o dos grandes do reino; e abaixo d'elles, junto da gradaria, o dos conselheiros, vassallos não titulares, alcaides mores, e fidalgos da casa real. Os monges, os frades, os capellães do rei e os ecclesiasticos occupavam os degraus de pedra de uma escada, que subia para o pateo da porta da egreja.

«Assim dispostas as cousas, pelas quatro horas da tarde o conde de Portalegre, mordomo-mór, acompanhado de João de Mello, porteiro-mór, de seis porteiros menores, de seis porteiros da canna com suas maças de prata, e de nove reis d'armas, saiu ao encontro do soberano, que o esperava com toda a corte trajada de gala.

«D. Filippe vestia uma opa de brocado roçagante, e trazia o collar do tosão de ouro sobre o peito. Pegava-lhe na cauda do manto Francisco de Sá, camareiro-mór e conde de Mattosinhos.»

.....

«Adiante do principe, e á sua direita, vinha o duque de Bragança com o estoque de condestavel precedido pelo alferes-mór, D. Jorge de Menezes, que trazia enrolada a bandeira real. Os reis d'armas, arautos e passavantes com suas cotas bordadas abriam o cortejo, caminhando logo atraz dos porteiros da canna. Rodeavam o monarcha os se-

nhores titulares e os fidalgos do reino, que se achavam presentes, todos descobertos, e cegando a vista pela riqueza dos trajos, preço das telas e brilho das joias.

«Apenas o prestito chegou ao tablado, em quanto D. Filippe recebia o sceptro das mãos do camareiro-mór, tocaram as trombetas e charamellas. D. João de Bragança ficou á direita do throno no mesmo estrado, e o duque de Barcellos, seu filho, depois d'elle, adiante dos prelados. O marquez de Villa Real com os nobres tomaram os seus lugares, collocando-se á esquerda, e presenceando de pé e descobertos todas as ceremonias.

«Assistiam ao auto os arcebispos de Braga, de Lisboa e de Evora; os bispos de Coimbra, Portalegre e Leiria; o bispo e capellão-mór, e os de Elvas, Vizeu, Lamego e Miranda. Os fidalgos mais distinctos de que se fez menção no auto foram o marquez de Villa Real, o conde de Alcoutim, seu filho, o conde da Castanheira, e os de Portalegre, Mattosinhos, Linhares e da Vidigueira.»

.....

«Quando o ruido da entrada da corte se aplacou, D. Antonio Pinheiro, bispo de Leiria e conselheiro de estado, feitas as venias do estylo, aproximou-se da ponta do estrado, e pronunciou um discurso que o auditorio escutou silencioso.

«Deduzindo o exordio dos vinculos de sangue

que uniam D. Filippe á familia real portugueza, como neto d'el-rei D. Manuel e filho da imperatriz D. Izabel, primogenita do venturoso monarcha, n'elles fundou a legitimidade dos seus direitos á successão; e alludindo depois as alterações recentes desculpou a violencia militar, allegando-a como o meio de acudir de prompto á oppressão dos subordinados e de restabelecer a tranquillidade e a paz.

«Louvou os generosos sentimentos do soberano, e retratando-o com as lisongeiras tintas, que o seu zelo de ardente partidario lhe ministrava, declarou que as intenções do principe eram reinar pelo amor e clemencia, acatadas as leis e privilegios do reino, a exemplo de todos os seus antecessores de gloriosa memoria.

«Terminou, dizendo que o soberano, desejando conformar-se em tudo com a constituição e costumes da monarchia, convocara os tres estados a fim de perante elles prestar o juramento publico de governar pacifico e justiceiro, respeitando religiosamente os foros, usos e liberdades de todos, e tambem para receber d'elles o juramento de fidelidade e obediencia, confiando que lh'o guardariam tão firme e verdadeiro como os seus maiores o tinham dado aos reis, cujo serviço haviam ennobrecido, derramando o sangue nas pelejas, e affrontando trabalhos e perigos, mais do que humanos, em tão remotas regiões.

Concluida a oração do bispo, levantou-se Damião de Aguiar, desembargador do paço e um dos procuradores da cidade de Lisboa, para responder.

«Dirigindo-se a Filippe II em pessoa, congratulou-se com a nação pelo contentamento e universal regosijo d'aquelle dia, protestando em nome dos povos que todos sentiam igual impaciencia de jurar e acclamar por senhor e rei natural a um soberano prendado de tantas virtudes e qualidades, seguros de que a sua munificencia se lembraria d'elles com as honras e mercês, em que a grandeza dos monarchas passados sempre assignalara a sua munificencia e liberalidade.

«O reposteiro-mór Bernardino de Tavora, approximando-se então, collocou diante d'elrei um sitial com sua almofada de brocado, e o bispo capellão-mór e presidente da meza da consciencia poz em cima o missal e a cruz.

O arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, primaz das Hespanhas, com os arcebispos de Lisboa e de Evora foram ajoelhar-se logo depois junto do sitial, e el-rei descendo do throno poz-se tambem de joelhos e descoberto, com a mão sobre a cruz, pronunciou em alta voz a formula antiga, lida por Miguel de Moura, escrivão da puridade.

«Acabada esta ceremonia volveu o soberano á sua cadeira, os arcebispos occuparam o seu banco,

e o escrivão da puridade em pé no estrado exclamou: « Eis o teor do que hão de jurar os tres estados do reino aqui presentes a el-rei nosso senhor na forma costumada approvada pelos principes seus antecessores. «Dictada a formula do juramento, tornou a ajoelhar junto do sitial para ser presente á ceremonia, e attestar os termos d'ella.

« O primeiro que jurou foi o duque de Bragança, o qual depois veio beijar a mão a el-rei, emquanto o alferes-mór desenrolava a bandeira real. Seguiram-se os outros fidalgos por sua ordem, depois os prelados, conselheiros, alcaides-móres e senhores donatarios, e finalmente os procuradores das cidades e villas.

«Quando o ultimo acabou de pôr a mão sobre os evangelhos, proferindo a phrase usual — «assim o juro» Miguel de Moura, subindo ao meio do estrado, disse, levantando a voz: »El-rei aceita os juramentos, preitos e menagens, que vós os tres estados agora lhe fizestes!» O rei d'armas de Portugal assomou áborda do tablado e bradou por tres vezes:» Ouvide!» e o alferes-mór, adiantando-se alguns passos, fez a acclamação costumada.

«El-rei, levantando-se, depois, encaminhou-se á capella, aonde ouviu a oração do arcebispo de Braga, e os hymnos com que a egreja festeja a coroação dos ungidos do Senhor.

«A 20 d'Abril abriram as cortes solemnemente

em uma barraca espaçosa armada no mesmo pateo do convento de Thomar e toda coberta de toldos. Media noventa passos de comprido e trinta de largo.

«As portas rasgavam-se entre os pilares de cantaria do edificio, e liam-se por cima da principal, na architrave, estes versos latinos:

Hic tibi requies Hispaniae certae laborum;
Hic surgunt dextras utraque regnas suas.

«Lisongeira inscripção, — accrescenta o nosso illustre historiador — que o futuro desmentiu depressa, como tantas vezes tem confundido os calculos da ambição.»

VIII

Edificio do convento; dormitorios, refeitorio, aposentos do prior-mór, hospedarias, etc.

O convento de Christo é um dos maiores edificios do reino.

D. João III construiu a parte principal d'elle, D. Sebastião e os tres Filippes accrescentaram-n'o bastante. A frontaria principal corre de leste para oeste em grande extensão de terreno e fica por conseguinte voltada para o norte. Esta fachada é grandiosa pela sua altura e extensão e pela solidez com que está construida, mas, como foi obra de differentes periodos dos seculos XVI XVII, dirigida por diversos architectos, falta-lhe a regularidade de architectura, que em qualquer edificio é a primeira condição de bellesa. Tem esta fachada dois porticos de entrada. Um é obra de Filippe, II e pertence á entrada mais nobre; o outro communica com o claustro do *Mixo*, fundado por D. João III.

Na extremidade de leste forma angulo e vae rematar na muralha do castello a frente lateral, que

é pequena. Do lado opposto corre uma frontaria com variedade de formas e de architectura, pelo fundo de um espaçoso pateo chamado *dos Carrascos*, cercado com muro, no qual se abre um grande portal. Este pateo está em parte transformado em jardim e pertence ao sr. marquez de Thomar, assim como uma parte do edificio que lhe fica contiguo que consta de dois pavimentos: o terreo, resaltando muito para fora, onde estão as officinas ruraes; e o alto que é uma galeria de salas, com portas para um amplo terrado que se alonga por todo o comprimento d'ella.

A fachada do sul, opposta á principal, cae sobre a cerca e é tambem propriedade do sr. marquez de Thomar. Encosta-se a ella o aqueducto, que dá passagem á agua para o edificio e para a cerca. É ainda mais irregular que a frente principal, pois que se observam mui diversos estilos de architectura, e a cantaria nas differenças de cor, revela tambem os grandes espaços de tempo que mediaram entre a primeira fundação. Parece que esta comprehendia apenas os dois pavimentos inferiores, e os accrescentamentos posteriores foram elevando toda esta parte do convento, destinada para hespedarias.

Os aposentos do prior-mor occupam uma parte da frente principal do edificio. Constam de varias salas e quartos espaçosos, mas não ricos.

A casa dos noviços é de capacidade regular e nada mais tem que chame a attenção.

Os dormitorios são grandes e recebem muita claridade das janellas conventuaes.

O refeitorio é uma casa de aboboda de pedra bem construida, e recebe luz por largas janellas. Não é tão vasto como se deveria esperar que fosse o refeitorio de tão grande convento, e não tem ornamentos e bellezas d'architectura, como succede á maior parte das obras de D. João III. Ainda assim é muito maior que a casa do capitulo e por esse motivo Filippe III alli celebrou o capitulo geral da ordem de Christo em 1619.

São todavia magnificos e em tudo condignos com a grandeza do convento e opulencia da ordem o celleiro, adega e casa de lagares. Estas officinas são cobertas de soberbas abobodas de pedra, construidas com muita perfeição e solidez, com seus artezões e florões muito bem lavrados, sendo sustentadas por grossas columnas ou pilares de cantaria perfeitissimos. São contiguas estas officinas e pertencem ao sr. marquez de Thomar. As suas portas e janellas deitam de um lado para o claustro dos Corvos e do outro para o pateo de que acima fallamos.

IX

O aqueducto

O aqueducto que fornecia de agua todas as officinas do convento e facilitava na cerca a rega da horta e pomares é uma obra sumptuosa e monumental n'este genero de construcções. Depois do aqueducto das Aguas Livres, em Lisboa, nenhum outro no reino o excede nem iguala em solidez de construcção e em belleza e magestade de architectura. Recebe dois copiosos mananciaes de boa agua, que conduz da distancia de quasi cinco kilometros, correndo ora subterranea, ora sobre arcadas. Comprehendem estas tres galerias de arcos, separadas pelos montes que estão de permeio e são todas construidas de cantaria lavrada.

A maior e a que está mais proxima da nascente, descreve quasi um arco de parabola e atravessa um valle no sitio denominado os Pegões, a dois kilometros de distancia do convento, pouco mais ou menos. È uma construcção ousada, pois consta de duas ordens de arcos de extraordinaria altura. Faz coroa aos do meio um elegante pavi-

vilhão que serve de arca d'agua, no qual está gravada em caracteres bem legiveis uma inscripção, que declara ter sido começado este aqueducto por el-rei D. Filippe II no anno de 1595, e concluido por seu filho, D Filippe III em 1613. A galeria immediata é a mais pequena; consta de uma só ordem de arcos e atravessa outro valle em linha recta. A terceira e ultima começa em uma collina proxima do convento, e, chegando a este, corre encostada a frontaria do sul. Consta esta galeria tambem d'uma só ordem de arcos, bastante elevados, pois que acompanham a dita frontaria em toda a sua altura, que é grande, ficando desafogados nos vãos dos arcos as janellas e frestas dos tres pavimentos, e servindo de remate e adorno do edificio do convento a cimalha do aqueducto, guarnecida de pyramides com a cruz da ordem de Christo.

X

A cerca

É grande e toda murada a cerca do convento.

Compõe-se de um valle e sete collinas. O valle tem pouca largura e bastante declive para o lado da cidade, onde vae fenecer. A boa qualidade do terreno e as aguas que vertem das encostas visinhas fazem o valle fertil e ameno, assim como o tornam formoso variadas especies de arvores, umas orlando-lhe as bordas, outras assombrando-lhe o centro.

As collinas tem desegual elevação, cercam o valle, deixando-o aberto para onde tem o seu pendor. São divididas entre si, afora o valle, por quebradas pouco profundas e constituem a parte principal da cerca. Por serem pobres os terrenos d'estas collinas e faltos de agua que abunda no valle, os frades fizeram alli uma extensa plantação de vinha, que está hoje, na maior parte substituida por oliveiras. O resto tinha e tem ainda arvoredo sylvestre, basto e frondoso, em que abunda a caça.

Em um angulo extremo da cêrca, em um logar pouco elevado, está um grande e profundo tanque, formado por grossas paredes que rematam em amplo passeio de lagedo. Foi construido conjunctamente com o aqueducto, que lhe fica superior, e era destinado para deposito d'agua que recebia d'este e era empregada na rega d'essa parte da cerca. Ao presente não tem serventia este bello tanque, porque o manancial que o aqueducto conduz se acha muito reduzido por extravio das aguas e apenas dá para a rega dos pomares horta e jardim na outra parte da cerca.

No valle existe uma outra obra d'arte que deveria ter sido bella nos seus tempos prosperos. E' uma casa de regalo, tendo a forma de um pavilhão circular em arcadas, coberto com sua cupula de aboboda e construido no meio de um tanque que diversas arvores e arbustos circumdam e dão sombra.

Das eminencias d'esta cerca desfructam-se encantadoras e pittorescas perspectivas.

Esta cerca pertence, como já dissemos, ao sr. marquez de Thomar.

Additamento

Contigua á charola do convento ha uma casa, pequena, quadrada, a que vulgarmente se dá o nome de *sacristia velha*. Nada tem que chame a attenção pelo lado da arte, mas sobre a porta vê-se uma lapide de marmore branco, que o infante D. Henrique, sendo administrador da ordem, mandou transportar do Castello d'Almourol e collocar alli. A lapida tem gravada em lettras maiusculas romanas, entrelaçadas, a seguinte inscripção:

Era. M.C.C.V.III Magister Galdinus nobili siquidem genere Bracara oriundus extitit; tempore autem Alfonsi illustrissimi Portugalis Regis, hic saecularem abnegans Militiam, in brevi, ut Lucifer, e micuit: nam Templi Gerosolimam petiit, ibique per quinquenium non inhermem vitam duxit: cum Magistro enim suo, cum Fratribusque plerisque preliis contra Aegipti et Suriae insurrexit regem. Cumque Ascalona caperetur, presto fuit in Antiochie, pergens sepe Suldan detione dimicavit. Post quinquenium ad praefatum, qui eum educaverat et Militem fecerat, reversus est. Pergens factus Domus Templi Portugalis Procurator hoc construxit Castrum Palumbar, Thomar, Ozezar et hoc quod dicitur Almouriol, et Eidaniam et Montem Sanctum.

Em portuguez: — Em 1208 florescia o mestre D. Gualdim, de geração em verdade nobre, natural de Braga, o qual no tempo do muito illustre rei de Portugal, Affonso, deixando a milicia secular, em breve brilhou, como estrella, porque, feito cavalleiro do Templo, partiu para Jerusalem, e alli durante cinco annos não largou as armas nem teve descanço; pois com seu mestre e confrades entrou em muitas batalhas contra o rei do Egypto e da Syria. E, sendo Ascalona tomada, logo foi contra Antiochia e, proseguindo, muitas vezes venceu o soldão. Passados os cincos annos, voltou para junto d'aquelle que o educara e armara cavalleiro. Feito em seguida procurador da casa do Templo em Portugal construiu o castello de Pombal, Thomar, Ozezar, este, que se chama d'Almourol, e o de Idanha e Monte Santo. A era é de Cesar e corresponde ao anno de Christo de 1170.

Alguns artistas que trabalharam nas obras do convento de Christo ou para elle forneceram artefactos

ARTISTAS

Ayres do Quental

Dissemos que fora este o architecto do corpo da egreja do convento de Christo. É provavel que tivesse alli delineado e dirigido outras construcções pois que o conde de Raczynski, na sua obra intitulada *Les arts en Portugal*, diz: — «Ayres do Quental é citado como mestre das obras de Thomar sob o governo de D. Manuel.»

João de Castilho

Nasceu em 1490 e foi um dos architectos que dirigiram as obras do mosteiro de Belem.

João de Castilho ligou ainda o seu nome ás obras do paço da Ribeira, destruido pelo terremoto de 1755, bem como ás do convento de Thomar e a outros primores d'architectura manuelina que

se acham espalhados em Portugal. Como engenheiro, fortificou Mazagão. Morreu a 15 d'agosto de 1581, d'edade de noventa e um annos. É ascendente do Visconde de Castilho, ha pouco fallecido. (*Vide Portug. illustres* do sr. P. Chagas)

No livro 34 da Chancellaria de D. João III, fol. 2, existe uma quitação dada a João de Castilho, por todos os trabalhos que elle executou durante os reinados de D. Manuel e de D. João III, até ao anno de 1541. Os trabalhos que elle executou em Thomar, mencionados no referido documento, são: o coro, a casa do capitulo, o grande arco da egreja, o portal da entrada principal, os aposentos da raínha, e os outros trabalhos de menor importancia nas officinas tanto do convento como da villa.

(*Raczynski*)

Antonio de Castilho

A respeito d'este architecto diz o sr. Vilhena Barbosa, tratando dos principaes artistas que trabalharam no mosteiro da Batalha: — «....por alvará do primeiro de junho d'este anno (1528) nomeou el-rei D. João III a Antonio de Castilho por mestre das ditas obras (da Batalha). Foi Antonio de Castilho, ao que parece, o architecto que commetteu a barbaridade de fazer a terceira e mais repugnante alteração no risco primitivo das

capellas imperfeitas, enxertando o estilo do renascimento na architectura gothico florida.

Não fez o artista esta affronta á arte e ao bom gosto, porque não fosse capaz de levar a cabo a obra como a projectara Matheus Fernandes. Bastam as construcções que desenhou e dirigiu no convento de Thomar, para lhe estabelecerem a sua reputação de eximio architecto n'esse estilo gothico-florido....» (Arch. Pitt. Vol. VI) pag. 407)

Era filho de João de Castilho, acima mencionado.

Gil Vicente

Era filho de Martim Vicente, ourives natural de Guimarães, e nasceu em 1460.

Gil Vicente dedicou-se á arte de seu pai e mais tarde foi ourives da rainha D. Leonor, viuva d'elrei D. João II. Por alvará de 15 de Fevereiro de 1509, D. Manuel nomeou-o vedor de todas as obras de ouro e prata feitas para o mosteiro de Belem, hospital de Todos os Santos e convento de Thomar. Por outros differentes documentos, em que se citam varios trabalhos artisticos de Gil Vicente, se vê que elle é um dos mais insignes representantes da ourivesaria da Renascença. Foi elle o admiravel lavrante da Custodia de Belem, como se sabe pelo testamento de D. Manuel. Gil Vicente é ao mesmo tempo um dos maiores vultos que

figuram na historia da litteratura portugueza.

É o fundador do theatro nacional e excellente poeta lyrico. Compunha os seus *Autos* e representava-os, como vemos pelos versos de André de Rezende, que lhe chamava *auctor e actor*; era elle que escrevia a musica dos seus vilhancicos: finalmente, teve uma grande missão politica na civilisação portugueza, o luctar pela liberdade de consciencia, pela secularisação da sociedade civil e o ter salvado em 1531 os habitantes de Santarem de uma carnificina de fanaticos. Quando em qualquer epocha apparece uma individualidade d'esta ordem, todos os pequenos factos da sua personalidade despertam o maior interesse. *(Vide Manual da historia da litteratura portug. por* T. Braga)

Olivel de Gand.

Dissemos que fora este o insigne esculptor que fizera as ricas e formosissimas cadeiras de talha para o coro da egreja do convento de Christo. D. Manuel impoz-lhe a obrigação de as concluir em tres annos. Fez tambem diversas obras no mesmo genero para a egreja de S. Francisco de Evora. Era flamengo e provavelmente da cidade de Gand, como o seu nome indica.

João Monoz

Esculptor em madeira, residente em Lisboa. Nas contas do convento de Thomar acha-se a memoria dos trabalhos que Monoz alli executou: duas cadeiras para o coro a 2$200 réis;— trabalhos na capella de Nossa Senhora, 10$000;— florões para os aposentos da rainha (tres grandes e quarenta pequenos), 2$006 réis;—seis leitos para a enfermaria, 3$000 réis;—reparações, 800 réis;—uma imagem de S. Roberto para a capella pequena;—trabalhos no coro e em volta do altar mor; certos arcos, reparação e dez dias de trabalho nos orgãos pequenos. »

(*Raczynski*)

Antonio de Hollanda.

Como o seu nome indica, era natural de Hollanda e veio a Portugal como pintor e illuminador pelos fins do seculo XV. Entre os illuminadores celebres da Europa até aos fins do seculo XVI figura—« Antonio de Hollanda, meu pae, ao qual nós podemos dar a palma por ter sido o primeiro que achou e fez conhecer em Portugal uma maneira suave de pintar a preto e branco, superior a todos as processos conhecidos nos outros paizes do mundo. » Isto diz seu filho, Francisco de Hollanda,

n'um dos seus manuscriptos, não obstante ser suspeito para fazer tal apreciação. N'um livro de contas dos trabalhos do convento de Thomar acham-se lançadas algumas verbas pagas a Antonio de Hollanda por diversos trabalhos de illuminação.

Francisco de Hollanda.

Como dissemos, era filho de Antonio de Hollanda. Nasceu em Portugal pelos annos de 1518, e vivendo na corte de D. Manuel, foi mestre de desenho dos principes, seus filhos. Enviado depois a Roma para formar o gosto nos modelos do classicismo italiano conviveu familiarmente com Miguel Angelo, marqueza Victoria Colonna e outros personagens celebres, ácerca dos quaes dá muito curiosas noticias n'um manuscripto de que o conde Raczynski tira largos extractos. Francisco de Hollanda deixou outras obras relativas á arte da pintura. Podemol-o accusar de vaidoso, mas é incontestavel que era homem erudito, pintor, embora mediocre, melhor architecto e eximio illuminador. D'este seu ultimo talento dá brilhante prova o livro, ou antes album das antiguidades de Italia, que existe no Escurial, e que os escriptos hespanhoes declaram um primor d'arte.

Egualmente se admiravam os livros do coro do convento de Christo, ricamente illuminados por

Francisco de Hollanda e que desappareceram por occasião que os francezes invadiram o nosso paiz em 1810.

Grão-Vasco

Reinou grande incerteza e escuridade sobre a existencia e obras deste celebre pintor que a tradição tornou legendario.

O conde Raczynski, vindo a Portugal fazer os seus estudos artisticos nos monumentos d'este paiz foi incançavel nas investigações a que se entregou a respeito d'esta notavel e mal conhecida personalidade. Publicando o resultado dos seus trabalhos n'um livro que intitulou *Les arts en Portugal* e que nos já aqui citámos, d'essa obra extrahimos o seguinte: — «Ser-me-ha difficil determinar quaes são os quadros que aqui se attribuem a Grão-Vasco. Parece-me que esta denominação, na idea que geralmente se lhe liga, designa antes uma cathegoria de velhos paineis, considerada sob o ponto de vista d'uma certa apparencia gothica, que lhe é propria, do que uma origem, um nome d'autor e mesmo uma nacionalidade distincta. Ha individuos que chegam a dizer que se encontram *Grão-Vascos* em grande numero na Allemanha; outros dão este nome indistinctamente a todos os quadros de Portugal que pertencem ao começo do seculo XVI; outros, emfim, estabelecem distincções: o que lhes pa-

rece bem executado, é sempre obra de Grão-Vasco; o que é inferior, é da sua eschola.

« .... Portugal possuia no tempo de D. Manuel, e mormente no tempo de D. João III, um bom numero de pintores nacionaes e estrangeiros; n'esta mesma epocha mandaram-se vir muitos quadros d'outros paizes, sobretudo de Flandres; e não obstante, todos estes quadros, ou quasi todos se confundem sob a mesma denominação: a de Grão-Vasco e da sua eschola.

.....

« Note-se bem: — 1.°. Que eu não nego a existencia de Vasco como pintor; 2.°. Que não nego que elle tenha sido habil; 3.°. Que não nego que entre os velhos quadros que me têm mostrado não haja alguns que sejam d'elle.

« Sustento somente que até hoje ninguem me forneceu uma prova em apoio da autenticidade d'um só dos seus quadros, que é impossivel que todos os quadros, a elle attribuidos, sejam obra do mesmo homem;.....

.....

«Ninguem duvida menos do que eu, que todos estes quadros, ou quasi todos, tenham sido feitos em Portugal; porem seus auctores inspiraram-se dos antigos pintores allemães ou flamengos.»

N'uma lista dos principaes quadros attribuidos a Grão-Vasco, que se acha na mesma obra, figu-

ram quatro grandes quadros pertencentes a egreja do convento de Thomar. O assumpto d'elles é — *A entrada em Jerusalem* — *A Resurreição* — *A Resurreição de Lazaro* — e *Christo e o Centurião.* Referindo-se a este ultimo, diz o conde Raczynski: «....descubro os traços de Alberto Durer. O que ha de seguro é que a coifa do Centurião indica ter sido copiada do retrato de Alberto Durer, pintado por elle mesmo e uma das mais preciosas reliquias que d'este grande pintor foram conservadas».

Mais adiante accrescenta: — «Os quatro quadros de Thomar, n'um dos quaes reconheço, na figura do Centurião, o retrato de Alberto Durer, tem merito relativamente á composição e desenho, mas parecem-me grosseiramente repintados.

....eu diria que vieram da Allemanha ou que foram pintados em Portugal por um allemão da eschola de Alberto Durer.»

Entretanto o conde Raczynski, não despresando a tradição que commemorava a existencia d'um pintor portuguez, natural de Vizeu, que se chamava Vasco Fernandes, commummente Grão-Vasco, proseguiu nas suas investigações, até que finalmente chegou a resolver esta difficil questão.

Posto que dos documentos obtidos pelo conde de Raczynski se deprehenda que o pintor portuguez Grão-Vasco não foi auctor dos quadros da

egreja do convento de Christo, porque este artista nasceu em 1552 e por consequencia os seus primeiros trabalhos devem ser de data muito posterior á da execução dos referidos quadros ; julgamos que não deixará de interessar aos leitores a resolução do problema, obtida pelo erudito auctor de *Les arts en Portugal.*

N'um supplemento ás noticias sobre Grão-Vasco, enviado por J. Bernardo, de Vizeu, ao conde Raczynski, lê-se : — «O cuidado que tive em corresponder ao desejo das pessoas distinctas que querem pagar um digno tributo á memoria do *grande artista* não tendo obtido um exito completo, procedi a novas pesquisas nos papeis dos archivos da egreja de Vizeu e cheguei emfim a descobrir alli o assento do baptismo de Vasco, que remonta a 1552.....Eis a copia «Aos 17 dias do mez de Setembro de 1552 baptisei *Vasco*, filho de Francisco Fernandes, pintor, e de Maria Henriques, sua mulher. Foram padrinhos, Egas Velho e Pedro Lopes, filhos de Affonso do Rego e Rodrigo Affonso, madrinhas, Maria Lopes, mulher de Gaspar Vaz, e Catharina Paes, mulher de Jeronymo Tavares, todos moradores n'esta cidade. E por verdade, assignei aqui. «Affonso Alves.»

.....

Ao receber esta communicação, o conde Raczynski escrevia : — «Parece-me que terminaremos por

conhecer Grão-Vasco muito melhor do que até aqui se tem conseguido. Quanto á sua habilidade como pintor, ao seu estilo e ás suas obras, só em Vizeu poderei formar idea.»

.....

Com effeito, passado mez e meio, o conde Raczynski chegava a Vizeu, e na sua communicação dizia: — «.....

Cheguei aqui hoje (28 de Julho de 1844) ás nove horas da manhã e dirigi-me logo á cathedral. O sr. Santos, gravâdor da Academia e o sr. Fonsecã, filho do professor d'este nome acompanharam-me n'esta viagem. Sentiam como eu uma grande impaciencia de conhecer emfim este Grão-Vasco, de quem tanto se fala e que tão pouco conhecido era. Vasco Fernandes, cognominado o *Grão Vasco*, filho do pintor Francisco Fernandes, nasceu em Vizeu em 1552..... A actividade artistica de Grão-Vasco pertence aos ultimos ánnos do reinado de D. Sebastião e á primeira metade da dominação hespanhola. Os *Dialogos moraes historicos e politicos* de Botelho Pereira, natural de Vizeu, datados de 1630, referem que o quadro representando *o Calvario*, que se acha na sé de Vizeu, na capella de Jesus é obra de Grão-Vasco. Este quadro nos servirá de termo de comparação para todas as obras de pintura que se podem razoavelmente attribuir á seu auctor. Eis

o que eu penso d'este quadro: — E' d'um grande merito, posto que mal conservado. Julgal-o-hia mais antigo que 1570, mas emfim os documentos são maior auctoridade que as minhas impressões.

Demais, as roupagens e a architectura nos quadros de Grão-Vasco são d'um estilo que se ajusta muito bem com a epocha, á qual nós ágora sabemos que elle pertenceu »

«Todas as obras de Grão-Vasco tem um caracter grave e elevado, que eu não descubro no mesmo gráo em nenhum dos quadros gothicos que tenho visto em Portugal.»

«Os quadros de Grão-Vasco não pertencem, como eu tinha supposto, á influencia italiana mas muito decididamente á de Alberto Durer;..... Direi mesmo que a influencia de Flandres e da Allemanha produziu melhores resultados que a da pintura classica de Italia.»

«Os quadros que vou citar e que até aqui tem sido attribuidos a Grão-Vasco, tem pouca analogia com *o Calvario* e com os outros quadros de Grão-Vasco que se acham em Vizeu; elles não tem outra conformidade senão a da epoca, que lhes é mais ou menos commum; quer dizer, são todos do mesmo seculo. »

Segue a citação na qual figuram os quatro qua-

dros da egreja do convento de Thomar acima indicados.

. . . . . .

«*Post scriptum* — Tem se fallado sempre d'uma eschola de Grão-Vasco. Até aqui não achei vestigios d'ella. Seria para admirar que os quadros gothicos que não são d'elle, fossem da sua eschola; pois que em 1570 não tinha mais que dezoito annos e é difficil suppor que podesse formar uma eschola antes de 1580..... Elle póde ter tido discipulos; mas nós nada sabemos a esse respeito; em todo o caso, não é a seus discipulos que se podem attribuir obras, que se reconhece por signaes certos pertencerem a uma epocha anterior ..... Alem d'isso, o que se diz a respeito d'uma eschola de Grão-Vasco, não tem outra prova senão a tradição e o dizer d'alguns auctores modernos. Temos aprendido a desconfiar das tradições e mais particularmente das que se referem a Grão-Vasco».

Mestre Francisco

Esculptor mencionado nas *Contas do Convento de Thomar*.

A este artista se referem as seguintes verbas: — «Recebeu elle e o seu companheiro, por collar e concertar os grandes e pequenos retabulos da cha-

rola — 4:200 réis. Recebeu mais, por uma imagem de um dos retabulos grandes da mesma charola e por collocar no seu logar os outros retabulos, — 2:600 réis.»

(*Conde*) *Raczynski*

Gregorio Lopes

Pintor hespanhol que veio a Portugal no reinado de D. Manuel. Trabalhou no convento de Thomar, e, segundo o texto das contas do dito convento, pintou muitos dos quadros que mais tarde se attribuiram a Grão-Vasco. Eis o que dizem as contas: «O dito recebedor pagou mais, em presença de mim, escrivão, por ordem do freire governador, 1:600 réis a Gregorio Lopes, que pintou um quadro de S. Antonio, outro de S. Bernardo, outro da Magdalena e dois retabulos da capella de Nosso Senhor.»

Morreu em 1551 e deixou um filho, Christovão Lopes, que tambem foi pintor e mais habil que seu pae.

(*Raczynski*)

Domingos Fernandes

Este pintor vivia no tempo de D. João III. Sabe-se que no anno de 1554 existia tambem um illuminador com este nome. É provavel que fosse o

mesmo individuo. A respeito d'este artista communica o visconde de Juromenha a Raczynski: «Domingos Fernandes, illuminador, que florescia durante o reinado de D. João III, fez differentes trabalhos para o convento de Thomar, como se vê nas respectivas contas.»

João de Penafiel

Calligrapho e illuminador, que, sob a direcção do Doutor Pedro Alvares Secco, escreveu e illuminou um livro intitulado: «Tombo dos bens, rendas, direitos e documentos do convento de Thomar, sede da ordem de Christo, que el-rei D. João III, administrador da mesma ordem, mandou fazer ao Doutor Pedro Alvares, seu desembargador da casa da Supplicação. Este livro só se concluiu durante o reinado de D. Sebastião.

(*Raczynski*)

Pedro Fernandes de Torres

Parece que foi este o architecto, ou um dos architectos, que dirigiram as obras mandadas fazer no convento de Thomar pelos Filippes. Existe na Torre do Tombo um desenho da fonte do convento de Thomar, do tempo de Filippe II, rubricado por este artista.

(*Raczynski*)

Fernando Gallegos

A respeito d'este pintor diz Piétro Guarienti no seu *Abecedario Pittorico*: « Afamado pintor de Salamanca, imitando Alberto Durer de tal maneira que se tem acreditado que fora seu discipulo. Veem-se muitas obras suas n'aquella cidade, bem como em Portugal. Em casa do sr. Marquez D. Luiz de Menezes, vice-rei das Indias, existe um quadro de grande merecimento, em madeira, representando Nosso Senhor crucificado, e no qual se vê a assignatura d'este pintor. Vivia no anno de 1580. » Todavia, segundo Bermudez morreu em 1550.

O conde Raczynski, transcrevendo este trecho na sua obra, *Les arts en Portugal*, pag. 322, accrescenta: — « Sinto-me deveras tentado a attribuir o *centurião* da Academia e os tres adjunctos, provenientes de Thomar, a este Gallegos, por causa do caracter *dureriano*, muito pronunciado que lhe descubro, e tambem por causa da conformidade do estylo d'estas obras com o da epocha em que elle viveu. »

Sulpicio

Esculptor italiano que trabalhou em Portugal no reinado de D. João III. Fez no convento de Thomar um retabulo d'argilla, representando a

quinta dor da Virgem, e os trabalhos d'alvenaria que fazem parte do mesmo retabulo. Reparou tambem um pequeno retabulo de S. Jeronymo. Executou alem d'isto seis pequenas imagens que faltavam nas capellas, e que lhe foram pagas a 400 réis cada uma.

(*Raczynski*)

Fr. Estevão de Christo

A ordem militar de Christo conta entre os seus membros dois musicos distinctos: deixar de os mencionar n'esta pequena lista equivaleria a negar-lhes o nome de artistas, que lhes pertence. O primeiro, Fr. Estevão de Christo, viveu nos fins do seculo XVI e principios do XVII. Era tal a sua reputação como musico, que foi chamado a Madrid para dirigir a orchestra da capella real na Semana Santa.

Morreu na Luz, ao pé de Lisboa, em 1609

Fr. Fernando d'Almeida

Nasceu em Lisboa e professou no convento de Thomar, chegando a exercer altos cargos religiosos. Foi musico muito distincto e muito apreciado por D. João IV que era conhecedor. Escreveu umas *Lamentações, Responsorios, e Misereres dos tres of-*

ficios da quarta, quinta e sexta feira da Semana Santa, que foram compilados n'um livro manuscripto, que ainda no seculo passado existia no convento de Thomar. D. João IV ouvio estas musicas e tanto lhe agradaram que quiz que fossem cantadas na capella real, mandando para esse fim tirar uma copia do livro.

Alem d'isso escreveu uma *Missa a doze vozes*, que desappareceu no terremoto de 1755.

Fr. Fernando d'Almeida falleceu em Thomar a 21 de Março de 1660.

Diccion. Popular em public. —

Obras que foram consultadas para a execução d'este trabalho

C. Cantu — Historia Universal — trad. portug. 2.ª ed.

L. Lurine e *A. Brot* — Mysterios dos conventos — trad. portug.

A. Herculano — Historia de Portugal.

Rebello da Silva — Historia de Portugal do seculo XVI e XVII.

Idem — O infante D. Henrique — Artigos publicados no vol. IX do *Archivo Pittoresco*.

P. Santa Rosa de Viterbo — Elucidario de palavras, etc.

Fr. B. da Costa — Historia da ordem militar de N. S. Jesus Christo.

A. Raczynski — Les arts en Portugal e Dictionnaire artistique.

P. Chagas — Portuguezes illustres.

Idem — Diccionario popular, historico, geographico, etc.

T. Braga — Manual da historia da litteratura portuguezã.

Porém o que na maxima parte nos serviu de

guia foram os excellentes artigos do sr. I. de Vilhena Barbosa, publicados no vol. X do *Archivo Pittoresco*.

INDICE

Pag.

Advertencia..... 5

Parte historica

I — Fundação da ordem do Templo.... 11
II — Instituto e engrandecimento progressivo da ordem..... 19
III — Os cavalleiros do Templo em Portugal. Castello e residencia capitular da ordem em Thomar..... 27
IV — Accusação e processo dos templarios; iniquidades contra estes; extincção da ordem..... 53
V — Instituição da ordem de Christo... 71
VI — Estabelecimento da ordem de Christo no castello de Castro Marim; successos que determinaram a sua mudança para Thomar: triumphos d'esta milicia n'este periodo..... 81
VII — Mudança dos cavalleiros de Christo para Thomar; illustração e engrandecimento progressivo d'esta ordem..... 93

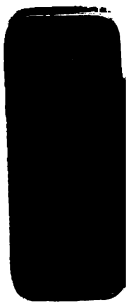
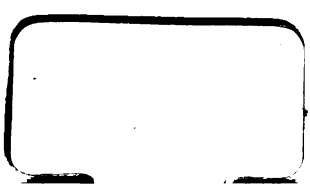
VIII — Reforma da cavallaria de Christo por el-rei D. João III; sua decadencia moral; reconhecimento de Filippe II de Hespanha como soberano de Portugal nas côrtes celebradas no convento de Christo; progresso nas amplificações materiaes do convento..... 103
IX — A ordem de Christo desde 1640 até á sua extincção como corporação religiosa..... 109

Parte descriptiva

I — Santa Maria dos Olivaes, matriz das egrejas da ordem do Templo e de Christo..... 117
II — Torre junto á egreja de Santa Maria do Olival..... 129
III — O castello dos templarios..... 133
IV — A egreja..... 141
V — Casas do capitulo..... 151
VI — Claustros..... 157
VII — Salas chamadas das côrtes. Reunião dos tres estados convocados por D. Filippe II de Castella em 1581, e local em que se effectuou..... 161
VIII — Edificio do convento; dormitorios, re-

feitorio, aposentos do prior-mór, hospedarias, etc..... 171
IX — O aqueducto..... 175
X — A cerca..... 177
Additamento..... 179

Alguns artistas que trabalharam nas obras do convento de Christo ou para elle forneceram artefactos.. 181

ERRATAS PRINCIPAES

Pag.	linha.	erro	emenda
20	25	nomem	nomen
22	7	da ordem	e da ordem
31	10	Froilar	Froilaz
39	25	papulosa	populosa
48	23	faria	fazia
83	28	como taes	taes como
99	19	dizer a	a dizer
101	13	ao que	do que
105	9	fariam	faziam
106	7	por talvez	por ser talvez
»	22	objecções ignaras	abjecções ignavas
112	3	adversarios	adversos
134	26	Marti	Martii
138	21	o terreno	o terreo